

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* - MESTRADO EM
HISTÓRIA

WESLEY MARTINS DA SILVA

O AMERICANISMO NO CINEMA EM GOIÂNIA-GO
NO INÍCIO DA DÉCADA DE 50

GOIÂNIA
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO EM
HISTÓRIA.

Aluno: Wesley Martins da Silva

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS) para obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Albertina Vicentini.

GOIÂNIA
2017

S586a

Silva, Wesley Martins da

O americanismo no cinema em Goiânia-GO no início da década de 50 [manuscrito]/ Wesley Martins da Silva.-- 2017.

175 f.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em História, Goiânia, 2017

Orientadora: Dr^a Albertina Vicentini Assumpção.

Bibliografia: p. 104-109

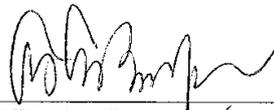
1. Cinema - Goiânia (GO). I. Almeida, Albertina Vicentini Assumpção Rodrigues de. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 791(043)

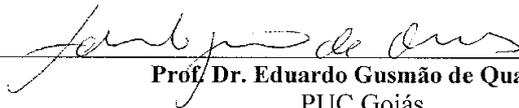
O AMERICANISMO NO CINEMA EM GOIÂNIA-GO NO INÍCIO DA DÉCADA DE 50

Dissertação aprovada em 21 de fevereiro de 2017, no curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para a obtenção do grau de Mestre em História.

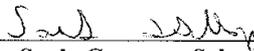
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Albertina Vicentini Assumpção
PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros
PUC Goiás



Prof. Dr. Saulo Germano Sales Dallago
UFG

Prof. Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura
PUC Goiás (suplente)

Prof. Dr. Eduardo José Reinato
PUC Goiás (suplente)

Dedico este trabalho
a todos os pesquisadores
entusiasmados com a arte
cinematográfica. Em especial,
aos goianos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela paciência e a força de persistência.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na pessoa do professor Drº Eduardo Gusmão de Quadros, quem primeiramente me recebeu e incentivou a caminhada.

À professora Drª Albertina Vicentini, que não somente me deu orientação neste trabalho, mas também dedicou-me muita paciência e compreensão.

À Fundação CAPES, que, com o aporte financeiro, proporcionou-me a possibilidade de concluir este Mestrado.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História da PUC-GO.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e a todos os seus colaboradores, que entenderam a seriedade da pesquisa e me abriram suas portas.

Aos funcionários das bibliotecas da PUC-GO, UFG-GO, do Centro Cultural Marieta Telles, do Museu da Imagem e do Som e do Arquivo do Estado pela paciência e ajuda na pesquisa.

Aos meus colegas de turma, que, por meio de muitos encontros e desencontros, foram cada um encontrando seu caminho.

Ao meus pais, que compreenderam os momentos de minha ausência dedicados a esse trabalho.

Aos amigos, em especial ao irmão de consideração, Saulo Dallago, que há muito tempo me incentiva a percorrer este caminho acadêmico.

À minha esposa, Jayla Siqueira Pinto Martins, pela paciência principalmente nos altos e baixos da pesquisa, mas além de tudo pela compreensão de minha ausência atrás de material para a produção desta dissertação.

RESUMO

SILVA, Wesley Martins da. *O americanismo no cinema em Goiânia-GO no início da década de 50* - Dissertação de Mestrado (História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

Este trabalho verifica a inserção do americanismo em Goiânia por meio do cinema do início de 1950. Foi estruturado de modo a oferecer uma visão da conjuntura mundial da época, da política brasileira diante dos Estados Unidos da América, a criação de Goiânia e seus primeiros cinemas. A fonte primária foi o Jornal *Folha de Goiaz* e seu conteúdo relacionado às casas de espetáculo anunciadas: Cine Campinas, Cine Goiaz, Cine Santa Maria e Cine Teatro Goiânia. Dividida em três capítulos aborda primeiramente a relação entre Estados Unidos da América e o Brasil e os aspectos políticos nos anos 40 e 50. Seguindo realiza uma exposição sobre a influência americana na imprensa brasileira. Traz ainda, no último capítulo, os resultados quantitativos sobre gênero e procedência dos filmes catalogados no período. Os resultados apresentados têm como amostragem o primeiro semestre de 1950.

Palavras-chave: Americanismo, cinema, Goiânia.

ABSTRACT

SILVA, Wesley Martins da. *Americanism in cinema in Goiânia-GO in the early 1950's* - Masters dissertation (History) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

This work verifies the insertion of Americanism in Goiânia through the cinema of the beginning of 1950. It was structured in order to offer a vision of the world conjuncture of the time, of Brazilian politics before the United States of America, the creation of Goiânia and its first cinemas . The primary source was the Jornal Folha de Goiaz and its contents related to the announced houses of cinema: Cine Campinas, Cine Goiaz, Cine Santa Maria and Cine Teatro Goiânia. Divided into three chapters, it first deals with the relationship between the United States of America and Brazil and the political aspects in the 1940s and 1950s. Following is an exposition about the American influence in the Brazilian press. It also brings, in the last chapter, the quantitative results on gender and origin of the films cataloged in the period. The results are sampled in the first half of 1950.

Keywords: Americanism, cinema, Goiânia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Capa da Revista Em Guarda	25
FIGURA 2 –	Walt Disney no Brasil	28
FIGURA 3 –	Capas do jornal <i>The New York Times</i> e do jornal <i>Folha de Goiaz</i>	53
FIGURA 4 –	Página da programação cultural na <i>Folha de Goiaz</i>	54
FIGURA 5 –	A terceira página do jornal <i>Folha de Goiaz</i>	55
FIGURA 6 –	Dois anúncios de típicas famílias americanas	65
FIGURA 7 –	Cine Campinas. Década de 40.	67
FIGURA 8 –	Cine Goiaz. Década de 40.	68
FIGURA 9 –	Cine Teatro Goiânia. Década de 50.	82

LISTA DE QUADROS/TABELAS

QUADRO 1 –	Classif. dos Filmes exibidos – nacionalidade – Cine Santa Maria	89
QUADRO 2 –	Classif. dos Filmes exibidos – nacionalidade – Cine Campinas	90
QUADRO 3 –	Classif. dos Filmes exibidos – nacionalidade – Cine Goiaz	90
QUADRO 4 –	Classif. dos Filmes exibidos – gênero – Cine Santa Maria	95
QUADRO 5 –	Classif. dos Filmes exibidos – gênero – Cine Campinas	96
QUADRO 6 –	Classif. dos Filmes exibidos – gênero – Cine Goiaz	97

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 –	Programação do Cine Santa Maria	110
ANEXO 2 –	Programação do Cine Goiaz	128
ANEXO 3 –	Programação do Cine Campinas	153

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 - Os Estados Unidos da América e o Brasil	16
1.1 - A década de 50 e a abrangência das superpotências pós-guerra	16
1.2 - O Brasil em tempos de Guerra Fria	17
1.3 - A década de 40 e a política de "boa vizinhança"	22
1.4 - A americanização no Brasil	25
1.5 - O ideal do cinema e o cinema ideológico	32
Capítulo 2 - A imprensa e o cinema	46
2.1 - O jornal impresso e a <i>Folha de Goiaz</i>	46
2.2 - Goiânia, a caboclinha do cerrado	56
2.3 - As casas de cinema goianas	66
2.4 - O Cine Campinas e o Cine Goiáz	67
2.5 - A Miss Brasil goiana nas telas goianienses	71
2.6 - O Cine Santa Maria	74
2.7 - O início da programação regular no jornal <i>Folha de Goiaz</i>	76
2.8 - A matinê no Cine Santa Maria	78
2.9 - Cine Teatro Goiânia	81
2.10 - A modernidade conservadora americanizada em Goiânia	86
Capítulo 3 - A programação cinematográfica goianiense	89
3.1 - A hegemonia do cinema americano em Goiânia	89
3.2 - Gêneros cinematográficos exibidos nos cinemas goianienses	92
Considerações finais	102
Referências	104
Anexos	110

Introdução

Segundo levantamento do Ministério da Cultura de 2009, na cidade de Goiânia, havia 0,31 salas de cinema para 100.000 habitantes (*Cultura em Números*, p. 41), ou seja, 31 salas de exibições cinematográficas. Destas salas, apenas duas de programação familiar se encontravam fora dos Shoppings. Ao longo de sua história, o centro da capital do estado de Goiás perdeu seus cinemas para incêndios, comércio ou igrejas evangélicas. O mesmo aconteceu com o setor Campinas, que, nos anos 50, abrigava dois cinemas de grande prestígio na cidade, Cine Goiaz e Cine Campinas, salas hoje inexistentes.

Por outro lado, no setor Central, ainda existem resquícios do cenário cinematográfico da década de 50: o Cine Santa Maria, "primeira sala de cinema do setor central que antes era chamada de Cine Popular" (LEÃO, 2010, p. 17); e o Teatro Goiânia, que era chamado apenas de Cine Goiânia (*Folha de Goiaz*, 1950). No entanto, seu papel social atual difere muito do que foram nas suas raízes, sendo o primeiro destinado à exibição de filmes pornográficos e o outro predominantemente para espetáculos teatrais.

De outro lado, no início da década de 50, em Goiânia, o cenário era tomado por filmes hollywoodianos na programação da cidade (sem ou com pouco espaço para filmes nacionais) e o setor central era a principal área de entretenimento. Até mesmo os trajes sociais eram outros: terno e gravata para os homens e vestido de eventos sociais para mulheres, para se frequentar o cinema. O tamanho dos cinemas também era bem diferente: os prédios eram projetados para receber grande público às sessões.

O ano de 1950 veio após grandes transformações no cenário mundial, brasileiro, goiano e goianiense: término da Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas voltando ao poder, o interventor do Estado Pedro Ludovico Teixeira consolidando a nova capital e Goiânia continuando seu desenvolvimento econômico, social e cultural.

Neste contexto, temos os Estados Unidos da América - EUA, que queriam mostrar o capitalismo como a melhor opção de sistema econômico e se colocavam como os defensores da democracia. Na América Latina, constroem uma zona de influência que aumentou a cada dia, especialmente no Brasil. Essa influência se localizou da política à cultura, exercida pela estratégia da boa vizinhança, passando aos brasileiros seus valores, comportamentos e o *american way of life*, ou seja, o estilo de vida americano.

Essa política americana, se olhada a partir da cultura, teve seus soldados escalados no Birô Americano no Brasil e manteve: a influência sobre o DOPS, a Revista *Seleções*, os jornais brasileiros, o rádio (por exemplo o Repórter Esso) e o Cinema hollywoodiano.

Walt Disney e Douglas Fairbanks foram dois agentes que, no início dessa estratégia,

vieram pessoalmente demonstrar a boa vontade do povo estadunidense em unir as culturas, desde que o *olá* se tornasse *hello*.

O cinema goianiense não escapou dessa influência. Desde o seu início, na década de 40, a hegemonia de filmes norte-americanos se iniciou nas nossas salas exibidoras. No início de 1950, como nossa amostragem de pesquisa confirmou, se mostrou consolidada a exibição de filmes de gênero norte-americanos em detrimento de filmes mais reflexivos e autorais europeus e exclusão da cinematografia brasileira.

As grandes casas de exibição da época foram extintas e hoje estão destinadas à exibição de filmes pornográficos, espetáculos teatrais ou igrejas evangélicas, conforme dissemos. A fundamental importância histórica que tal pesquisa concentra, portanto, está em perceber o auge da influência americana no Brasil, pois o que vemos hoje ainda é efeito de ações realizadas nesta época. Para se ter uma ideia, atualmente, nem o nome dos cinemas são regionais como era em épocas anteriores. Nomes como Cine Campinas e Cine Goiaz extinguíram-se e apareceram Cinemark, Lumière, Movicom e outros. Com isso, podemos perceber como o passado cultural da região central de Goiânia e do setor Campinas não foram assim tão diferentes.

Para este trabalho, utilizamos como fonte principal de pesquisa o jornal *Folha de Goiaz*, que se encontra nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, onde estão em papel original. O jornal *Folha de Goiaz* era um diário matutino, fundado em 1939 por Gerson de Castro Costa, Walter Carvalho, Alvares & Machado, mais tarde vendido aos “Diários Associados” de Assis Chateaubriand.

Para a realização deste projeto foi efetivada uma pesquisa prévia para avaliação do estado desses arquivos, sua legitimidade gráfica e a qualidade da informação escrita. A partir dessa avaliação preliminar, presumimos o argumento deste nosso trabalho: o de que o cinema goianiense esteve atrelado ao processo de americanização da sociedade brasileira através da exibição principalmente de filmes de gênero norte-americanos: faroestes, dramas familiares, comédias românticas, filmes de aventuras, séries complementares às exibições, etc. Foram fotografadas e catalogadas todas as edições disponíveis do primeiro semestre de 1950, que se tornaram um vasto acervo pessoal de pesquisa.

Como suporte histórico e teórico, buscamos obras de autores como Antonio Pedro Tota (2000), Boris Fausto (1994), Eduardo Benfica (1995), Eric Hobsbawm (1995), Gerson Moura (1984), Ivete Huppés (2000), Nasr Fayad Chaul (2009), Walter Benjamin (1994) e outros, pelas suas contribuições acerca da escrita da história do período proposto.

A pesquisa foi dividida em 3 (três) capítulos: Estados Unidos da América e o Brasil,

nele abordamos o período pós-guerra e a política de “boa vizinhança” que se inicia na década de 40. No segundo capítulo tratamos a questão da imprensa no Brasil e a implantação do “*american way of life*” e, por último, analisamos a questão dos gêneros cinematográficos, dos filmes exibidos nos cinemas goianienses estudados, além disso verificamos o país de procedência dos mesmos.

Capítulo 1 – Os Estados Unidos da América e o Brasil

1.1 – A década de 50 e a abrangência das superpotências pós-guerra

Ainda no final dos anos 40 e já tomando toda década de 50, o mundo viveu sob a forte pressão e a ameaça de uma nova guerra mundial, mesmo estando ainda sob os escombros da última guerra que, se, de um lado, assombrou o mundo com o nazismo, de outro fomentou, isto é, abriu possibilidades para inovações científicas e tecnológicas.

Os avanços benéficos ocorreram na área da saúde, quando novos medicamentos e esperanças de cura de antigas doenças que assolavam a humanidade foram propostos, inclusive com a descoberta de drogas antidepressivas (MORENO, 1999). A produção de alimentos evoluiu e colocou a possibilidade de aumento crescente do que poderia atender às demandas futuras.

Eletrodomésticos e novidades foram levadas para dentro do lar, com cores e estéticas que atendiam ao gosto do consumidor. A comunicação, com grande desenvolvimento na guerra, diminuiu a distância entre países ou ao menos deixou mais claras as diferenças sociais que cada região no mundo vivia. Ao menos, era isso era o propagado nessa área na década de 50 (ARRUDA, 2007).

A chamada Guerra Fria, encabeçada pela disputa de regimes governamentais entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União Soviética, trazia um desenvolvimento tecnológico que tendia mais a mostrar o que cada potência poderia representar aos seus seguidores. O lançamento de satélites foi um exemplo disso.

De outro lado, países que antes eram superpotências, como França e Inglaterra, se viram enfraquecidas no pós-guerra. Com o poder do capitalismo, os EUA conquistaram importantes países na Europa e no Oriente e, assim, se mostraram e se espalharam como os defensores da democracia liberal. O Brasil foi mais uma extensão desse ideal que atingiu os países vizinhos próximos aos Estados Unidos. O grande problema dos norte-americanos foi Cuba, que sofreu grande influência da União Soviética, embora outros, na Europa e no Oriente, também tenham aceitado a mesma opção dos cubanos (SILVA, 2006).

Se havia paz, o clima era, no entanto, de muita tensão. Os EUA já haviam mostrado seu poderio armamentista quando explodiram Hiroshima e Nagasaki e, de seu lado, a União Soviética também estava em pleno desenvolvimento de armas nucleares. Na guerra entre as duas potências, a URSS tomou a frente no lançamento de satélites. O lançamento do Sputnik

I em 4 de outubro de 1957 marcaria o início do que viria ser conhecido como corrida espacial.

No entanto, embora o lançamento do Sputnik integre o histórico evento, o início da Era Espacial não se deve ao primeiro satélite artificial, mas sobretudo aos planos estratégico-militares de cada superpotência com relação à outra. Mil vezes mais importante que a inofensiva esfera de 83,6 kg posta em órbita, com diâmetro de 58 cm, contendo dois emissores de rádio de 1 W alimentados por duas baterias químicas, é o foguete (R-7, apelidado de Semiorca) que a leva ao espaço. Trata-se do primeiro míssil balístico intercontinental, devidamente testado e qualificado. E, ademais, no dia 8 de novembro de 1957, o governo soviético anuncia o teste de uma nova bomba de hidrogênio “mais poderosa”. (FILHO, 2003, p. 262)

Apesar da aceitação da democracia liberal, o desenvolvimento do nacionalismo foi grande na década de 50, mesmo que alguns países mal conseguissem manter um pequeno exército para sua defesa.

Pelo mundo, aliados foram conseguidos pelos EUA principalmente devido à ajuda financeira concedida a países simpatizantes do capitalismo que estavam em dificuldades devido à guerra. Temos assim que,

Em 5 de junho de 1947 o general George Marshall - recém-nomeado secretário de Estado dos EUA - proferiu na Universidade de Harvard o discurso em que era divulgada a intenção norte-americana de apoiar todos os países depauperados pela Segunda Guerra Mundial na sua obra de recuperação econômica. A proposta contida no discurso foi aceita apenas pelos países da Europa Ocidental, que acabaram por reconhecer nela a via mais adequada para o seu <<renascimento>> econômico. Deu-se então corpo à realização de um vasto e complexo programa que, com uma duração prevista de quatro anos, viria a estimular os países participantes a romperem o impasse econômico em que se encontravam e a auxiliar o cumprimento do processo de reconstrução e recuperação das suas economias. (ROLLO, 1994, p.842)

Essa ajuda era o *European Recovery Program*, definido pela Lei de Cooperação Econômica, aprovada em 3 de abril de 1948 pelo Congresso dos EUA (ROLLO, 1994), mais conhecida como Plano Marshall. De outro lado, China, Coréia e Vietnã, que formaram repúblicas populares, fortaleciam a União Soviética.

Armas e economia foram fatores predominantes nesta guerra fria, mas já havia outra estratégia forte de controle e ilusão de benefícios de cada regime: a propaganda ideológica.

Justamente nessa época o cinema seria chamado à batalha por conquistas.

1.2 - O Brasil em Tempos de Guerra Fria

No final da década de 40, o Brasil mostraria nitidamente seu lado nessa Guerra Fria. Apesar de as eleições presidenciais de dezembro de 1945 terem a presença regulamentada do

Partido Comunista Brasileiro (PCB) -

A votação do PCB, agora na legalidade, foi bastante expressiva. Lançando um candidato desconhecido - o engenheiro Iedo Fiúza, ex-prefeito de Petrópolis - o PCB alcançou uma votação correspondente a 10% do total, com uma significativa concentração em eleitores das grandes cidades. Os comunistas se beneficiaram internamente do prestígio de seu líder Luís Carlos Prestes e, externamente, do prestígio da União Soviética, que pagara o preço mais alto em vidas e perdas materiais para derrotar o nazi-fascismo. (FAUSTO, 1995, p.398) -

a eleição foi vitoriosa ao candidato do Partido Social Democrata (PSD), o General Eurico Gaspar Dutra. Seu governo, que se iniciou em janeiro de 1946, teve em 18 de setembro deste mesmo ano promulgada a nova Constituição Brasileira.

Sem dúvida, a Constituição se afastava da Carta de 1937, optando pelo figurino liberal-democrático. Em alguns pontos, entretanto, abria caminho para a continuidade do modelo corporativo. O Brasil foi definido como uma República Federativa, estabelecendo-se as atribuições da União, Estado e municípios. Fixaram-se também as atribuições dos três poderes: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. O Poder Executivo seria exercido pelo presidente da República, eleito por voto direto e secreto para um período de cinco anos. (FAUSTO, 1995, p.399)

Dutra, no entanto, baixou o decreto-lei nº 9070¹, que dispunha “sobre a suspensão ou abandono coletivo do trabalho e dá[va] outras providências”, ou seja, regulamentava o direito de greve. Mesmo com a promulgação da Constituição de 1946², em que constava o "Artigo 158 - É reconhecido o direito de greve, cujo o exercício a lei regulará", o decreto continuou sendo o regulador desse tipo de manifestação, que ganhava na época cada vez mais ímpeto e era apoiada pelos comunistas (FAUSTO, 1995).

O governo inicia, assim, a repressão ao Partido Comunista.

Em maio de 1947, a partir de denúncias apresentadas por dois obscuros deputados do PTB, o Supremo Tribunal Federal decidiu cassar o registro do Partido Comunista. A decisão controversa, tomada por apenas um voto de diferença (três a dois), baseou-se em texto da Constituição. Ele vedava a existência de qualquer partido político cujo programa ou ação contrariasse o regime democrático, baseado na pluralidade dos partidos e na garantia dos direitos fundamentais do homem. (FAUSTO, 1995, p.402)

O Tribunal Superior Eleitoral baixa, então, a Resolução³ nº 1.841 de 7 de maio de 1947. Teve como 1º Requerente: Honorato Himalaya Vergolio e 2º Requerente: Edmundo Barreto Pinto. Apesar de a resolução se dirigir a dois requerentes, seus requerimentos não foram em

¹ Decreto-lei nº 9070 de 15 de março de 1946. Acessado pelo link <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del9070.htm> em 26/12/2016.

² Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946), acessado pelo link <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm> em 26/12/2016.

³ Cancelamento do registro do PCB - Resolução nº 1.841 - acessado pelo link <<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tse-resolucao-1841-cancelamento-do-registro-do-pcb>> em 27/12/2016.

conjunto. O primeiro se apresentou⁴ como brasileiro, advogado e domiciliado no Rio de Janeiro. O segundo era Deputado Federal e aprofundava mais seu requerimento⁵ em relação ao primeiro, inclusive com documentos anexos. Em seu texto descreve que:

Os documentos anexos e as próprias declarações do Partido - docms. 5 a 41, provam de modo inequívoco que se trata de uma organização internacional, que responde e segue os ritos do comunismo da URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Além do mais, dos documentos de ns. 15 a 19, provam que, num caso de guerra com a Rússia, os comunistas ficarão contra o Brasil, ou seja, um traição à Pátria, provocando uma revolução interna. (PINTO, 1946, p.1-2)

Assim, os requerimentos corroboravam a intenção do governo de excluir o Partido Comunista nas suas duas vertentes: o cidadão comum representado pelo primeiro requerente e um representante eleito para representar os interesses do povo.

De outro lado, no âmbito econômico, o final dos anos 40, mais precisamente 1947, o crescimento do país começava a ser medido de maneira mais eficaz através da apuração do Produto Interno Bruto (PIB) e, junto à repressão aos movimentos sindicais (comunistas), o Brasil crescia, embora de maneira contraditória.

O PIB abrange o valor da produção agrícola e industrial, assim como dos serviços prestados, incluindo os serviços de intermediação correspondentes ao comércio. Tomando-se como base o ano de 1947, o PIB cresceu em média 8% ao ano, entre 1948 e 1950. Em contrapartida, a repressão do movimento sindical permitiu que se impusesse uma compressão de salários. Calcula-se que entre 1949 e 1951 o aumento do custo de vida foi de 15% em São Paulo e de 23% no Rio de Janeiro, enquanto o salário médio cresceu 10,5% em São Paulo e 12% no Rio de Janeiro. (FAUSTO, 1995, p.404)

Ainda assim, mesmo na presidência, Dutra não conseguiria reunir força suficiente para eleger seu candidato à sucessão, que tinha como adversário Getúlio Vargas.

A política adotada por Vargas, que novamente era candidato a presidente, era de cunho nacionalista. A ideia era a valorização do café, a resolução da eletricidade e o combate às forças internacionais. Tal ideologia concernia aos interesses de classe das elites, como empresários, políticos, tecnocratas e militares ligados ao Estado. Contudo, o candidato à presidência prometia: “se for eleito a 3 de outubro, no ato de posse, o povo subirá comigo as escadas do Catete. E comigo ficará no governo.” (*Apud* SKIDMORE, T., 1969, p.108)

Esse foi um discurso muito difundido, embora não tenha sido o único de Vargas para

⁴ Requerimento original acessado pelo link <
http://www.tse.jus.br/hotSites/registro_partidario/pcb/arquivos/peticao_inicial_Cancelamento_do_partido.pdf>
em 27/12/2016.

⁵ Requerimento original acessado pelo link <
http://www.tse.jus.br/hotSites/registro_partidario/pcb/arquivos/PETICAO_INICIAL_CANCELAMENTO.pdf>
em 27/12/2016.

voltar ao poder.

Getúlio baseou sua campanha na defesa da industrialização e na necessidade de se ampliar a legislação trabalhista. Modulou seu discurso de acordo com cada Estado que percorria. No Rio de Janeiro, onde a influência comunista era real, chegou a dizer que, se fosse eleito, o povo subiria com ele os degraus do Palácio do Catete e ficaria no poder. (FAUSTO, 1995, p.405)

Segundo o TSE, na apuração, Getúlio venceu a presidência em 3 de outubro de 1950 com 48,7% dos votos, enquanto Eduardo Gomes, na segunda colocação, obteve 29,7%. Continuavam, assim, as suas propostas nacionalistas. Entretanto,

o nacionalismo varguista tinha duas facetas. Era, por um lado, uma estratégia de política econômica que não rompia inteiramente a dependência com relação ao capital internacional e imperialista. Por outro lado, tratava-se de uma ideologia elaborada e imposta pelos grupos que controlavam o Estado e que procuravam associar os interesses burgueses com os interesses do todo o povo brasileiro, como se fossem, em todos os aspectos, uma coisa só. (ALENCAR, 1981, p.281-82)

Mas interesses e diretivas também eram traçadas pelos membros das Forças Armadas, cujos sintomas de alinhamento com os Estados Unidos eram claros. Por exemplo, o manifesto dos seiscentos oficiais contra a *Revista Militar* que, para eles, tinha conteúdos "russófilos" e que deveria ser suspensa (e foi) para que o clima de unidade voltasse ao país (FAUSTO, 1995, p.408).

A situação do governo ainda contava com a elevada inflação herdada da administração anterior. Assim,

Getúlio se via obrigado a manobrar em um mar de correntes contraditórias. De um lado, não podia deixar de se preocupar com as reivindicações dos trabalhadores, atingidos pela alta do custo de vida; de outro, precisava tomar medidas impopulares no sentido de controlar a inflação. (FAUSTO, 1995, p.410)

Em 3 de outubro de 1953, ocorreria a criação da Petrobrás, projeto que se tornou símbolo da nacionalização da pesquisa, exploração e refino de petróleo. Mas a apresentação do projeto de Vargas não foi bem esse: "O texto original não estabelecia o monopólio estatal de direito e, além disso, permitia a participação do capital privado e estrangeiro, embora limitado ao máximo de 15% do total." (MARTINS, 2015, p. 412-413)

Para que o projeto não fosse descartado ou até mesmo descaracterizado totalmente do original, Vargas iniciou uma estratégia junto a Câmara.

Essa tarefa coube ao líder da maioria, o deputado Gustavo Capanema (PSD), que negociou com as lideranças dos partidos um acordo sobre a questão. Por este, era alterado o texto original do projeto governamental para incluir oficialmente o monopólio estatal do petróleo, eliminar do corpo de acionistas pessoas jurídicas de direito privado que tivessem sócios estrangeiros e estabelecer claramente que a União jamais abriria mão de 51% das ações da empresa. Entretanto, Capanema exigiu a manutenção do capital privado, das concessões às refinarias particulares e

da exclusão do comércio atacadista do monopólio. (MARTINS, 2015, p. 415)

Em 24 de agosto de 1954, data do suicídio de Getúlio Vargas, inicia o Brasil um novo capítulo de sua história, em que a ideia de modernidade varguista e nacionalista seria novamente colocada à prova na tentativa de um golpe para colocar João Goulart no poder, que teve sua neutralização efetuada pelo legalismo do ministro da Guerra General Henrique Lott para que em novas eleições assumisse Juscelino Kubitschek. Tal fato fecharia um ciclo a que se seguiria uma nova etapa de modernidade na eleição de JK à presidência da República: “Os 50 anos em 5”.

As metas do governo JK tinham seis grandes grupos: educação, transportes, alimentação, indústria de base, energia e a construção da nova capital federal - Brasília. Politicamente, Juscelino já trataria de dedicar atenção aos militares.

O presidente tratou de atender reivindicações específicas da corporação militar, no plano dos vencimentos e de equipamento. Tratou também de manter, tanto quanto possível, o movimento sindical sob controle. Além disso, acentuou-se a tendência de indicar militares para postos governamentais estratégicos. Por exemplo, a Petrobrás, assim como no Conselho Nacional do Petróleo, os principais cargos ficaram em mãos de membros das Forças Armadas. (FAUSTO, 1995, p.424)

O governo abriu as portas ao capital externo e o setor automobilístico estrangeiro inicia sua hegemonia no Brasil. A Fábrica Nacional de Motores (FNM), instalada em 1942, perdeu o pouco mercado que tinha e, em 1968, era vendida para a Alfa-Romeo. O ABC paulista recebe multinacionais, como Willys Overland, a Ford, a Volkswagen e a General Motors, que, no final da década de 60, assumiriam quase 90% da produção de veículos no país. (FAUSTO, 1995, p.427-429)

Culturalmente, foi um período fértil para o surgimento das vanguardas, mas nem por isso mais comprometido com o social. Se, por exemplo, na música, inicia-se, em bares e apartamentos principalmente da Zona Sul do Rio de Janeiro, composições que tiveram o Jazz, a música erudita e a mistura de ritmos brasileiros como base de criação do movimento da Bossa Nova. (SANTOS, 2004), a comunicação em massa no Brasil (a televisão, jornais, revistas e o rádio), no entanto, estava na contramão dos países que tinham o compromisso com a cultura e a educação social. Apesar de necessitar de uma concessão do Estado, passava-se a ideia de que o modernoso futuro ao qual o país deveria chegar deveria ser também rápido e que ele o fazia idealizando a cultura de outros países e acumulando lucros. Buarque (1994) afirma que

A televisão, os jornais, as revistas e o rádio foram, sobretudo, instrumentos de dinâmica das vendas dos produtos da economia e de aumento do lucro da própria empresa proprietária. Todos os demais compromissos, como liberdade, veracidade, pluralidade, educação, cultura, ficaram subordinados a estes dois objetivos irmãos:

o lucro da empresa de comunicação e o lucro das demais empresas que nela divulgavam seus produtos. (BUARQUE, 1994, p. 72)

A construção de Brasília, planejada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa, e o próprio slogan juscelinista implementavam a ideia dessa modernidade brasileira de evolução rápida. Ora, na Europa,

(...) a modernidade foi [havia sido] o coroamento de um processo secular de evolução: na tomada de consciência da individualidade de cada ser humano; no avanço dos instrumentos da racionalidade; na ampliação do desejo de liberdade; na percepção do mundo natural; e na ânsia por mudanças sociais. (BUARQUE, 1994, p. 13)

Para os estadunidenses, no entanto, o moderno extirpava (extirpa) o que era antigo em proveito do novo, sempre algo de muito bom, o que vinha ao encontro das propostas brasileiras do tempo:

Ora, esse "mundo novo e votado ao sucesso na felicidade geral" não poderia ser construído com base no antigo. Logo se impunha uma grande superação dos padrões antigos, sempre que tais padrões limitassem a capacidade do indivíduo de atingir o sucesso e ser feliz, como, por exemplo, as limitações trazidas pelo nascimento, o que a cultura norte-americana em princípio não admite. (DE CICCO, 1979, p.37)

Como a maioria da população via somente a superficialidade da situação, o clima era de euforia desenvolvimentista. Mas por trás desse sonho havia a alta descompensação da balança cambial brasileira. O Brasil recebia cada vez menos pela exportação e pagava cada vez mais pela importação. "Esse quadro veio acompanhado de um avanço da inflação, excetuado o ano de 1957, atingindo seu nível mais alto no governo Juscelino em 1959, com variação de 39,5%." (FAUSTO, 1995, p.432)

1.3 -A década de 40 e a política de "boa vizinhança"

A partir de 1940, elementos-chave da cultura norte-americana invadem o Brasil por meio da política de "boa vizinhança". Essa política inicia-se com o presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Franklin D. Roosevelt, em 1933, quando se elegeu. Fundava-se no ideário de que:

os Estados Unidos tinham abandonado sua política de intervenção na América Latina; reconheciam a igualdade jurídica entre todas as nações do continente; aceitavam a necessidade de consultas periódicas para resolver os problemas que surgissem entre as repúblicas; e concordava em cooperar por todos os meios para o bem-estar dos povo da América. (MOURA, 1984, p.17)

Tais medidas não viriam simplesmente por necessidade dos EUA em apoiar e ajudar os povos do restante do continente. Como refere Moura (1984), começaram a fazer exigências ao governo americano o direito da autodeterminação e a independência das intervenções americanas nas nações latinas. Os governos latino-americanos até então viviam sob a sombra da Doutrina Monroe, que colocava os EUA como policiais nas Américas, impedindo que governos europeus assumissem esse papel.

Alia-se esse cenário local ao fato de que estava em curso a Segunda Guerra Mundial. Os principais países do Eixo, como a Alemanha, Itália e Japão, eram visíveis ameaças para o domínio americano na América Latina. Foi então que,

no dia 16 de agosto de 1940, foi criado o Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas, cuja direção foi entregue a um jovem milionário. No ano seguinte, como veremos, a agência mudaria o nome para The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA). (TOTA, 2000, p.50)

Esse jovem milionário citado por Tota era Nelson Aldrich Rockefeller. Sobre ele o mesmo autor informa:

Nelson era o segundo filho de John D. Rockefeller Jr., da conhecida família de multimilionários que era dona da Standard Oil Company, empresa presente em vários países da América Latina. Em 1930, graduou-se em estudos econômicos pelo Dartmouth College. Não era bom aluno nem tinha muita vocação para os negócios, como confessou ao pai em algumas cartas. Tinha, isto sim, inclinação para as artes, característica que parece ter herdado dos Aldrich, do lado materno. A familiaridade com as artes foi usada com habilidade por Nelson, para navegar entre a política e os negócios. (TOTA, 2000, p.44)

Como modo de facilitar a referência à agência coordenada por Rockefeller, Moura (1984) adota o nome de Birô Interamericano, ou somente Birô e acrescenta que,

o Birô não era uma mera extensão de programas de colaboração interamericana já existentes. Era uma agência coordenadora de esforços, ligada à segurança nacional dos Estados Unidos. Por isso, ele surgiu como parte dos programas de defesa nacional e estava subordinado ao Conselho de Defesa Nacional dos Estados Unidos. Em seus relatórios privados, o Birô reconhecia que seus esforços de fortalecimento da solidariedade hemisférica se faziam no interesse da defesa nacional de seu país. (MOURA, 1984, p.21-22)

O Birô era formado por quatro divisões: comunicações, relações culturais, saúde, comercial/financeira. Os recursos dessa agência eram volumosos:

gastou cerca de 140 milhões de dólares em 6 anos de atividades. Nos tempos de maior ação, empregava 1100 pessoas nos Estados Unidos e 200 no estrangeiro, além dos comitês voluntários de cidadãos norte-americanos (geralmente empresários) que apoiavam as atividades do Birô em 20 países americanos. (MOURA, 1984, p.23)

Seu eixo central era a divisão de comunicações, formada pela parte de Imprensa e Publicações, Rádio, Cinema e Informação e Propaganda. Dois objetivos direcionavam essa

divisão:

a) difundir "informações" positivas sobre os Estados Unidos, por intermédio de uma rede de comunicação mantida pelo OCIAA, em estreita colaboração com os países do continente; b) contra-atacar a propaganda do Eixo. Havia também a preocupação de difundir nos Estados Unidos uma imagem favorável das "outras Repúblicas". (TOTA, 2000, p.54)

Mesmo com toda a verba disponível, estrutura montada e objetivos claros para sua estrutura externa, havia ainda a necessidade de elaborar uma "filosofia" para que sua ação fosse divulgada e orientada junto aos países vizinhos. Somente a mensagem de ser um bom vizinho não bastaria. Isso pouco dizia. Além disso, algumas das nações com que os Estados Unidos teriam que lidar estavam sob ditaduras. O Birô convocou, então, uma série de especialistas para encontrar essa ideia de valores comuns para orientar sua ação. (MOURA,1984)

As dificuldades evidentes de encontrar valores e heranças comuns às duas civilizações levaram afinal o Birô a se fixar na idéia do panamericanismo - uma realidade fundada em ideais comuns de organização republicana, na aceitação da democracia como um ideal, na defesa da liberdade e dignidade do indivíduo, na crença na solução pacífica das disputas e na adesão aos princípios de soberania nacional - e cuja manifestação concreta seriam os programas de solidariedade hemisférica. (MOURA,1984, p.24)

A agência sabia que entre o discurso e a prática havia uma distância muito grande. O objetivo somente teria sucesso se houvesse uma adesão à grande potência norte-americana. A ideia de princípios políticos não era a questão, mas a de poder, sim. Havia aí uma mudança de roupagem, diga-se de passagem, ainda de muito mais requinte e sofisticação do que a antes usada Doutrina Monroe.

Liderada por John M. Clark, editorialista do *Washington Post* e que, posteriormente, foi substituído por Francis A. Jamieson, da Associated Press, a divisão de Imprensa e Publicações tinha que contra-atacar o serviço de propaganda alemão presente na América Latina. Os alemães mantinham a Agência Transoceânica Alemã, que fornecia notícias e fotos a baixo custo. (TOTA,2000)

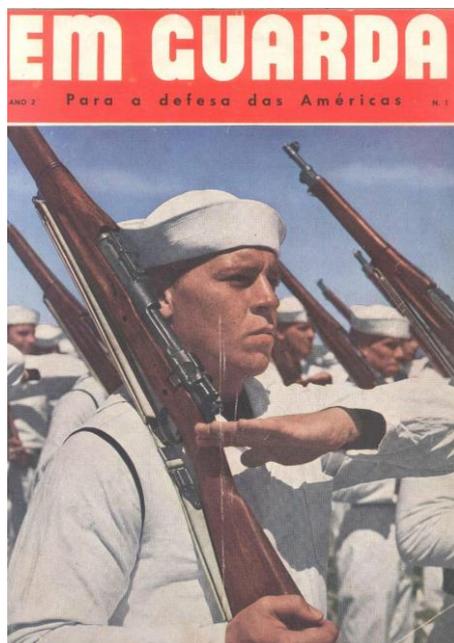
Detalhes dessa comunicação estadunidense eram pensados:

Os altos funcionários do Office nunca usavam, em documentos para divulgação, a palavra *propaganda*. Assim, os Estados Unidos se diferenciavam da Alemanha nazista, que não só fazia uso constante da palavra como tinha, no famoso Ministério Popular de Educação e Propaganda, um de seus mais importantes organismos. (TOTA,2000, p.55)

Uma das estratégias do Birô era a propagação de brochuras, panfletos e revistas. A revista *Em Guarda* era uma das mais disseminadas. Podemos verificar que, mesmo com

traduções em português, espanhol e inglês, sua capa, por exemplo, da edição ano 2, nº1 (foto abaixo), traz uma foto genérica, em que soldados são de pele clara e traços comuns, uniformes brancos sem nenhuma insígnia, bandeira ou brasão e localização indefinida.

Figura 1 – Capa da revista *Em Guarda*.



(Ano 2, 1940, nº1, acervo particular)

Com o fim da Segunda Guerra, a agência foi extinta. A apresentação da hegemonia americana continua em processo junto aos latino-americanos. Os Estados Unidos tornaram-se uma alternativa de modelo de governo na Guerra Fria e o sistema de "colaboração hemisférica" dá-lhe o lugar de defensor da civilização ocidental.

1.4 - A americanização no Brasil

Os planos para americanização dos Brasil pelo Birô eram bem definidos e seguiram plenamente suas estratégias. A agência percebeu que o comércio de troca com os alemães estava em plena execução na América Latina desde que os nazistas assumiram o poder. A presença comercial dos nazistas crescera rapidamente devido ao intercâmbio que propunha o comércio de compensação, “que significava a troca de produtos por produtos, sem necessidade de intermediação de moedas fortes como a libra ou o dólar, aliás escassas tanto na América Latina como na própria Alemanha.” (MOURA, 1984, p.14)

Esse plano de comércio foi combatido ferozmente pelos Estados Unidos, que insistiam que o livre-comércio era a melhor opção para alavancar o intercâmbio de produtos no âmbito

internacional.

O Birô era dirigido no Brasil por Berent Friele e suas atividades tinham todo apoio da Embaixada americana no Rio, além do suporte de um Comitê de Coordenação composto por empresários. Assentavam-se nesse Comitê, no ano de 1943, por exemplo, representantes da General Electric, Standard Oil, Metro Goldwin Mayer, Light and Power Co., The National City Bank of New York e outros. Esse comitê propunha-se a colaborar com o Birô e a Embaixada em tudo que "contribuísse para aumentar a compreensão mútua entre Brasil e Estados Unidos ou que pudesse ser útil no combate à influência do Eixo no Brasil". (MOURA, 1984, p.31)

Sendo o Brasil um país estratégico, a agência americana investiu muito em todas as suas divisões no país, mas principalmente na difusão de informações noticiosas pelas publicações impressas e o rádio e propagação cultural estadunidense pelo cinema. Revistas como a *Seleções do Reader's Digest*, publicada mensalmente pela Reader's Digest Association Inc. de Nova York, propagavam a filosofia de seus textos: o *American way of life* (modelo de vida americano). Em um dos seus primeiro números no Brasil, a revista mostrava onde era produzida.

[...] revista já famosa nos Estados Unidos ficava em um edifício construído no austero estilo colonial da Nova Inglaterra, com seus clássicos tijolos vermelhos. A casa tinha um campanário, como convinha às construções arquitetônicas baseadas no espírito puritano, e estava localizada a uns cinquenta quilômetros de Nova York. O leitor poderia, assim, sentir a segurança e a solidez das publicações. Poderia, enfim, confiar na "catadura moral" do texto. (TOTA, 2000, p.59)

Apesar de a revista não estar na lista de ações do Birô no Brasil,

o caráter digestivo da cultura de *Seleções* era enaltecido também por muito intelectuais. Afrânio Peixoto achava que "num livro ou revista fico contente se há uma página a reter [a atenção], e numa página uma frase. Em um número de *Reader's Digest* há dezenas destas páginas [...]"(TOTA, 2000, p.60)

A revista abre espaço para ser uma formadora da cultura, mas uma cultura subjugada ao modo desenvolvido americano. Outras questões são levantadas quando temos:

O que *Seleções* faz com muito agrado é insinuar que as dificuldades que se apresentam à fabricação de um bom automóvel no Brasil ainda são intransponíveis. Nossa indústria auxiliar de autopeças, para *Seleções*, será sempre precária. Porque *Seleções* não engole o fato de que nossa teimosia quebrou o tabu, tão insuflado pela Ford, de que o Brasil não tinha condições (capacidade aquisitiva, mão-de-obra altamente qualificada, capital etc.) para alimentar o desenvolvimento de uma indústria como a automobilística, como se esta não fosse em si promotora de todas essas condições de que são exemplo os próprios Estados Unidos. (RABELO, 1966, p.245)

Mesmo com a propagação em curso, houve ainda intensa pesquisa em toda a América Latina, em especial no Brasil, para aferir gostos, opiniões e hábitos latino-americanos. O principal resultado buscado era a verificação de qual veículo poderia melhor propagar a cultura americana nesses países. Segundo Tota (2000), houve ainda a cooperação secreta do

FBI, para também avaliar o grau de simpatia dos brasileiros para com os países do Eixo e os Estados Unidos. Entra no cenário John Hay Whitney, milionário refinado, responsável pela Divisão de Cinema do Birô.

Fatores externos ajudariam:

Comparada à produção alemã, mesmo levando em conta a tradição do cinema do tempo da República de Weimar, a cinematografia americana estava em situação privilegiada. Com a guerra, os filmes alemães já não alcançavam, depois do bloqueio britânico, nosso continente. O cinema americano ficou livre da concorrência e com isso se impôs absoluto. (TOTA, 2000, p.62)

E fatores internos também: a ajuda do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda, criado no Estado Novo para instrumentalizar a consolidação do regime ditatorial, que incluía em suas funções a censura a qualquer material que pudesse ir contrário às ideias do regime. A cooperação com o Birô demonstrava o interesse do governo em se aproximar dos Estados Unidos.

Em mais de uma ocasião, funcionários do DIP trabalharam em projetos comuns com o Birô: por exemplo, o cinegrafista Jean Manzon participou das filmagens de *A batalha da borracha*. Também o DIP mostrava-se mais branda na questão da censura aos filmes americanos: *O grande ditador*, de Charles Chaplin, por exemplo, foi liberado com pequenos cortes apenas, apesar do discurso radicalmente democrático da cena final. (MOURA, 1984, p.43)

O mercado cinematográfico brasileiro de exibição se firmou como pleno consumidor de filmes americanos. Já em março de 1940, foi realizada a Convenção Internacional da Paramount e, em outubro, era a Columbia Pictures que procurava ampliar sua presença no Brasil. Em São Paulo, dos 16 cinemas existentes em meados de 1940 ao menos 14 exibiam as películas americanas. (TOTA, 2000, p.131)

Outra estratégia do Birô foi patrocinar a visita de artistas e produtores americanos. Em 1941, o Rio de Janeiro recebe Walt Disney. Vemos na foto abaixo uma apresentação de dança como parte de apresentação da cultura brasileira a Walt Disney. Pouco depois, teríamos a criação do personagem Zé Carioca.



Figura 2 -Walt Disney (de bigode e sem chapéu) no Brasil.

Fonte: MOURA, 1984, p. 26.

O filme *Saludos Amigos*, que na tradução brasileira ficou *Alô, Amigos*⁶, trouxe, pela primeira vez, em 1942, a figura do personagem Zé Carioca. A primeira apresentação foi feita exclusivamente para Getúlio Vargas, sua família e um grupo de amigos.

Sucesso não só junto à família Vargas - que reviu o filme diversas vezes, durante um prolongado final de semana que durou de sexta a terça-feira -, mas em toda a cidade do Rio de Janeiro e, depois, por todo o Brasil urbanizado. Os animais totemizados de Disney confirmavam e reforçavam a glorificação do *American way of life*. (TOTA, 2000, p.134)

No filme, os personagens animados intervêm em cenas documentais. A letra da música inicial já expõe o conteúdo do material e sua missão: "Saudamos a todos da América do Sul. A terra onde o céu sempre é bem azul. Saudamos a todos amigos de coração de lá que deixamos de quem lembramos ao cantar esta canção."

Na narração do filme, a imagem dos desenhistas, músicos e escritores em viagem para a América do Sul diz que eles estão em busca de música, dança e quem sabe de parceiros para o Mickey e o Pato Donald. Na viagem, passam pelo Rio de Janeiro (primeiramente apenas de passagem rápida), vão para Peru, Bolívia, Argentina e Chile. Logo nos primeiros minutos, o filme descreve o personagem Pato Donald como "um célebre turista americano". Na Argentina, cita o pintor argentino Molina Campos, mas não há a criação de personagem. Mostrando os pampas argentinos e danças típicas, o filme compara a Argentina ao Texas americano e é inserido o personagem Pluto.

Dois terços do filme se passam e inicia-se a viagem ao Brasil, mais precisamente ao Rio de Janeiro. Ao anunciar o próximo lugar a ser visitado, ouve-se o narrador: "Rio de

⁶ Disponível em português pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=CODjUu0Y6vs> - assistido em 05/11/2016.

Janeiro, a cidade maravilhosa. Que ultrapassa tudo que se tem dito e escrito sobre ela". Ao contrário das outras cidades mais desenvolvidas da América do Sul, o Rio é mostrado com certo modernismo. Corcovado e as calçadas do Leblon são destaques, por causa das anedotas de papagaio, Zé Carioca. O carnaval também é destaque. Entra em cena a canção de Ary Barroso com a música Aquarela do Brasil. Na verdade, os estúdios Disney produzem um videoclipe de animação com direito ao abraço fraterno de boas vindas de Zé Carioca a Pato Donald. Zé Carioca já nasce falando inglês, ao que parece sua segunda língua. Pato Donald, ao contrário, recorre a dicionários. O entendimento é claro: o inglês é universal. O final completa o clipe com a canção Tico Tico no Fubá. Donald dança com a "sombra chinesa" de Carmen Miranda.

Mas a investida na área de trazer ao Brasil grandes personalidades dos estúdios de Hollywood não parou em Walt Disney. No mesmo ano, mais precisamente em abril de 1941, Douglas Fairbanks Jr., ator de grande renome nos faroestes americanos, desembarca no Brasil a pedido do presidente dos EUA. O objetivo era pesquisar sobre a situação do cinema americano no mercado brasileiro, mas também serviu para "verificar a relação entre a tendência nacionalista de alguns governos latino-americanos e o nazismo. No Rio, Fairbanks foi recebido efusivamente. Segundo ele, Alzira Vargas o ensinou a dançar samba numa festa". (TOTA, 2000, p.65)

Com o encantamento do brasileiro para com o cinema, o Birô e, conseqüentemente, o governo dos Estados Unidos colocaram atores e atrizes como "embaixadores" da política de boa vizinhança. Errol Flynn, ator do filme *Sea hawk* (Gavião dos Mares), foi recebido por Vargas em 1940. Sua visita aconteceu pouco tempo antes do lançamento do seu filme no Brasil. No programa Hora do Brasil⁷, transmitido em rede nacional pelo rádio, às 20h45 do dia 14 de junho de 1940, o ator fala em inglês que havia gostado muito da recepção dada pelo povo brasileiro a um desconhecido. Acrescentou ainda que falaria de um assunto que não tinha a ver com seus filmes, mas com o estreitamento das relações entre a América do Sul e a América do Norte. Despediu-se em português com um "Terei saudade". (TOTA, 2000, p.130-131)

O Birô no Brasil conseguiu estruturar uma rede de comunicação aliando seus artistas e

⁷ Desde 1931, com o Departamento Oficial de Publicidade, substituído em 1934 pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), o governo já vinha implantando uma política de controle da informação transmitida pelo rádio e pela imprensa. Quando o DPDC se transformou no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), em 1938, inaugurou-se o programa "Hora do Brasil", transmitido diariamente por todas as estações de rádio, com duração de uma hora, visando à divulgação dos principais acontecimentos da vida nacional. Fonte: FGV CPDOC em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/HoraDoBrasil> - acessado em 06/11/2016.

a coordenação estratégica de notícias a serem veiculadas ao povo brasileiro. Nesse campo da informação, foram traçados planos de grande minúcia:

era necessário assegurar o noticiário jornalístico e radiofônico do que se passava no mundo segundo a ótica americana (agências de notícia e, no rádio, *O Reporte Esso*) e continuar a transmitir as excelências do "american way of life" (por meio de filmes educativos que focalizassem o "americano médio": "alguém que gosta do lar, vai a igreja, ouve rádio, vai ao cinema e faz seguro de vida para a família", segundo a definição do Birô) (MOURA, 1984, p.74)

Com um capital vasto para investimento nessa política de boa vizinhança, Nelson Rockefeller subsidiava jornais e revistas brasileiras. Sem dúvida, encontrava vários deles com muita boa vontade para ajudar no objetivo do Birô. Os impressos sucumbiram por meio de outras pressões na época, pois

devido à escassez de papel de imprensa, as licenças de exportação de papel dos Estados Unidos eram facilitadas para os jornais favoráveis à causa americana. Além do papel de imprensa, os jornais favoráveis eram também beneficiados com a propaganda de produtos americanos. (MOURA, 1984, p.35)

Um ponto forte na criação de modos de propaganda no cinema foi pelo *star system*, ou seja, as estrelas do cinema americano. "A estrela de cinema nasceu em 1910, por força da concorrência acirrada entre as primeiras empresas cinematográficas americanas." (MORIN, 1989, p.75)

Nesse sistema de criação de estrelas, o representante (ator / atriz) e o representado (personagem) se determinam mutuamente. "A estrela é mais que um ator encarnando personagens; ela se encarna nelas e elas se encarnam nela." (MORIN, 1989, p.24) Com isso há a criação do mito e consequentemente os admiradores.

O fã quer saber tudo, ou seja, quer possuir, dominar e digerir mentalmente a imagem integral do ídolo. O conhecimento se torna assim um meio de apropriação mágico. Não chega a constituir um meio de saber analítico ou sintético da estrela, mas a incorporar mexericos, rumores e indiscrições numa saborosa deglutição. (MORIN, 1989, p.60)

Independentemente do sexo, essa admiração pela estrela de cinema acontece normalmente via dois caminhos:

primeiro, a projeção-identificação apaixonada que se dirige a um parceiro do sexo oposto, Rodolfo Valentino, Bing Crosby, Luis Mariano para as mulheres, Greta Garbo, Lucía Bosé, Grace Kelly para os homens. Segundo, o que é mais comum, uma identificação dirigida a um *alter ego*, isto é, uma estrela do mesmo sexo e da mesma idade. (MORIN, 1989, p.64)

Essa procura pela identificação com o ídolo abre o mercado para os produtos americanos e para o seu modo de viver e consumir. "A vida privada-pública das estrelas tem sempre eficácia comercial, ou seja, publicitária. Além disso, a estrela não é apenas sujeito,

mas também objeto da publicidade: ela apresenta perfumes, sabonetes, cigarros etc., multiplicando assim sua utilidade comercial." (MORIN, 1989, p.75)

A propaganda nos impressos e rádio do início dos anos 50 era aliada à do cinema. Produtos de maquiagem, desodorantes e produtos para higiene eram veiculados pelos artistas cinematográficos em anúncios impressos. "Nove entre dez estrelas de Hollywood usavam o sabonete Gessy-Lever e começavam a elevar-se à condição de modelo de comportamento para a mulher brasileira". (MOURA, 1984, p.82-83)

O sonho de ser um artista de cinema foi, também, aflorado. O ator, produtor e diretor Orson Welles iniciaria uma empreitada de fazer um filme no Brasil. A notícia de que o diretor levaria uma grande atriz brasileira para Hollywood fez o imaginário do sucesso aflorar em muitas mulheres da época. Contudo, o filme não foi terminado e Orson Welles voltou aos Estados Unidos sem cumprir essa tarefa importante para a política da boa vizinhança. (MOURA, 1984, p.134)

Com essa conquista de impor um modo de vida americano (com produtos americanos), o Birô cumpria sua função no país. Mesmo quando os Estados Unidos estavam em plena guerra e os esforços das fábricas eram os de fabricação de produtos bélicos, Nelson Rockefeller convenceu a Ford, a General Electric e a General Motors a continuarem anunciando no Brasil, mesmo sem ter o que vender. "Se não podia se vender um presente, vendia-se o futuro. Se no presente não havia bens para consumir, o futuro eletrônico e mecanizado era oferecido como catarse dos tempos difíceis". (MOURA, 1984, p.57)

Mas nem tudo deu certo para os norte-americanos no Brasil. Os militares ofereciam resistência em alguns aspectos dos planos estadunidenses. A estratégia militar dos dois países divergiam no fato de os norte-americanos quererem se encarregar das proteção total do continente, enquanto os militares brasileiros asseguravam a intenção de vender a si próprios o território nacional.

Os militares de Tio Sam não queriam fornecer armas ao Brasil, pois consideravam que muitos elementos da alta oficialidade brasileira tinham sentimentos pró-Eixo; ao mesmo tempo, insistiam na colocação de suas tropas no Nordeste do Brasil. Entre 1939-1941, várias tentativas e propostas de colaboração imaginadas pelos militares americanos esbarraram num sólida resistência dos militares brasileiros. (MOURA, 1984, p.30)

Outra derrota do plano no Brasil foi a questão do petróleo brasileiro. Esse ponto não somente interessava ao Birô como também ao próprio coordenador da agência, Nelson Rockefeller, que tinha entre suas empresas a Standard Oil. Os americanos são surpreendidos por um movimento nacionalista em que a frase de ordem era "O petróleo é nosso".

A campanha "O petróleo é nosso" mobilizando a população a partir de 1943 através

das conferências patrocinadas pelo Clube Militar e consagrada, em 1953, com a criação da PETROBRÁS, serve como um marco do início da organização do nacionalismo enquanto movimento político preocupado em atingir e mobilizar o mais globalmente possível a sociedade brasileira. Desde então, o nacionalismo deixou de ser uma ideologia predominantemente estatal. Tornou-se também um movimento político e ideológico da sociedade que, mesmo mantendo relações com o Estado e dando apoio a certos governos, não pode ser confundido como um fenômeno puramente estatal. (MOREIRA, 1998, p.2)

Outros protestos aconteceram por meio de artistas e intelectuais no I Congresso de Escritores em 1945 (MOURA, 1984, p.84) e, por meio de cantores, como Chico Buarque de Holanda, em defesa do samba (HOBSBAWM, 1995, p.325).

Ao terminar a Segunda Guerra, acaba também o Birô. No entanto, seu trabalho já estava consolidado em várias instâncias e teria sua manutenção assegurada:

Agora, porém, parcelas da população e segmentos do Estado brasileiro já tinham assimilado o "americanismo" como modo de vida e instrumento de "modernização do país". A internalização dos valores tornava mais fácil a tarefa dos novos difusores. E a rede de conexões - científicas, acadêmicas, artísticas, empresariais, de comunicação etc. - tendia a reproduzir o fluxo de informações e influências estabelecidas. (MOURA, 1984, p.89)

E assim manteve-se o sucesso da empreitada americana por continuados anos. Nos anos 50, a moda do blue jeans, estilo de vida americano e *rock-in-roll* foram marcantes com a veiculação dessa propaganda no cinema americano difundido pelo mundo.

Essa figura, antecipada na década de 1950 pelo astro de cinema James Dean, foi comum, talvez mesmo um ideal típico, no que se tornou a expressão cultural característica da juventude - o *rock*. Buddy Holly, Janis Joplin, Brian Jones, membro dos Rolling Stones, Bob Marley, Jimi Hendrix e várias outras divindades populares caíram vítimas de um estilo de vida fadado à morte precoce. O que tornava simbólicas essas mortes era que a juventude por eles representada era transitória por definição. Ser ator pode ser uma carreira duradoura, mas não ser um *jeune premier*. (HOBSBAWM, 1995, p.318)

Esse americanismo infiltrou-se por meio de jornais, revistas e principalmente do cinema em vários lugares que, na época, não faziam parte do grande centro, inclusive em Goiânia.

1.5 - O ideal do Cinema e o Cinema ideológico

O salão indiano, no dia 28 de dezembro de 1895, foi palco da primeira projeção cinematográfica pública paga⁸ dos Lumière em Paris. Entre as projeções foram exibidas a

⁸ Em 22 de março de 1895, os Lumière já haviam apresentado o invento na Sociedade de Estímulo à Indústria Nacional. (FOIRET, 1995)

“Saída dos Trabalhadores da Fábrica Lumière”. Mostrava a saída dos trabalhadores da fábrica Lumière e também a “Chegada de um Comboio à Gare de La Ciotat”, que acabou por ser a projeção mais lembrada, pois o trem parecia sair da tela, causando susto em parte da plateia. Apesar de a apresentação ter sido em Paris, realizada pelo pai Antoine Lumière, os irmãos Louis e Auguste Lumière tinham seus negócios sediados em Lyon, também na França. (FOIRET, 1995)

Louis e Auguste, como muitos de seus colegas, guardarão, da estada na (escola) La Martinière, o hábito de interessarem-se por todas as novas idéias e descobertas. Auguste, o mais velho, o qual se voltou para a Biologia, irá estudar certas doenças - como os vários tipos de reumatismo - e descobrirá novas técnicas de tratamento. Louis, especializado em Química, rapidamente se apaixona pela fotografia. Aperfeiçoa diversos produtos os quais permitirão que a fábrica da família comercialize placas fotográficas de altíssima qualidade. (FOIRET, 1995, p.54-55)

Segundo Mascarello (2006), no entanto:

Sabe-se que os irmãos Lumière não foram os primeiros a fazer uma exibição de filmes pública e paga. Em 1º de novembro de 1895, dois meses antes da famosa apresentação do cinematógrafo Lumière no Grand Café, os irmãos Max e Emil Sklandanowsky fizeram uma exibição de 15 minutos no bioscópio, seu sistema de projeção de filmes, num grande teatro de vaudeville em Berlim. (MASCARELLO, 2006, p. 19)

Independentemente do pioneiro da projeção paga no mundo, as projeções de 1895 foram um marco para o cinema como o conhecemos hoje, que juntou conhecimentos antecedentes já desenvolvidos por outros indivíduos em várias partes do mundo em períodos anteriores. Nossa reprodução de imagens passa na maioria das vezes por representação de movimento. Quando desenhamos a chuva em um papel, normalmente representamos com traços levemente oblíquos e não gotas d'água. A velocidade de um corpo em movimento quando os traços na horizontal estão desenhados também nos informam sobre o movimento do desenho. A reprodução ou até mesmo a decantação do movimento foi combustível para pesquisadores ou simplesmente contadores de história.

Outra técnica utilizada nesta escalada da evolução do cinema foi a “sombra”, popularmente conhecida no Brasil como "sombra chinesa". Apesar do nome,

Hoje, a expressão Teatro de Sombra é a denominação mais comum para designar essa arte, mas ela já foi conhecida no Brasil como Sombra Chinesa, o que se deve basicamente à crença de que esta arte nasceu na China. No entanto, ela obteve outras denominações em sua história e chama a atenção quando o uso da luz está relacionado com suas designações. (OLIVEIRA, 2014, p.19)

Esse uso da luz para manipulação da sombra ainda carecia em grande parte do uso da imaginação do espectador e vinha de longe o seu manuseio:

o abade Nollet, que foi preceptor do rei Luís XV, fala, nas suas memórias, de

"placas mecanizadas de projeção, onde as figuras têm movimentos que parecem animá-las". Para ensinar o futuro rei, o abade utilizava, entre outras coisas, o que se chamava, na época de "lanterna mágica".(FOIRET, 1995, p. 20-21)

Nollet utilizava um mecanismo que tinha uma figura estática de fundo e uma parte da figura era escolhida para ter o movimento. Por exemplo, uma torre de moinho onde a hélice era o movimento. O desenho estático com a composição da hélice era separado por outra camada que era girada por uma roldana.

O salto de evolução acontece na mesma época por um brinquedo inventado pelos cientistas Fitton em Paris, o *tomatrópio*.

Ele é constituído por um disco, no qual estão representados dois desenhos bem distintos: por exemplo, de um lado, um passarinho, e do outro, uma gaiola. Fazendo girar o disco bem depressa, a 15 rotações por segundo, no mínimo, tem-se a impressão de que o passarinho entrou na gaiola. As imagens ficam visualmente superpostas. (FOIRET, 1995, p. 24)

Neste momento, a pesquisa estava focada na estrutura ocular. "A retina segrega uma substância, a 'púrpura retiniana', a qual é como que "decomposta" pela luz, mas se regenera rapidamente. Porém, essa rapidez não é suficiente para impedir uma ruptura - instantânea - na visão." (FOIRET, 1995, p. 25) Essa teoria coloca que resquícios de uma imagem gravada na retina, sobreposta por uma posterior com pequenas diferenças, dá a impressão verdadeira de movimento.

Essa persistência da visão foi estudada por outros pesquisadores, como o físico belga Joseph Plateau, que inventou outro aparelho.

Em 1830, Plateau construiu um instrumento chamado de "phenakistiscope" (literalmente, "olho enganador") no qual sucessivas figuras pintadas, com leves diferenças de posição, num disco giratório, quando observadas através de uma fenda vertical, pareciam estar em movimento contínuo. (ROMITI, 2015, p.58)

Posteriormente, outros cientistas, como Max Wertheimer, recusaram a idéia de "vestígio" ou a teoria da imagem residual. Para tirar tal prova, ele mostrou duas linhas em rápida sucessão cintilante, acendendo e apagando. O observador relatava ver movimento entre elas, mas na verdade elas não se movimentavam. (ROMITI, 2015)

Aparelhos e experiências continuaram sendo criadas no final do século XIX. O *praxinoscópio* foi criado pelo professor do ensino primário Émile Reynaud em 1877.

O *praxinoscópio* melhora consideravelmente todos os instrumentos anteriores. Permite assistir a pequenas cenas de maneira agradável, por meio de um dispositivo que comporta um espelho central facetado, o que elimina toda impressão de movimentos bruscos. Além disso, sendo Émile Reynaud um artista metucioso, seus desenhos decompõem o movimento com grande precisão. Seu aparelho reproduz um movimento inteiramente fiel à realidade. (FOIRET, 1995, p. 33)

Mesmo assim, o aparelho de Reynaud tinha suas limitações. A principal era a quantidade fixa de movimentos para ser vista. Émile aperfeiçoou sua criação e registrou uma nova patente chamando-a de "*teatro óptico*".

Esse aparelho já não repete as mesmas pose a cada volta, mas pode, pelo contrário, encadear uma variedade quase infinita de cenas. Um engenhoso sistema de tiras flexíveis tornou possível essa façanha!

É um novo avanço: o espectador já não é obrigado a ficar olhando num espelho. Émile Reynaud manda projetar suas criações numa tela transparente, ou numa parede branca. (FOIRET, 1995, p. 35)

Temos assim os filmes de desenho animado, a que faltava a fidelidade do real que tinha como representação na época a fotografia. Uma sequência de imagens com os desenhos foi chamada pelos médico e cientista Dr. Marey de cronofotografia. O pastor Hannibal Goodwin, aperfeiçoou a película fotográfica em 1887 e a chamou de "filme". Em seguida, George Eastman inventa um aparelho que faz diversas fotografias sucessivas chamado "Kodak". Temos até aqui todos os princípios para chegar ao Cinematógrafo dos Lumière ou, antes, nas invenções do americano Thomas Alvas Edison. Edison fez uma grande encomenda de filmes para Eastman-Kodak em forma de fitas de 35mm de largura e logo o mercado conheceu o *cinetoscópio*. Contudo, o aparelho só podia ser usado por uma pessoa por vez. (FOIRET, 1995).

Assim, inventores e realizadores vão surgindo pelo mundo e de George Méliès⁹ a Charles Pathé o cinema foi recriado e percebido como grande um negócio mundial.

Bernadet (1993) expressa resumidamente esse período quando escreve:

A máquina cinematográfica não caiu do céu. Em quase todos os países europeus e nos Estados Unidos no fim do século XIX foram-se acentuando as pesquisas para a produção de imagens em movimento. É a grande época da burguesia triunfante; ela está transformando a produção, as relações de trabalho, a sociedade, com a Revolução Industrial; ela está impondo seu domínio sobre o mundo ocidental, colonizando uma imensa parte do mundo que posteriormente viria a chamar-se Terceiro Mundo. No bojo de sua euforia dominadora, a burguesia desenvolve mil e uma máquinas e técnicas que não só facilitarão seu processo de dominação, a acumulação de capital, como criarão um universo cultural à sua imagem. Um universo cultural que expressará o seu triunfo e que ele imporá às sociedades, num processo de dominação cultural, ideológico, estético. [...] A burguesia pratica a literatura, o teatro, a música, etc., evidentemente, mas estas artes já existiam antes dela. A arte que ela cria é o cinema. (BERNADET, 1993, p.126-127)

No caso específico de Charles Pathé, ele constrói um esquema de distribuição, criando a Companhia Pathé por meio de seus escritórios espalhados em diversas partes do mundo. O cinema torna o mundo único. Pouco antes da I Guerra Mundial, os franceses tinham a

⁹ A Star Film, produtora de Méliès, produziu centenas de filmes entre 1896 e 1912, mantendo escritórios de distribuição em Nova York e várias cidades da Europa. [...] Méliès foi à falência em 1913. (MASCARELLO, 2006, p.21)

hegemonia do cinema. Enquanto isso, produtores americanos instalavam-se perto de Los Angeles nos Estados Unidos da América. (FOIRET, 1995)

Mas, para entender a transformação de Hollywood como centro de produção estadunidense, temos que voltar a um acontecimento no ano de 1887. Um milionário do setor imobiliário, chamado Horace Wilcox, tenta transformar um campo de cevada aos arredores de Los Angeles em uma comunidade religiosa. Sua esposa, Daeida, batiza o povoado de Hollywood. Já em 1903, as terras são vendidas a uma organização que tinha à frente o general Moses Hazeltine Sherman, mais tarde sócio do *Los Angeles Times*. Em 1907, devido a várias tempestades em Chicago, o filme O Conde de Monte Cristo termina de ser rodado em Los Angeles. Francis Boggs, astro do filme, decide ficar na região de Hollywood e cria o primeiro estúdio na Califórnia. No mesmo ano e totalmente filmado em Hollywood, estreia o filme O poder do Sultão (*The Power of the Sultan*), dado como o primeiro filme de Hollywood. (FRIEDRICH, 1989)

As produtoras Edison, Vitagraph e Biograph disputavam o mercado estadunidense, que ainda tinha seus negócios fortemente vinculados a Nova York.

No entanto, em dezembro de 1908, a Edison e a Biograph lideraram a criação da MPPC¹⁰, para tentar proteger os interesses da indústria dos EUA com um controle oligopolista - em que poucas empresas controlam o mercado e impedem o surgimento de outras. Faziam parte da MPPC as companhias Vitagraph, Selig, Essanay, Lubin e Kalem, que conseguiram limitar o número de empresas estrangeiras que podia se juntar ao grupo e importar filmes, com o objetivo de assegurar uma parcela maior do mercado para os filmes americanos. (MASCARELLO, 2006, p. 39)

Edison passa a colecionar processos contra produtores que utilizavam tecnologia patenteada sem pagar seus direitos. Com isso, os aspirantes a cineastas acham em Hollywood, na costa da Califórnia, um lugar com maior liberdade de produção sem a interferência tão grande da MPPC. Em 1914, em ano de início da guerra, nasce o primeiro grande estúdio hollywoodiano: a Paramount, que veio de um estúdio chamado Famous Players Film Company, que tinha a direção de Adolph Zukor. (FRIEDRICH, 1989)

A ascensão de Hollywood se inicia.

Ao se investigar a lógica industrial que levou à ascensão da Pathé e a hegemonia francesa até a I Guerra Mundial e comparar com a trajetória de ascensão do cinema norte-americano, verifica-se que as estratégias adotadas pelos franceses foram replicadas e aperfeiçoadas por Hollywood. A tendência de formação de oligopólio por meio de trustes horizontais ou verticais que dominavam o mercado global caracterizou primeiro a hegemonia francesa e depois a hegemonia de Hollywood. (MATTA, 2008, p. 4)

¹⁰ Motion Picture Patents Company.

Esse aperfeiçoamento em Hollywood não acontece somente externamente. O modo de produção industrial, com a divisão específica de trabalho, aos poucos se mostraria mais eficiente.

Aparecem diretores, roteiristas, os responsáveis pela iluminação, as encarregadas do vestuário, os cenógrafos, maquiadores, todos agrupados em unidades de produção. O aumento da produção cinematográfica exigia uma racionalização de todo o processo, que era supervisionado pela figura do produtor. (MASCARELLO, 2006, p.40)

O cinema hollywoodiano tentou criar seu estilo próprio, encabeçado principalmente por cineastas como D.W. Griffith¹¹, Thomas H. Ince, Cecil B. DeMille, Charles Chaplin, entre outros.

Enquanto o cinema americano diminuía a duração dos planos e apoiava-se em atuações mais contidas e realistas, os cineastas europeus usavam cenários elaborados e realizavam atuações complexas dentro deles. Criavam ambiente com várias *camadas*, cheios de portas e aberturas que deixavam ver as salas adjacentes, onde parte das ações era encenada. Para melhor captar a profundidade de campo, a câmera ficava a uma distância menor do chão, na *altura da cintura*. Bem diferente dos filmes norte-americanos, que tinham uma tendência de encenar a ação dentro de um único plano, com os atores entrando e saindo pelos lados. (MASCARELLO, 2006, p.48)

Hollywood já iniciara a procura de diversos caminhos. Encontrara o melodrama e seu apelo a grandes plateias e também as comédias, que deram lugar a nomes como Max Linder, Carlitos, Harold Lloyd, Buster Keaton e outros representantes do gênero.

[...] o cinema crescia como indústria e, em breve, iria alcançar o segundo posto entre todas as outras do país. Através de uma técnica que visava principalmente ao entendimento das grandes massas de espectadores, um sistema de publicidade que sabia criar e manter a ilusão das estrelas bem-amadas, e com uma produção sempre crescente para atender à demanda de amplas populações do mundo, conseguia superar economicamente os florescentes ensaios cinematográficos da Suécia, Dinamarca, França, Inglaterra e Alemanha. (ALENCAR, 1978, p.39)

Sobre a Europa:

O desenvolvimento do cinema como arte é que fica a cargo, principalmente, dos realizadores europeus. Robert Wiene, como seu Gabinete do Dr. Caligari; Sjostrom, com A Charrete Fantasma; Stiller, com Erotikon; Fritz Lang, com Dr. Mabuse; Feyder, com Craiquebille; René Clair, com Entr'acte; Dupont, com Variétés; Dvjenko, com A terra, e o antigo discípulo de Stanislavski, Eisenstein, com Encouraçado Potemkin, criam novos caminhos, introduzem movimentos vanguardistas como o surrealismo e o expressionismo, no cinema. (ALENCAR, 1978, p.39)

Contudo, nos parece um tanto quanto complexa, a questão de que o cinema hollywoodiano não tenha produzido arte. O que se discute é a questão de um cinema de

¹¹ David-Wark Griffith

massa estadunidense produzido para o público final versus um cinema feito com base em novas experimentações de estilos, enquadramentos ou iluminação, como foi feito na Europa. No que diz respeito à essência da arte em relação à sua autenticidade e ao contato com o público são semelhantes tanto Hollywood quanto Europa, pois, como avisa Benjamin:

Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Eles se relacionam intimamente com os movimentos de massa, em nossos dias. Seu agente mais poderoso é o cinema. (BENJAMIN, 1994, p.168-169)

Temos, assim, um cinema indiferenciado na questão de sua reproduzibilidade, visando primordialmente o lucro. Temos a indústria. Temos o capitalismo baseado no lucro. Por isso é importante observar que,

A reproduzibilidade técnica do filme tem seu fundamento imediato na técnica de sua produção. Esta não apenas permite, da forma mais imediata, a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. A difusão se torna obrigatória, porque a produção de um filme é tão cara que um consumidor, que poderia, por exemplo, pagar um quadro, não pode mais pagar um filme. O filme é uma criação da coletividade. Em 1927, calculou-se que um filme de longa metragem, para ser rentável, precisaria atingir um público de nove milhões de pessoas. (BENJAMIN, 1994, p.172)

Mas o fato é que “a indústria cinematográfica americana consolidou-se com uma produção de ficção voltada exclusivamente para o mercado” (NOGUEIRA, 2002, p.35), um mercado que exigia e exige uma contínua busca por um público rentável, mesmo que alguns produtores hollywoodianos também tenham seguido outros caminhos e alcançado êxito neles. Exemplo disso pode ser dado com o chamado Terror Gótico, um estilo que montou as bases até hoje utilizadas nos filmes de terror, em que a figura masculina é representada pelo monstro e a feminina, normalmente histérica, é a vítima da trama¹².

De outro lado, a criação de um conselho formado por representantes indicados por estúdios, que investigava e colocava regras no que se devia mostrar nas telas, confirma a força da mensagem produzida em Hollywood, que já tinha seus efeitos.

O Código Hays, criado inicialmente em 1922 e aperfeiçoado em 1934, dita normas

¹² Antes do surgimento do Hays Office, órgão de censura criado pelos próprios estúdios de Hollywood para interromper experiências com temas sugestivos e violência explícita, o início da era sonora foi um período de prosperidade para o cinema de terror, incluindo filmes como *O médico e o monstro* (1931), da Paramount, famoso por sua forte conotação sexual. A maioria dos filmes do gênero da época era produzida pela Universal e o estúdio lançou dois filmes em 1931: *Drácula* e *Frankenstein*, que estabeleceram de forma decisiva quais eram os temas, o estilo e as inspirações do terror gótico. (KEMP, 2011, p.89)

de comportamento adequado para o cinema, instituindo uma autocensura para os produtores pressionados pelas ligas de decência. Com o código, a santificação das Leis e dos costumes vigentes.

Fica estipulado que:

- Não serão ridicularizadas as leis; não se suscitará nunca a simpatia para a violação da lei.
- As infrações da lei não serão nunca representadas de maneira que possam engendrar simpatia para o crime, contra a lei e a justiça.
- Será sustentada a santidade da instituição do matrimônio e do lar.
- Não se justificará o adultério.
- Nenhum filme ou episódio deverá ridicularizar qualquer crença religiosa.
- Os ministros religiosos não deverão figurar nunca como caracteres cômicos ou como malvados.
- O uso que se faça da bandeira deverá ser sempre dos mais respeitosos.

(ALENCAR, 1978, p. 40)

Vemos claramente que a maioria das regras do Hays Office converge ao modo de ser mostrado nas características, nas crenças e no modo de vida dos personagens. Esses personagens é que serão os mais representados pelos astros de cinema, traziam e trazem ainda mais renda ao filme. Rodolfo Valentino, que nasceu em 1895, atuou no filme *O Sheik* (1921), com direção de George Melford, seria um exemplo claro desses personagens.

Rodolfo Valentino se tornou o primeiro símbolo sexual masculino de Hollywood. Era um imigrante italiano e sua aparência mediterrânea e os papéis de gigolô lhe renderam a alcunha de "Amante Latino". Logo passaria a representar o máximo em termos de charme cinematográfico exótico. Apesar das críticas por conta de seu estilo afeminado, foi o primeiro ator a adquirir o status de celebridade graças à sua legião de fãs apaixonadas, tendo se casado e se divorciado duas vezes. [...] Sua morte prematura por conta de uma peritonite em 1926, aos 31 anos, lhe garantiu o status de ícone e fama duradoura. Cerca de 80 mil pessoas - em sua maioria mulheres - compareceram ao seu funeral em Nova York. (KEMP, 2011, p.51)

De maneira que a criação dessas estrelas "para o cinema é [tornaria] menos importante o ator representar diante do público um outro personagem, do que ele representar a si mesmo diante do aparelho." (BENJAMIN, 1994, p.179) Com essa exposição, em que a representação fica firmada na figura do ator e não encontra primazia na concepção de um personagem, salvo em alguns casos, ganha força de emancipação o cinema como um veículo formador de opinião e de modo de vida.

O sentido dessa transformação é o mesmo no ator de cinema e no político, qualquer que seja a diferença entre suas tarefas especializadas. Seu objetivo é tornar "mostráveis", sob certas condições sociais, determinadas ações, de modo que todos possam controlá-las e compreendê-las, da mesma forma como o esporte o fizera antes, sob certas condições naturais. Esse fenômeno determina um novo processo de seleção, uma seleção diante do aparelho, do qual emergem, como vencedores, o campeão, o astro e o ditador. (BENJAMIN, 1994, p.183)

Outro ponto em relação ao astro é o espaço cênico, que, ao contrário do teatro, onde as encenações deixam na maioria das vezes a opção para o público definir seu olhar, o cinema

enquadra.

O ator não mais se desloca em função do espaço cênico, mas em função da câmera. Deve ficar "no campo", restringir sua mímica, seus movimentos. Não é mais o senhor do espaço. É a câmera que muda de distância em relação a ele, é a objetiva apontada para ele que varia, ele não escolhe o ângulo sob o qual se apresentará aos olhares, e o sentido de sua fala pode ser modificado por esse movimento. (ASLAN, 1994, p.213)

Planos, contraplanos, focos e outros meios são planejados para chegar diretamente ao receptor.

Ato de nascimento de qualquer imagem mediática, o enquadramento não produz uma cópia do real, ainda que o carácter analógico da imagem tenda a fazer esquecer que ela não é o mundo, mas sim um discurso sobre o mundo. Transforma a própria natureza daquilo que registra. Num plano cognitivo, este estatuto de representação inscreve o filme no interior de uma narrativa (a imagem conta) ou de um discurso (a imagem explica e demonstra), ao mesmo tempo que, no plano sensível, induz emoções pelo tema (o riso e as lágrimas) e pelos significantes (formas plásticas, qualidade do desempenho de um ator, ritmo ...). (GARDIES, 2011, p.23)

A criação das estrelas do cinema, os enquadramentos, iluminação, som, roteiro e outros aspectos fazem parte dessa indução do emissor para com o receptor por meio da linguagem ou linguagens do cinema.

Certos filmes têm o objetivo explícito de permitir àqueles que o filmam afirmarem a sua identidade: Rémy Lange filma *Omelette* para revelar à sua família a sua homossexualidade e, desse modo, fazer-se reconhecer por aquilo que é: neto de um emigrante polaco nos Estados Unidos. Alan Berliner realiza *Nobody's Business* (1995) para voltar às suas origens através de um diálogo com o pai. (GARDIES, 2011, p.193)

Mais à frente, ocorre a função social a que está diretamente ligada a questão propagandista sobre o certo e o errado, o herói e o bandido, ou melhor, aquele que deve ser seguido como exemplo.

Um filme aplica atos de linguagem que visam modelar nossa relação com o mundo. O início de *Cavalgada Heróica* [Stagecoach] (John Ford, 1939) tenta fazer-nos aderir à equação: índios = desordem (são nos dados a ver como uma espécie de massa fantástica inquietante que surge de forma inesperada) e Americanos = ordem (desfilam a cavalo em duas linhas claras e impecáveis). Nada é dito e, porém, a perspectiva ideológica impõe-se claramente. (GARDIES, 2011, p.193)

Contudo, a produção de astros é um dos pontos utilizados para a transmissão do conteúdo ideológico de Hollywood. Sobre ideologia, é importante observarmos os estudos de Eagleton (1997), que cita dezesseis possíveis significados para ideologia, em que a terceira parece nos caber de forma mais contundente sobre Hollywood na década de 1950 em relação ao Brasil: "ideais que ajudam a legitimar um poder político dominante." (EAGLETON, 1997,

p.15) E ainda mais especificamente sobre os estadunidenses, escreve:

Algumas das mais vociferantes pessoas de nosso cotidiano são conhecidas como sociólogos norte-americanos. A crença de que a ideologia é uma forma esquemática e inflexível de se ver o mundo, em oposição a alguma sabedoria mais simples, gradual e pragmática, foi elevada, no pós-guerra, da condição de uma peça de sabedoria popular à posição de uma elaborada teoria sociológica. (EAGLETON, 1997, p.17)

Mais adiante, Eagleton (1997) ainda explicita ironicamente sobre a diferença do modo de aplicação dessa ideologia sobre os outros países em relação à Guerra Fria entre EUA e URSS.

O que se quer dizer com isso é que a União Soviética está nas garras da ideologia, ao passo que os Estados Unidos vêem as coisas como elas realmente são. Não se trata, como o leitor irá verificar, de um ponto de vista em si mesmo ideológico. Tentar alcançar algum objetivo político modesto e pragmático, tal como derrubar o governo democraticamente eleito no Chile, é uma questão de adaptar-se de modo realista aos fatos; já enviar tanques para a Tcheco-Eslováquia é um exemplo de fanatismo ideológico. (EAGLETON, 1997, p.18)

Quando Eagleton (1997) analisa os estudos de Raymond Geuss¹³, sugere uma distinção do termo ideologia como "descritiva", "pejorativa" e "positiva". Apesar de vários pontos distintos nas três distinções ter ancoragem direta com o americanismo no Brasil, temos a abordagem negativa como ponto de maior identidade neste levante estadunidense na América Latina.

Nesse sentido negativo, a ideologia é objetável ou porque engendra a ilusão social em massa, ou porque mobiliza idéias verdadeiras para fins repulsivos, ou porque tem origem em alguma motivação desprezível. Esse fato genético é tido às vezes como suficiente para tornar epistemicamente falsas as crenças em questão: uma vez que as crenças têm raiz na experiência de vida de uma classe ou grupo particular, a parcialidade dessa experiência irá desviá-los da verdade. Eles irão nos persuadir a ver o mundo da maneira como vêm nossos governantes, não da maneira como é. (EAGLETON, 1997, p.49)

Esse modo de pregar uma ideologia sem o uso de armamento militar encontra sua força na propagação de um estilo de vida capitalista. E um dos veículos que mostram maior eficiência nesta tarefa é o cinema, no caso o hollywoodiano. Um grande número de ícones foi criado e estilos de vida impostos como ideais. Jovens sendo mostrados como rebeldes sem causa na pele dos artistas James Dean, ou mulheres que conseguem tudo com seu charme e beleza inigualáveis, como no caso de Marilyn Monroe. Temos ainda a figura eternizada de Elvis Presley, também vinculada a um novo estilo de música na época chamada *Rock and Roll*.

No entanto, o uso do cinema nesse sentido não era uma ideia propagandista inovadora.

¹³ Raymond Geuss, *The Idea of a Critical Theory*, cap. 1.

Em junho de 1942, o tenente-comandante da reserva John Ford (1894-1973) foi ferido por estilhaços enquanto filmava num atol do Pacífico com uma câmera portátil de 16mm, registrando o ataque de aviões japoneses. Suas imagens se tornaram parte de um documentário de curta-metragem chamado *A Batalha de Midway* (1942). Ford dizia que seu papel era levar as notícias da guerra para os Estados Unidos: “É para as mães do país. Para que elas saibam que estamos nesta guerra e que sofremos horrores durante cinco meses, mas agora estamos começando a contra-atacar.” (KEMP, 2011 p.162)

Durante toda a Segunda Guerra Mundial, os esforços cinematográficos foram para tornar a propaganda bélica ao nível de uma arte acessível a uma sociedade-alvo. Outro filme emblemático foi o longa-metragem *48 horas*, do diretor Alberto Cavalcanti (1897-1982). Lançado em 1942, colocava visivelmente a posição dos britânicos na Segunda Guerra: personagens com sotaques poloneses, por exemplo, eram sempre caracterizados como pessoas desleixadas e sem nenhum compromisso moral. O enredo é o seguinte: um grupo de soldados alemães é acolhido em um alojamento inglês e quer cortar os meios de comunicação do lugarejo. Indefesos aldeões procuram um líder, mas o nobre em quem eles depositaram sua confiança é descoberto como traidor, desde que estava em plena combinação com os alemães. Sem ter com quem contar, o povo resolve combater por si mesmo, alcançando a vitória sobre os alemães.

Na própria Alemanha, Hitler tinha seu propagandista, Joseph Goebbels. Uma das encomendas de Joseph foi o filme *Jud Süß* (1940), do diretor Veit Harlan (1899-1964), em que os judeus são retratados como pecaminosos “camaleões” dentro da sociedade alemã. Tudo para justificar as ideias antissemitas. Mesmo antes, o fascismo já fora propagado ao mundo de maneira épica, com o filme *O triunfo da vontade* (1935), de Leni Riefestahl (1902-2003). No início do filme, já aparecem os caracteres “Produzido por ordens do Führer”. Uma das mais impressionantes tomadas de cena é a presença de mais de 30 mil pessoas, em plena ordem, sob o comando de Hitler. O que alguns críticos apresentam como uma possível falha é a duração do filme: tem mais de 2 horas de duração. Para uma propaganda, é muito considerável.

Ao mesmo tempo, mais especificamente cinco anos depois, a genialidade de Charlie Chaplin (1889-1977) se revelaria na comédia satírica *O grande ditador* (1940), embora sua interpretação de Adolf Hitler tenha colocado o ditador como uma pessoa que, no fundo, não poderia aterrorizar ninguém; só um fascinado pela sua loucura de conquistar o mundo. O filme é um clássico do cinema e censores tentaram impedir sua filmagem. Contudo, o próprio Chaplin desbafou: “Se eu soubesse do verdadeiro horror dos campos de concentração alemães, não poderia ter feito *O grande ditador*; não poderia ter feito graça da loucura

homicida dos nazistas.” (apud KEMP, 2011 p.158)

Em alguns países europeus, no entanto, o cinema buscava outra ordem, ou seja, a veracidade, como o Neorealismo Italiano:

O período final da Segunda Guerra na Europa havia despertado entre a população uma busca desesperada pela verdade, pois a eficácia da propaganda nazi-fascista era vista como responsável pela miséria e pela destruição produzidas em larga escala. Dessa obsessão pela realidade surgiria na Itália um novo tipo de cinema, que evitava deliberadamente os truques de montagem, procurava registrar a espontaneidade das figuras populares ao ar livre, buscando locações autênticas, tentando captar o som direto no mesmo momento da gravação das imagens. (HAGEMEYER, 2012 p.33)

É importante registrar que mudanças também aconteceram no cenário interno estadunidense em relação ao cinema na metade da década de 40, quando

mudanças na política interna e na externa estadunidense, após a chegada de Harry S. Truman à presidência dos EUA, em 1945, filmes que outrora estiveram empenhados em mostrar os aliados de forma positiva passaram a ser considerados como subversivos, figurando os seus atores, diretores e roteiristas entre os alvos referidos do Comitê de Atividades Anti-Americanas, - House of Un-American Activities Committee - HUAC. (VALIM, 2006, p.109)

Essa caçada do comitê chegou até o Brasil por meio da Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS. Vemos que antigos propagadores estadunidenses foram tomados posteriormente como antiamericanos.

De 1946 a 1953, a Delegacia de Ordem Política e Social manteve um serviço responsável pela tradução de matérias publicadas por Edgar J. Hoover, diretor do Federal Bureau Investigation - FBI, em revistas de grande circulação nos EUA, dentre elas, a *Times*, *American Magazine* e *Newsweek*. O que surpreende é a rapidez na tradução dessas matérias e, em alguns casos, a ordem expressa para que fossem fichados todos os comunistas citados nessas entrevistas, fazendo com que pessoas acusadas de subversão, comunistas ou simpatizantes do comunismo que jamais estiveram no Brasil, tivessem suas fichas no DOPS, como, por exemplo, Charlie Chaplin. (VALIM, 2006, p.132)

Mesmo com embates internos, a indústria cinematográfica norte-americana continuava à frente no plano de expansão da americanização. Em 1952, os EUA, com os seus musicais, confirmam suas produções como meio de divulgar o “maravilhoso” modo de vida americano (*American way of life*), impondo seus ideais implicitamente (ou explicitamente, dependendo de como se entender), como no filme *Cantando na Chuva* (1952), do diretor Stanley Donen (1924), com destaque para a dança de Gene Kelly. Apesar de ser uma trama de 1920, mostrava que a pesquisa e o aprimoramento cinematográfico eram a voga na época. Kemp (2011) cita que a água em que Gene Kelly dança, na cena que marca o nome do filme, foi misturada com leite para que as poças e a chuva pudessem ser vistas no filme.

Essa afirmativa propagandista estadunidense dominou também os cinemas goianienses

em 1950. Um clima de romance e aventuras, em que o herói americano sempre salvava ou resolvia as intrigas como somente alguém de grande destino poderia resolver.

Por meio de anúncios do Jornal *Folha de Goiás*, podemos ver que, no mês de março de 1950, no Cine Goiás, tivemos:

- San Quentín — com Lawrence Tierney e Barton Mac Lane — um filme da RKO
- Aventura Arriscada — com Edmund O'Brien, Ella Raines e William Bendix — Um drama da Universal
- Criminoso Sem Quartel — com Buster Grable e a sua turma — um far-west da CADEF
- O condenado — com James Mason e Robert Newton — Um filme da “Universal International”
- Lar... Meu Tormento — com Gary Grant, Mirna Loy e Melvin Douglas — uma comédia romântica da RKO
- Código de Honra — com Alan Ladd e Donna Reed — Uma dramática produção da Paramount
- Fantasma Apaixonado—com Gene Tierney, Rex Harrison e George Sanders — Uma comédia original da FOX
- Além do Horizonte Azul— com Dorothy Labour e Richar Denning — Um filme de aventura nas selvas da Paramount
- No coração do Oeste — com Dick Powell e Jane Creer — Um filme RKO.
- A chama do Pecado - com John Carron, Vera Ralston e Robert Paige — Um drama romântico da “Republic”
- A queda da Bastilha — com Ronald Colman, Elisabeth Allan e Basil Rathbone - Um grandioso filme histórico da "Metro"
- O Diabo disse... Não — com Gene Tierney e Don Ameche — Uma comédia romântica da "FOX"

Foram 12 (doze) filmes exibidos, todos de produção americana. Nos temas, temos faroeste, comédia, aventuras na selva e o tema recorrente do romance, que expandia o pensamento norte-americano para o mundo. O romance instituído no cinema era também uma receita de que a felicidade individual era superior à felicidade coletiva idealizada pelos soviéticos. Um exemplo dentro dessa idealização, que está incluso na programação do Cine Goiás, é o filme *A chama do Pecado* (*The Flame*, 1947), onde uma mulher se apaixona por

um homem vítima de chantagem. Essa fórmula ainda continua perpetuada nos melodramas¹⁴ hollywoodianos em que o problema romântico é focalizado dentro de uma história maior. Protagonista e antagonista passam por cenários históricos e o que torna a parte histórica importante é a presença desses personagens.

O início da década de 50, portanto, foi marcado principalmente pelo cinema ideológico americano e Goiânia também fez parte dessa sedução americana.

¹⁴ Trataremos especificamente sobre o melodrama no Capítulo 3.2

Capítulo 2 - A imprensa e o cinema

2.1 - O jornal impresso e o *Folha de Goiaz*

Segundo Rizzini (1988), o jornal precede a tipografia¹⁵. Para o autor, ele surge quando a transmissão oral, direta e imediata sucede a simbólica, mediata e indireta. Sua função é representar fatos que se queira resguardar ou transmitir.

Até onde chega a nossa penetração na Antiguidade, lá encontramos - em pedra, pau, metal, barro, concha, fibra, pela e papel - o jornal, isto é, a informação rudimentar de algum acontecimento contemporâneo conservado pelos símbolos; fossem eles mnemônicos, fixando valores arbitrários supletivos da memória, como as cintas de conchas variegadas dos iroqueses e as cordas de nós coloridos dos peruanos; fossem pitográficos, reproduzindo objetos e figurando ideais, tais como os hieróglifos e os sinais assírios, persas e astecas; fossem enfim fonéticos, traduzindo as vozes nas letras do alfabeto. (RIZZINI, 1988, p. 11-12)

Mas, em se tratando do impresso convencional como o conhecemos, o autor cita as *Efemérides* dos gregos, que anunciavam a posição do Sol e as fases da Lua e que pareciam mais um almanaque, e os *Acta diurna populi romani*¹⁶ como os mais antigos escritos aos moldes de um jornal. Mais à frente, os escritos jornalísticos ganharão sua força propagandista e política.

A princípio os acontecimentos importantes eram publicados em Roma numa tábua branca, *album*, pendurada o ano todo no muro da residência do grande pontífice. De sua sequência resultaram os *Annales maximi*¹⁷, ponto de partida da história romana. Ao assumir o consulado, em 69 antes de Cristo, alterou Júlio César tão rudimentar meio oficial de informação, determinando que fossem diariamente redigidos e publicados os atos do povo e os do Senado. Fingindo servir à democracia, mas de fato sacrificando-a às suas ambições, visava o futuro ditador desmoralizar o Senado, expondo-lhe dissídios e conflitos até então encobertos por inviolável sigilo. (RIZZINI, 1988, p. 12)

Essas notícias dos *Annales maximi* foram se diversificando. Em sua evolução, já continham variedades, nomeações de funcionários, éditos, discursos de tribunos, sucessos militares, nascimentos, casamentos, divórcios, óbitos, rixas, incêndios, bancarrotas, prodígios e espetáculos." (RIZZINI, 1988, p.13)

Com esse aumento no número de notícias, houve a necessidade do aumento do número de tábuas por edição e, como somente havia uma unidade publicada, iniciava-se também a necessidade de se fazerem cópias particulares aos mais interessados, por exemplo, o filósofo Cícero. Em seguida, apareceu o impresso em fibra egípcia, quando somente pessoas de maior

¹⁵ Neste caso a explicação se dá como um conjunto de procedimentos artísticos e técnicos que abrangem as diversas etapas da produção gráfica. Esses procedimentos vão da criação e produção do caractere ou ilustração em especial no sistema de impressão direta com o uso de matriz em relevo.

¹⁶ Relatórios diários ao povo de Roma.

¹⁷ Anais Máximos.

poder financeiro davam-se ao luxo de recebê-los em casa. Um traço sobre a notícia e os fatos reais ou imaginários veiculados era o da continuidade, mas, mesmo assim, nos quinhentos anos iniciais, eram feitas cópias apenas direcionais, ou seja, apenas sob encomenda. (RIZZINI, 1988)

No decorrer dos anos, o jornal teve impressão em diversos materiais, mas entre eles o papel foi o que apresentou a melhor adaptação, custo e funcionabilidade. Hoje, há a probabilidade da extinção do papel, devido ao desenvolvimento tecnológico, mas sua importância ainda atinge várias áreas. Ainda temos nossa sociedade cravada na documentação impressa no papel, seja ela histórica ou pessoal (identidades ou identificações de um indivíduo), temos também os meios monetários diretamente ligados e vinculados ao papel moeda. Mas esse material não foi uma invenção nova.

A maioria dos historiadores concorda em atribuir a Ts'ai Lun (105 D.C.), um dos ministros a serviço do Imperador Ho, como o primeiro a produzir de fato papel por um processo a partir de casca de árvore e trapos, que deu início ao ciclo do produto que conhecemos hoje como papel.

Embora a fabricação de papel tivesse sido espalhada por todo o Império do Centro, os chineses conseguiram conservar para si o processo por mais de 500 anos.

No ano 600 d.C. o processo chegou ao Japão através da Coreia. (KLOCK, 2013, p. 5-6)

No Brasil, o papel ganhou importância e o país iniciou a fabricação dessa matéria-prima para o jornal em 1809:

A primeira folha de papel fabricada no Brasil, da qual se tem notícia documentada, é de 16 de novembro de 1809. Foi feita a partir de fibras de Imbira, pelo Frei José Mariano da Conceição Velozo, que remeteu amostras ao Rei Dom João VI.

O papel nos primeiros tempos da industrialização era originário de trapos. No Brasil, também registraram-se algumas tentativas a partir de panos velhos, durante o Império. O maior desses produtores foi a fábrica Orianda, em Petrópolis, do Barão de Capanema, que chegou a fornecer regularmente para os jornais do Rio de Janeiro e produziu até 1874. Por volta de 1870, havia seis pequenas fábricas de papel no Brasil, todas nacionais. (KLOCK, 2013, p. 12)

Ter um jornal nessa época era ter um grande investimento em papel. Em novembro de 1889, com a Proclamação da República no Brasil, o *Journal de Débats* de Paris envia como correspondente no país o jornalista Max Leclerc. Sobre essa época, Sodré (1999) faz algumas observações:

A imprensa no Brasil é um reflexo fiel do estado social nascido do governo paterno e anárquico de D. Pedro II: por um lado, alguns grandes jornais muito prósperos, providos de uma organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores para aumentar o valor de sua publicidade do que empregar sua influência na orientação da opinião pública. [...] Em torno deles, a multidão

multicor de jornais de partidos que, longe de ser bons negócios, vivem de subvenções desses partidos, de um grupo ou de um político e só são lidos se o homem que os apóia está em evidência ou é temível. (SODRÉ, 1999, p.252)

Muito embora essas contradições, a virada do século traria mudanças nos jornais impressos. Assinala-se, no Brasil, a transição da pequena à grande empresa jornalística.

Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou de menor porte. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias. (SODRÉ, 1999, p.275)

Contudo, o que parecia ser uma estrada de grandes lucros já não demonstrava grande força financeira na década de 20. Somente jornais como *Jornal do Commercio*, *O País*, *A Noite*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* estavam mais consolidados e financeiramente independentes (CARNEIRO, 1999). Além disso,

Os jornais circulavam seis dias por semana e o horário de trabalho dos jornalistas era de 4 a 6 horas para os repórteres políticos e até as 10 ou 12 horas para os que cobriam fatos policiais. O salário da maioria dos jornalistas era ínfimo, razão pela qual tinham de recorrer a empregos públicos, acessíveis em virtude das facilidades que os patrões propiciavam aos seus empregados, inclusive para diminuir a pressão por aumentos. (CARNEIRO, 1999, p.48)

Mesmo nesse cenário, iniciou-se, em 2 de outubro de 1924, uma nova direção de *O Jornal*, no Rio de Janeiro. Sem grande destaque, o jornal publica:

Tendo passado a novas mãos a totalidade das acções da Empresa Grahico Editora, proprietária do O JORNAL, renunciou hontem o logar de director desta folha o dr. Renato de Toledo lopes. [...] Assumiram interinamente os srs. A. Cruz Santos e A. Chateaubriand, os quaes deverão convocar a assembléa geral destinada a escolher os directores effectivos.

A nova direcção escolheu para rector-chefe o sr. dr. Saboia de Medeiros". (CARNEIRO, 1999, p.53-54)

A partir deste jornal, inicia-se a criação do conglomerado da comunicação de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, simplesmente Assis Chateaubriand ou Chatô para os mais próximos. Paraibano da cidade de Umbuzeiro, nascido em 4 de outubro de 1892, e

apesar dos antepassados ilustres, Assis e seus irmãos pagaram o preço dos recursos limitados dos pais, que faziam o gênero do que se chama de "pobreza remediada", isto é, daquela que tem compromissos sociais dos prósperos, sem contar com suas fontes de renda. (CARNEIRO, 1999, p.59)

Contudo, ao que nos parece, uma definição do fundador dos Diários Associados parece um pouco difícil, pois acaba dependendo do momento e da fonte pesquisada. Segundo Carneiro (1999), Chateaubriand gostava de ser chamado de repórter, mas

Realmente não é fácil: jornalista, professor de direito, parlamentar, industrial,

fazendeiro, diplomata, escritor, acadêmico, globetrotter, mecenas, incentivador das artes, revolucionário, estilista - o que melhor o define? Será suficiente chamá-lo de repórter, como ele desejava; de cidadão prestante que fazia tudo pela comunidade; de anticomunista, que gostava da Rússia; de capitalista, que odiava o capital sem interesse social; de comunicador, pioneiro em tudo; de protetor da infância; de fundador de uma rede nacional de museus de arte; de incentivador da aviação; de forjador de líderes; de batalhador da educação popular - qual o termo, a expressão, a atividade, a ação que melhor o retratava? (CARNEIRO, 1999, p.57)

Por outro lado, encontramos em Antonio Accioly Netto, ex-funcionário dos Diários Associados, o relato sobre o seu primeiro dia de trabalho. Accioly, que teve sua vaga assegurada pela carta de indicação do conde Modesto Leal, à primeira vista era bem vindo por Chateaubriand, mas, ao sair do escritório, confessa:

no intervalo de minha caminhada até a mesa do secretário, que ficava no fundo do salão, Chateaubriand ligou para ele, pelo interfone, e disse o seguinte:
- Pimentel, vai procurar você agora um cafajeste, protegido do conde Modesto Leal. Diga-lhe que infelizmente, no momento, o jornal está sem vagas. E mande-o embora. (NETTO, 1998, p.18)

Contando com o convencimento de Pimentel para com Chateaubriand, Accioly continua no emprego depois de ter conseguido grandes reportagens para o jornal, inclusive destaques de capa. Em um de seus furos jornalísticos, conta que:

Com aquele novo furo, recebi inúmeros elogios de meus companheiros de redação. Menos de Chateaubriand. Ele nunca tratava bem seus subordinados - muito menos um principiante como eu, a quem devotava gratuita antipatia. Mas, fosse como fosse, meu emprego estava definitivamente assegurado. (NETTO, 1998, p.18)

Na biografia de Assis Chateaubriand, escrita por Fernando Morais (1994), consta que, durante a Campanha da Aviação Civil que Chateaubriand promovera, que tinha como fundamento incentivar a aviação civil nacional com a doação de vários aviões por personalidades, os doadores tiveram toda a divulgação e exaltação da sua atitude na rede de comunicação dos Diários Associados e seus nomes escritos nas aeronaves doadas. Contudo, em um informe reservado da época:

[...] Conta-se que o prefeito de um município paulista (Lorena), também presidente do aeroclube local, indo ao Rio, quis receber o avião que se destinava a seu aeroclube e que havia sido batizado no dia anterior, com grande solenidade. Ao dirigir-se a quem de direito, nesse sentido, ficou pasmo ao saber que o dito avião já havia sido batizado com outro nome e oferecido a um outro aeroclube, que por sinal também não o recebeu. Conta-se, outrossim, que o sr. Samuel Ribeiro, diretor da Caixa Econômica, doador de dez aviões para a campanha, suspendeu suas doações quando soube das irregularidades verificadas nas atitudes desonestas do sr. Assis Chateaubriand. Diz-se ainda que a Mesbla jamais importou do estrangeiro (todos os aviões foram adquiridos desta firma) sequer a quinta parte dos aviões doados, e que esse estabelecimento comercial obteve a metade dos lucros do sr. Chateaubriand nessa campanha. (MORAIS, 1994, p.442)

De maneira que, com toda essa “habilidade” empresarial, Assis Chateaubriand expandiu seus negócios pelo Brasil, fundando e adquirindo veículos de comunicação em todo o país. Entre eles, ganha destaque a revista *O Cruzeiro*, lançada em 10 de novembro de 1928. Além da inserção de capital do Banco da Província do Rio Grande do Sul, na revista

[...] Métodos americanos de propaganda foram utilizados, a apenas seis dias da publicação do primeiro número da revista, lançando-se quatro milhões de volantes do alto dos edifícios da Avenida Rio Branco, divulgando-se ainda a notícia através de agências especializadas para todos os estados, e depois veiculando-se um jornal cinematográfico sobre a máquina de impressão de *O Cruzeiro*. Além disso, emissoras de rádio existentes no país transmitiram noticiosos sobre a modernidade da revista "contemporânea dos arranha-céus". (CARNEIRO, 1999, p.123-124)

A cadeia comunicativa de Chateaubriand começa a diversificar com o próximo passo de aquisição da Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

Foi a partir de 1933 que Chateaubriand propôs a Samuel Ribeiro apoiar a revolução Associada na rede de "broadcasting" nacional, o que o banqueiro paulista fez em caráter pessoal, já que, como então presidente da Caixa Econômica do Estado, não teria como incentivar um "adversário" do governo federal. Durante quatro anos, Samuel Ribeiro e Guilherme Guinle forneceram recursos para fazer adquirir os transmissores das Rádios Tupi do Rio de Janeiro (1935) e Tupan de São Paulo (1937), dando partida para a rede de radiodifusão dos Associados que chegaria a englobar 25 estações em todo país. (CARNEIRO, 1999, p.179)

Entre essas 25 emissoras de rádio estava a Rádio Clube de Goiânia. A emissora foi adquirida pelos Diários Associados em 1942¹⁸. Sobre sua fundação, seus registros não nos permitem uma definição clara de seus fundadores: “Esta se tratava de uma sociedade anônima cuja razão social era Rádio Clube de Goiânia S.A. Não conseguimos informações que precisassem quem eram os acionistas”. (MARQUES, 1999, p.80)

Mas Marques (1999) ainda conseguiu identificar algumas figuras que fizeram parte do esforço de abrir a Rádio Clube de Goiânia, por exemplo, Venerando de Freitas Borges (ex-prefeito de Goiânia), dado como Diretor-Presidente da emissora. Segue-se também que “parece haver uma concordância entre os entrevistados de que Francisco Braga Sobrinho e Castro Costa financiaram os primeiros equipamentos da emissora, gasto esse transformado posteriormente em ações”. (MARQUES, 1999, p.79-80)

Sobre a inauguração,

a Rádio Clube foi inaugurada no dia 05 de julho de 1942, transmitindo o evento histórico de Goiás que foi denominado “*Batismo Cultural de Goiânia*” e teve como principal orador o então prefeito Venerando de Freitas Borges . A equipe técnica que integrava a emissora em sua inauguração era composta pelas seguintes pessoas: Diretor Regional: Alberto; Diretor Artístico: Pimenta Neto; Técnico de Som: Lizita,

¹⁸ Conforme inserido no sítio oficial dos Diários Associados <<http://www.diariosassociados.com.br/linhadotempo/abertura.html>> visitado em 03/01/2017.

Sasse e Pinheiro; Programadora: Gilda Ladeira e Locutores: Iamerô, Wilmar Guimarães, Waldyr Gonzaga, Antônio Caldas, Pimenta Filho e Cunha Júnior. (MARQUES, 2009, p.81-82)

Por outro lado, há estudos que citam que,

O idealizador maior das suas primeiras ondas sonoras foi Francisco Pimenta Netto [...] No final de 1941, aluga um sobrado que pertencia a Aldemar de Andrade Câmara, médico particular do interventor Pedro Ludovico, localizado na Rua 29, Centro, quase esquina com a Avenida Tocantins, para montar a primeira sede. (GALLI, 2007, p.38)

No entanto, em entrevista à Associação Goiana de Imprensa, Francisco Pimenta Neto diz outra versão dos fatos: ele teria sido o idealizador da Rádio Clube de Goiânia. Cita inclusive como conseguiu o prefixo:

Faltava o prefixo. Fui o Rio, e, indo ao Departamento de Correios e Telégrafos, constatei, surpreso, que o seu Presidente, na época, era meu primo, general Geraldo Amaral, que prontamente me deu os prefixos para ondas médias e tropical. Chegando a Goiânia, o dr. Inácio Xavier, que era o presidente da rádio (escolhido por mim e pelo dr. Jerônimo¹⁹), já havia recebido telegrama comunicando os prefixos. Eu lhe disse então para fazermos a festa de inauguração da rádio. (AGI, 1980, p.184)

Conclui-se com esses dados que se torna improvável um consenso sobre o proprietário (s) / fundador (es) da Rádio Clube de Goiânia. Todavia, o mesmo não se dá sobre a venda e a posterior mudança da emissora para a sede dos Diários Associados em Goiânia, à Rua 2, nº 5, Centro.

Já em 1943, os Diários Associados investem novamente na capital, comprando o jornal *Folha de Goiaz*. O jornal era um diário matutino, fundado em 1939 e estava localizado na Rua 2, n. 5 - Caixa Postal, 62. Do período de sua fundação até 1943 já havia passado pela direção de

Gerson de Castro Costa, Walter Carvalho, Alvares & Machado até a compra do jornal pelo empresário Assis Chateaubriand, dono da cadeia Diário Associados. Importante observar, que até a compra do jornal pela cadeia associada e mesmo se alternando de proprietários, sua linha editorial se mantinha como subsídio e apoio ao regime político do Estado Novo e ao governo de Ludovico. Nos editoriais dos diversos números deste período, ficava evidente a relação entre imprensa e governo. (MEDEIROS, 2015, p. 9)

Sobre a circulação do jornal *Folha de Goiaz*, consta nos registros da Associação Goiana de Imprensa:

1939 - *Folha de Goiaz* - (Goiânia, 2 de julho) - fundada por Gerson de Castro Costa. Em 1943 foi adquirida pelos "Diários Associados". Inicialmente circulava duas vezes por semana. A partir de 20 de janeiro de 1946, ainda sob a direção de Gerson de Castro Costa, passou a diário. (AGI, 1980, p.77)

¹⁹ Jerônimo Coimbra Bueno, Governador do Estado de Goiás (1947-1950)

Em setembro de 1950, com equipamentos vendidos pela empresa americana RCA, os Diários Associados fundam, no Brasil, a primeira emissora de televisão: TV Tupi de São Paulo. No ano posterior, 1951, expande-se a rede televisiva brasileira.

A TV Tupi do Rio de Janeiro foi a segunda estação brasileira e do continente, inaugurada a 29 de janeiro de 1951, com seu transmissor ligado pelo Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra. Como assinalou um cronista, "a antena da TV Tupi, instalada no alto do Pão de Açúcar, dominava o claro céu carioca, constituindo-se no marco histórico de uma nova era da comunicação brasileira". (CARNEIRO, 1999, p.312)

Em Goiás, não houve investimento em televisão por parte dos Diários Associados. Nos anos seguintes, já em fevereiro de 1960, uma grave doença acomete Assis Chateaubriand e os Diários Associados passam por várias dificuldades.

Nos anos 60, os Diários Associados combateram Leonel Brizola e João Goulart, ajudando o país a fazer a Revolução de 1964, e depois opuseram-se ao capital estrangeiro na imprensa, que instalou, sob o apoio ou omissão do governo militar, uma concorrência desigual em termos de recursos. Ao mesmo tempo em que inaugurava várias estações de televisão, a rede assistiu a drenagem da publicidade para outras organizações e, em 1968, sofreu sua maior perda, com a morte de Assis Chateaubriand. (CARNEIRO, 1999, p.312)

O cenário político, econômico, social e cultural brasileiro da década de 50 passou, assim, por grande efervescência. A ideia desenvolvimentista e o novo, a novidade, figuravam nos propósitos do governo, inclusive com a iniciativa de construir Brasília. Novos jornais foram fundados em concorrência com os Diários Associados. No entanto, tanto a linguagem jornalística quanto a diagramação desses jornais vinham da influência do jornalismo norte-americano.(ABREU, 1996)

Temos abaixo parte da capa do jornal americano *The New York Times* e o jornal *Folha de Goiaz* de 1950.

Figura 3 - Capas do jornal *The New York Times* e do jornal *Folha de Goiaz*.



Parte superior da capa do jornal do dia 23 de
Novembro de 1950.

Fonte: Sítio oficial *The New York Times* <
https://www.nytimes.com/times-insider/2015/02/05/1950-a-times-casualty-in-a-railroad-nightmare/?_r=0> visitado em 10/01/2017.

Parte superior da capa do jornal do dia 22 de Junho de
1950.

Fonte: *Folha de Goiaz*, 1950

Se traçamos um comparativo dos dois jornais, temos a parte superior do jornal *Folha de Goiaz* nos mesmos moldes do jornal americano, inclusive com seus quadros laterais, o nome da empresa administradora do jornal logo abaixo do nome do periódico, as linhas divisórias para destaque do número da edição e data do impresso. Há que se ressaltar, porém, que, apesar de o estilo seguir o modelo americano, a impressão do jornal local deixa claro o modo de produção gráfica disponível, muito abaixo da qualidade do jornal americano.

Sobre essa precariedade, elucida-nos o depoimento de Pimenta Neto, mais tarde o responsável pela coluna de cinema do jornal *Folha de Goiaz*,

"Quando começamos a *Folha de Goiaz*, os originais eram feitos a dedo, nas caixas, catando-se os tipos para se formar o jornal. Não havia parte técnica, a execução de um jornal era tarefa muito difícil, só existia uma clichéria em Goiás naquele tempo, nunca saía um serviço perfeito." (AGI, 1980, p.183-184)

Vemos ainda que, nas edições acima, o *The New York Times* traz uma foto e a *Folha de Goiaz*, um desenho, embora já houvesse a impressão de fotos no jornal em 1950, principalmente na Terceira página, onde constava a programação social (com a programação do cinema), artística e cultural do impresso.

Mesmo sem uma televisão em Goiás, os Diários Associados fizeram uma integração entre o jornal e a rádio. Como podemos ver na figura abaixo, eram colocadas conjuntamente a programação da rádio, notícias sobre o cinema americano e notícias específicas sobre alterações na programação da Rádio Clube.

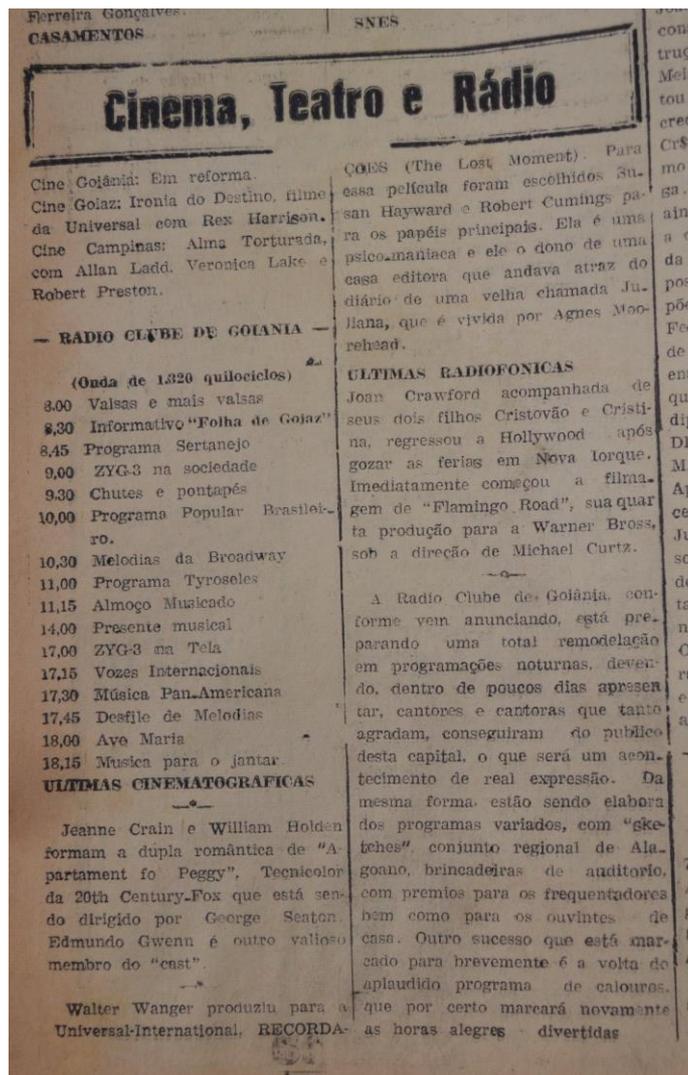


Figura 4 - Página de programação cultural na *Folha de Goiaz*.

Edição nº 1029 de 27 de outubro de 1948 - Recorte

Fonte: Jornal *Folha de Goiaz*, 1948.

Já no início de 1950, como podemos ver na foto a seguir, o jornal elege a terceira página para notícias sobre atrações artísticas, mensagem bíblicas, eventos sociais e atrações culturais. O cinema ganha então mais espaço. Já aparecem, em algumas edições, matérias mais destacadas sobre filmes específicos, como no dia 28/02/1950, em que se destaca o filme "Cristóvão Colombo". Os anúncios de alguns cinemas começam a ser veiculados mesmo que a programação de outras casas de exibição estivesse informada na coluna "Vida Social".



Figura 5 - A terceira página do jornal *Folha de Goias*.
Edição nº 1419 de 28 de fevereiro de 1950 - Página inteira
Fonte: Jornal *Folha de Goias*, 1950.

Entretanto, não será somente na terceira página que se encontram conteúdos sobre o cinema nessa época. Em outros espaços do jornal, como notícia jornalística, encontra-se, por exemplo, a licitação de arrendamento do Cine Goiânia, em 20/08/1950, quando a Empresa Goiana de Cinemas S.A. ganha a concorrência da Empresa Teatral Paulista a um custo de 16 mil cruzeiros. Em outras edições também encontramos informativos sobre gravações cinematográficas feitas na capital. Esse material cinematográfico, produzido pelos cinegrafistas William Gericke e Francisco de Assis Vasconcelos, de São Paulo, pretendiam

filmar aspectos de Goiânia em suplementos de dez minutos, conseguindo com isso, satisfazer os desejos de todos os habitantes de seu estado e vizinhos, que anseiam por conhecer a mais jovem capital brasileira. Isso porque Goiás está subindo no conceito de seus irmãos que até bem pouco tempo mal sabiam de sua existência. (*Folha de Goias*, 08/09/1950)

Com o passar das edições, o cinema foi ganhando espaço, chegando a ter sua própria

coluna em 1951. A coluna "Cinema de Marcomiro Jr." era ilustrada com a figura desenhada do rosto do Mickey (da Disney) como logotipo, uma relação direta com o cinema americano. Nela encontramos desde a análise de filmes, programação dos cinemas da capital e até a publicação de cartas de leitores. Em uma destas cartas intitulada "Colabora Leitor - Tudo Azul", por Raimundo Guedes, na edição do dia 18/07/1951, consta uma indignação pela falta de decoro de pessoas dentro da sala do Cine Campinas. A atitude relatada é a de um casal trocando beijos no recinto, o que significava para o leitor "cenas impróprias para menores". Na carta, ainda, seu autor continua criticando os pais que levavam menores acompanhados para as salas de exibição e solicitava aos órgãos competentes que tomassem providências.

Goiânia, apesar de seus poucos anos de existência, já se tornara um centro de importância na veiculação de material cinematográfico americano. Em carta enviada - edição de 07/08/1951 - pela distribuidora de filmes U.C.B (União Cinematográfica Brasileira), por exemplo, endereçada a Marcomiro Jr., a empresa comunica que os filmes do produtor americano David O. Selznick²⁰ em Goiânia serão distribuídos por ela²¹.

Depois, a coluna de Marcomiro Jr. Desaparece em agosto do mesmo ano. Após dois meses, reaparece a coluna de cinema, mas sob a editoração de Pimenta Neto, citado como Diretor Artístico da Rádio Clube em sua equipe de inauguração.

2.2 - Goiânia, a caboclinha do cerrado

O cenário político e econômico do Estado de Goiás, no início do século XX, era liderado por oligarquias coronelistas: inicialmente pelos Bulhões e, posteriormente, sob o comando dos Caiado. Economicamente,

por volta de 1915 - à medida que se escasseavam progressivamente as terras de cultivo do Centro-Sul do país, devido à grande concentração de terras nas mãos de poucos proprietários e à reorientação que a lavoura cafeeira imprimiu na economia nacional, novas regiões de cultivo no Centro-Sul de Goiás passaram a exercer atrativos sobre aqueles que para ali se aventuravam. Por outro lado, a fertilidade das terras goianas e os baixos custos das glebas era um perfeito ímã para atrair os trabalhadores à nova e promissora área. Com a expansão da lavoura cafeeira, nota-

²⁰ Produtor americano de filmes como: Hollywood (1932), E o vento levou (1939), O terceiro homem (1949) entre outros.

²¹ O material foi pesquisado em fonte primária e encontramos algumas dificuldades na leitura da impressão devido ao desgaste temporal do papel. Para este trabalho, elegemos quatro cinemas goianienses: Cine Santa Maria, Cine Teatro Goiânia, Cine Goiás e Cine Campinas. Mas outras casas de espetáculos são citadas ou anunciadas no jornal de maneira esporádica, por exemplo, o Cine Paratodos, que ficava na antiga Vila Operária em Goiânia.

se também um aumento da procura de produtos agropecuários. Tal procura se dinamiza com o advento da Primeira Guerra Mundial. (CHAUL, 1999, p.21)

Esses atrativos trouxeram um aumento populacional para Goiás e a criação de novas cidades, mais ampliadas no centro-sul do estado.

Faz-se mister observar que, em Goiás, o povoamento não se dinamizou homogeneamente, devido à concentração estabelecida no Sul do Estado, mais precisamente na região cortada pela Estrada de Ferro. A Estrada de Ferro, por sua vez, propiciou a dinamização da frente de expansão em Goiás, estabelecendo novas diretrizes para o Estado diante do modo de produção capitalista. (CHAUL, 1999, p.23)

Politicamente, antes de 1930,

Controlando o aparelho do Estado, a oligarquia dos Caiado estabeleceu íntimas relações com o Governo central, através do Pacto Oligárquico Coronelístico. Os Caiado governaram com grande autonomia o Estado, uma vez que contavam com a obediência do Pacto Oligárquico e com a situação econômica de Goiás. (CHAUL, 1999, p.28)

Sobre o Pacto Oligárquico, no governo do Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), “um pacto não escrito foi concluído em 1913 na cidade mineira de Ouro Fino, pelo qual mineiros e paulistas tratariam de se revezar na presidência da República”. (FAUSTO, 1994, p.272)

O Sul e o Sudoeste do estado conseguiam maior independência econômica em relação à capital Goiás, mais ainda tinham pouca participação no cenário político do estado. Mas o progresso ainda estava vinculado diretamente à capital controlada pelos Caiado.

A capital concentrava em seu bojo todas as realizações que representavam para Goiás um ideal de progresso: serviços de força e luz, rede escolar completa, serviços de higiene e saúde pública etc. Mas, além de todos esses melhoramentos, o que mais chamava a atenção dos políticos do Sul e Sudoeste era o fato de a maior parte dos políticos que exerciam o controle estatal e a representação em nível federal ou serem oriundos da capital, ou ligados a tais interesses oligárquicos. (CHAUL, 1999, p.29)

Com esse cenário de crescente oposição entre os grupos oligárquicos da capital contra os grupos oligárquicos ligados ao Sul e Sudoeste, criaram-se dissidências nos grupos dominantes: na Capital, Mário Caiado (que, apesar do sobrenome, era opositor) e no Sudoeste, Pedro Ludovico Teixeira, médico da cidade de Rio Verde. (CHAUL, 1999)

No dia 7 de setembro de 1928, nasce a Aliança Liberal que

foi, em suma, o reflexo da cisão entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais. Estas, impossibilitadas de sequenciar a política do café-com-leite, já que Washington Luiz apoiava o candidato paulista em lugar de um mineiro, resolveram, fundar a Aliança Liberal que aglutinava, além dos dissidentes, os que queriam participar do contexto político e se viam tolhidos em suas ações, como Rio Grande do Sul, Paraíba e Rio de Janeiro.

Em Goiás a Aliança Liberal serviu, como já dissemos, como alternativa para

as dissidências oligárquicas regionais. (CHAUL, 1999, p.33-34)

Mesmo que organizados em aliança, as eleições de 1º de março de 1930 mostraram as oligarquias dominantes vitoriosas. Em Goiás, Júlio Prestes obteve 17.833 votos e seu opositor, Getúlio Vargas, 943 votos. Vargas lança, então, um manifesto para a deflagração de o movimento que denunciava as fraudes e as distorções das eleições, e sua não-aceitação do processo. Inicia-se o movimento armado conhecido como Revolução de 30. (CHAUL, 1999)

Em Goiás, a chamada Revolução não foi um levante vitorioso já na primeira incursão. Mesmo tendo Pedro Ludovico organizado um grupo de voluntários para tomar o governo goiano, foi derrotado e preso pelos situacionistas nas proximidades de Rio Verde. Assim, os Caiado conseguiram fazer resistência frente ao movimento. Mas, no Sudoeste, a Coluna Arthur Bernardes, chefiada por Quintino Vargas, obtivera mais sucesso e ocupara o Palácio do Governo. Quintino Vargas assume a Interventoria Goiana e, depois, Pedro Ludovico Teixeira, a Interventoria Federal no Estado. (CHAUL, 1999, 48-51)

No propósito de Pedro Ludovico sobre a construção de uma nova capital para o Estado, esse momento de transição fica evidente: “Goiânia como uma consolidação possível entre o urbano e o rural, capaz de absorver os elementos existentes e as idéias em trânsito, o velho e o novo, a oligarquia e a revolução, a agricultura e o comércio. Enfim, Goiânia será também uma obra deste período de transição”. (CHAUL, 1999, p.49)

Pedro Ludovico recebeu críticas principalmente dos antimudancistas, que argumentavam a possibilidade de recuperar a cidade de Goiás. Insistiam que seria uma tarefa muito difícil e de custo alto, uma ação que beneficiaria uma pequena minoria, justamente aquela que queria se superar. (CHAUL, 2010)

Foi, portanto, o argumento do progresso que sustentou a mudança da capital. Continuando em suas justificativas, Ludovico acrescentava: "Como poderia dirigir e acionar o desenvolvimento do colossal território goiano, uma cidade como Goiás, isolada, trancada pela tradição e pelas próprias condições topográficas ao progresso [?]. Segundo o interventor, o ritmo desenvolvimentista do estado requeria uma "capital acessível, que irradiasse progresso e marchasse na vanguarda, coordenando a vida política e estimulando a economia, ligada à maioria dos municípios por uma rede rodoviária planificada." Goiânia simbolizaria o avesso do atraso e poderia retirar o estado de sua atávica decadência. (CHAUL, 2010, p.234)

Em abril de 1933, mais precisamente no dia 27, Andreilino de Moraes e sua esposa Bárbara de Sousa Moraes realizaram a doação de 50 (cinquenta) alqueires de terra para construção da nova capital. Assumiram ainda a obrigação de permutar 76 (setenta e seis) alqueires e vender mais 34 (trinta e quatro). Além disso, doaram 2 (dois) alqueires para uso da Igreja Católica. O próprio Andreilino de Moraes foi um dos primeiros empreendedores da

nova capital, com empreendimentos de cerâmica, serraria e materiais de construção (ROCHA, 2009).

Após a via-sacra de doações, desapropriações e compras de terras campineiras que o Governo trilhou, seguiu-se a construção dos primeiros prédios do governo. Antes, porém, de passarmos a este tema, vejamos uma questão, base de todas as negociações que se efetivavam e das que estavam por se efetivar: a verba. Em outras palavras: de onde veio o dinheiro? Duas origens podem ser observadas para responder a tal questão: a primeira teve origem nos empréstimos feitos pelo Estado junto ao Governo Federal; a segunda, procedeu de venda dos lotes. (CHAUL, 1999, p.95)

Para esta venda de lotes, “foi criado o Departamento de Propaganda e Venda de Terrenos, compelido de propagar e incentivar a formação do núcleo da nova capital”. (CHAUL, 199, p.97)

A esfera federal ajudou pouco, mas de qualquer modo, foi valioso um empréstimo inicial do Banco do Brasil, autorizado pelo presidente Getúlio Vargas e que foi repassado com agilidade graças à boa vontade do então ministro da Fazenda Oswaldo Aranha. Valor desse empréstimo: 3 mil contos de réis. (ROCHA, 2009, p. 27)

Dentre os vários pontos a resolver, se incluía escolher um nome para a nova capital do Estado. A escolha do nome Goiânia foi feita em um concurso.

O primeiro periódico que se ocupou do nome da nova Capital foi "O Social". Este, em seu número 4, de 5 de outubro de 1933, iniciou o concurso intitulado: "Como se deve chamar a Nova Capital?"

Este concurso despertou grande interesse, concorrendo a ele vários intelectuais. Venceu a sugestão apresentada pelo Prof. Alfredo de Faria Castro, com o pseudônimo de "Caramuru Silva do Brasil". (NATAL E SILVA, 1993, p.25)

Outra data de 1933, que na verdade ficou mais marcada na história de Goiânia até os tempos atuais, foi a de “24 de outubro: lançamento da pedra fundamental - dia escolhido em memória da revolução. Foguetes. Bandas, Representações dos municípios. Autoridades. Discursos. Nascia a cidade”. (PALACIN, 1976, p.59)

Entretanto, ainda seria necessário resolver um problema na época: a energia elétrica. As luzes se acenderam na cidade de Goiânia, pela primeira vez, em 15 de novembro de 1936, ou seja, no feriado da Proclamação da República. A primeira usina esteve localizada estrategicamente no rio Meia Ponte, onde atualmente encontra-se o Clube Jaó (que está no setor de mesmo nome). Estaria resolvido o problema elétrico não fosse “uma usina pequena e que forneceria luz às casas, das dezoito às vinte e duas horas, somente.” (SOUZA, 1997, p.16)

Para o período inicial, poucas horas diárias de energia poderiam ser consideradas um

grande avanço na capital, como vemos pela descrição do Grande Hotel veiculada em forma de anúncio para jornais e boletins:

Grande Hotel de Goiânia. O melhor em todo o Brasil Central. Construído sob o mais rigoroso plano da Arquitetura Moderna.

De suas sacadas o turista poderá contemplar, em toda sua plenitude, essa luta ciclópica entre um povo que vai construindo a sua cidade e a Natureza virgem, travada em uma das mais encantadoras paragens do hinterland brasileiro, duelo imponente em que a mão do homem apenas aumenta a beleza verdadeiramente edênica da paisagem. Misto de cidade e de sertão.

Visitai Goiânia, a caçula das capitais brasileiras e hospedai-vos no Grande Hotel.

(SOUZA, 1997, p.38)

Goiânia teve sua inauguração oficial em 5 de julho de 1942, com extensa programação.

I - 5h - Alvorada pela Banda da Polícia Militar. Passeata com a participação da Polícia Militar, Tiro de Guerra, Escolas etc.

II - 8h - Chegada do desfile na Praça Cívica. Hasteamento da Bandeira Nacional no Palácio do Governo.

III - 8:30h - Missa Campal na Praça Cívica, celebrada por S.E. o Cardeal Leme. Sermão de D. Aquino Correia.

IV - 20h - Soleníssima sessão da inauguração da Capital, no Cine Teatro Goiânia. Discurso do Interventor Federal fazendo entrega das chaves da cidade ao Prefeito e resposta dele. Discurso oficial do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do IBGE. Evoluções de todos os aparelhos do Aero Clube e salva de 21 tiros. (GALLI, 2007, p.23)

Nessa programação, grandes autoridades, inclusive o presidente Getúlio Vargas, não compareceram. Fotos, manchetes de jornal do Rio de Janeiro e a programação completa do evento nos dão a confirmação. (GALLI, 2007)

No documento oficializando a nova capital, temos: “na ausência do presidente, que não esteve aqui no batismo, o diploma foi entregue ao general Souza Doca, membro da Casa Militar e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, portador do título para entrega pessoal ao presidente da República”. (NATAL E SILVA, 1993, p.37)

Os escritos dos historiadores passam-nos a impressão de que a cidade vivia toda a energia da novidade. Todavia, em 1945,

Na noite de três de abril, desabou uma chuva torrencial, sem precedentes na vida de Goiânia. Rompeu com um estrondo as comportas da represa do Jaó e arrastou nas águas do Rio Meia Ponte, a Usina Elétrica, mergulhando a cidade em trevas e desolação!

Eram vinte e duas horas.

O goianiense preparava-se para uma noite de repouso, quando, de repente, tudo desapareceu na escuridão. (SOUZA, 1997, p.49)

Depois de um período à luz de velas e lampião, o paliativo foi o motor a óleo diesel. Por meio de contrato particular, o motor fornecia energia elétrica apenas às lâmpadas e foi instalado pelo Sr. Pílade Baiocchi em sua oficina mecânica. Apenas uma resolução

temporária, pois sua potência não atenderia mais às necessidades cada vez mais crescentes das casas. O governo tentou ainda algumas providências, como a recuperação da usina do Jaó, mas sua capacidade já não atendia à cidade. Tentou-se contornar comprando um velho motor de submarino, que foi instalado às margens do córrego Botafogo. Mas este também não tinha potência suficiente. Em regime de emergência, foi construída, a 50 quilômetros de Goiânia, no Rio Meia Ponte, a Usina do Rochedo. (SOUZA, 1997)

Segundo Rocha (2009), a aviação também, desde cedo, fez parte da modernidade de que a nova capital precisava. Em um ponto terminal instalado no final da Av. Tocantins, que hoje chega a ser inacreditável, pousou o primeiro avião da VASP. Logo depois, as linhas da VARIG, Cruzeiro do Sul, a Sadia, a Central Aérea e a PANAIR, mas já no Aeroporto Internacional Santa Genoveva, afastado do centro urbano. Um anúncio da empresa VIABRÁS, que atendia também o estado com voos intermunicipais, foi encontrado em nossa pesquisa. O anúncio tinha como foco principal a disponibilidade de linha para o Rio de Janeiro, onde ocorria o Campeonato Mundial de Futebol.

Desde 1947, a Viação Aérea Brasil vem servindo o Estado de Goiaz com seus modernos e confortáveis aviões, colocando nossa capital e diversas cidades do interior em intimo contato com os principais centros do país. (...) De todos os estados partem seus velozes aparelhos, transportando em seu bojo os apaixonados do futebol que vão assistir aos jogos da Copa do Mundo e ao mesmo tempo conhecer o magestoso Estadium Municipal do Rio de Janeiro. Com preços especiais sairão de Goiânia, esta semana, os aviões da Viabrás, para o Rio em linhas combinadas para a volta facilitando desta forma o transporte para os que desejam acompanhar o magno espetáculo esportivo. [sic] (FOLHA DE GOIAZ, 22/06/1950, Capa)

Ao final, o mesmo anúncio ainda informa sobre as novas linhas disponíveis.

Extendendo suas atividades pelo estado, a Viabrás, alem de servir a numerosas cidades goianas acaba de inaugurar mais uma linha com escalas em Pires do Rio e Anápolis, ás quintas feiras, elevando assim para 26 o número de cidade brasileiras ligadas entre si pelos seus luxuosos aparelhos. [sic] (FOLHA DE GOIAZ, 22/06/1950, Capa)

Mesmo que o foco central deste trabalho seja o americanismo difundido pelo cinema, não podemos deixar de registrar que, nesta época inicial, onde buritis eram mais percebidos na cidade do que o movimento de pessoas, figuras ícones do cinema internacional já visitavam a nova capital. Em 1950, o francês Georges-Henri Clouzot (1907-1977), recém-consagrado pelo seu filme *Anjo Perverso*²², visitou Goiânia com sua futura esposa, Vera

²² Título original: *Manon*. Lançado em março de 1949 com duração de 100 minutos. Uma adaptação do clássico francês 'Manon Lescaut' do Abbe Prevost, atualizado para a França pós-Segunda Guerra Mundial, em que um ex-ativista da Resistência Francesa resgata Manon de aldeões que querem linchá-la por colaborar com os nazistas. Eles se mudam para Paris, mas seu relacionamento rapidamente torna-se tempestuoso depois de se

Amado, filha do escritor Gilberto Amado. Este fato também foi noticiado primeiramente em uma nota do dia 29/04/1950.

Deverá chegar hoje em Goiânia, o cineasta François Clouzot com o objetivo de empreender trabalhos de ordem técnica na terra anhanguerina e conhecer a mais jovem capital do Brasil. Viajará depois para Minas Gerais e Amazonas com as mesmas finalidades. François Clouzot vem em companhia de sua esposa a sra. Vera Amado Clouzot, filha do escritor brasileiro Gilberto Amado. (FOLHA DE GOIAZ, 29/04/1950, Terceira página)

Alguns dias depois, o jornal destaca em sua capa a manchete: “Em Goiânia um cinegrafista francês”. Em seu subtítulo indicava o motivo de sua visita: “Vem sentir a paisagem humana e geográfica para a feitura de uma grande película”. Dentro da reportagem explica melhor sua visita.

Já é conhecido de todo o público brasileiro o cinegrafista Georges Clouzot, consagrado com um prêmio no festival Bienal de Viena pela sua película “Anjo Perverso”. Chegou ontem a esta capital viajando em avião da FAB acompanhado de sua esposa sra. Vera Amado, filha do escritor brasileiro Gilberto Amado. O seu intuito em vir agora a Goiás prosseguindo viagem então a Mato Grosso, Maranhão, Pará e Amazonas. Retornará depois a terra anhanguera para proceder as cenas de filmagem, focalizando três fatos distintos de nossa historia, começando pela entrada das bandeiras em Goiás na antiga Vila Boa, seguindo-se depois aspectos de nossa economia agrícola e bovina e finalmente aspectos modernos de Goiás, cenas que farão parte do grande filme intitulado “Brasil — um diário de viagem”, obra na qual espera renovar por completo o seu estilo cinematográfico. Essa película começa em Paris, na embaixada brasileira, prossegue no vapor “Campana” focalizando uma historia a bordo. Inclui passagens no Rio de Janeiro, cenas de Goiás e outros Estados, focalizando a unidade do Brasil. Mas, conforme declarou a reportagem — uma unidade mais nacional do que geográfica, e no qual não haverá protagonistas principais e nem enredo ortodoxo, nele figurando o próprio cinegrafista, sua esposa, e centenas de outros brasileiros, gente do Povo e das altas camadas sociais, afim de que seja o filme o mais fiel possível, um retrato vivo de nossa gente e nossa pátria. (FOLHA DE GOIAZ, 04/05/1950, Capa)

Segundo nossas pesquisas, o filme "Brasil - um diário de viagem", ao qual a reportagem se refere e no qual seriam inseridas as imagens do Estado, não foi realizado. Inclusive não consta nas filmografias oficiais de Clouzot. No dia seguinte à reportagem sobre o francês, há outra nota, agora com a visita de Zygmunt Sulistrowski²³, com a manchete “Em Goiânia, um técnico cinematográfico”.

O Sr. Zygmunt Sulistrowski, conhecido produtor-diretor de filmes cinematográficos encontra-se nesta capital há vários dias, com a alta finalidade de organizar uma companhia para produção de “filmes-strips”, e filmes naturais a serem difundidos pelo Brasil e no Exterior onde, na sua opinião, a documentação cinematográfica existente nos museus é muito antiga.

Afirma que esses documentos não correspondem á realidade brasileira. É de opinião

envolverem na especulação, na prostituição e em um assassinato. Fonte: Sítio IMDB <<http://www.imdb.com/title/tt0041634/>> visitado em 11/01/2017

²³ Nascido em 18 de maio de 1922 na Polônia, foi erradicado em Los Angeles. Dirigiu filmes como Tumulto das Paixões (1958), Jungle Erotic (Selva Erótica - 1970), Annie, a Virgem de Saint-Tropez (1976) entre outros. Fonte: Sítio IMDB <<http://www.imdb.com/name/nm0837901/>> visitado em 11/01/2017.

que os aspectos, paisagens e costumes de Goiás exigem uma filmagem de longa metragem, portanto, capaz de levar ao exterior a expressão exata do que possuímos. (FOLHA DE GOIAZ, 05/05/1950, Capa)

Sobre estas imagens gravadas, a que o jornal se refere, não temos nenhum registro que possam comprovar sua realização. Segundo o sítio Adorocinema²⁴, cinco anos depois desta visita à Goiânia, já em 1955, Zygmunt Sulistrowski lançaria o filme *Feitiço no Amazonas*, que narra as aventuras de uma menina da cidade grande na Amazônia. No enredo, ela conhece os nativos, a floresta e os animais selvagens, ou seja, o exótico brasileiro, mas nem sempre se sente confortável com as novidades. O filme foi exibido no festival de Cannes.

Em junho do mesmo ano, o jornal informa sobre uma carta enviada pelo governador Coimbra Bueno ao mexicano Frei José Mojica, que cantou na primeira transmissão da TV no Brasil em 5/7/1950 (SILVA, 2004). Apesar de ser apenas um pedido do governador, a nota já informa em sua manchete em letras maiúsculas “JOSÉ MOJICA VIRÁ A GOIAZ”.

Ao frei José Guadalupe Mojica²⁵, internacionalmente famoso pelas suas interpretações cinematográficas há cerca de 10 anos atrás, ora no Rio de Janeiro de regresso à Itália, onde participou das peregrinações do Ano Santo, o governador Coimbra Bueno, enviou telegrama convidando-o a visitar este Estado. Ao ex-ator de Hollywood, hoje sacerdote esclarece o chefe do executivo goiano que Goiás o receberá como hóspede oficial do governo do Estado, levando a visitar a região do planalto central brasileiro, zona onde melhor têm sido preservados os costumes tradicionalmente católicos. Como contribuição à campanha de fundos para o Colégio de Missionários Franciscanos, em que ora se empenha aquele sacerdote, o governo goiano colocará à sua disposição o Cine Teatro Goiânia para duas audições sendo uma popular. (FOLHA DE GOIAZ, 08/06/1950, Terceira Página)

O convite, conforme a reportagem, foi feito pelo Governo do Estado, mas não há reportagens posteriores que confirmem que o governador tenha obtido sucesso na aceitação do ex-ator hollywoodiano em visitar Goiânia.

Ainda segundo Rocha (2009), a estrela do filme *Psicose*²⁶, Janet Leigh, que ficou

²⁴ Adorocinema. *Feitiço do Amazonas*. Visitado em 20/10/2016 no endereço <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-239817/>

²⁵ José Mojica é o nome artístico de José de Guadalupe Mojica, conhecido por Frei Mojica. Ele nasceu na cidade de San Gabriel Jalisco, México, em 14 de setembro de 1895. Em 1950, recebeu um convite do Brasil, para participar da fase de implantação da televisão no país. E aceitou. Esteve em São Paulo, a convite do jornalista e empresário Assis Chateaubriand e Frei Mojica participou do show experimental da TV Tupi -PRF3, a primeira emissora do Brasil. Mojica fez em Hollywood cerca de 10 filmes; no México, seu país, fez seis; e na Argentina fez um. Fonte: Sítio Museu da TV <<http://www.museudatv.com.br/biografias/Jose%20Mojica.htm>> visitado em 11/01/2017.

²⁶ Phoenix, Arizona, Dezembro, duas e quarenta e três da tarde. Marion Crane enfrenta problemas financeiros. No seu trabalho ela tem a tarefa de levar 40 mil dólares para depositar no banco. Depois de várias ações, ela vai parar no Motel Bates, um lugar decadente, que quase fechou suas portas após o desvio da autoestrada. Lá, é recepcionada por um simpático mas estranho rapaz, Norman Bates, um tímido, dominado pela mãe. Após uma conversa e um rápido sanduíche, acontece o inesperado: Marion é brutalmente esfaqueada enquanto toma banho, numa das cenas mais famosas de toda a história do cinema. RIBEIRO, F. “Desejo e pulsão em *Psicose*, de Hitchcock”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. VI, n. 12 (jul-dez/2012), pp. 116-127.

famosa principalmente pela cena no chuveiro onde o personagem Norman Bates (Anthony Perkins) assassina seu personagem, também visitou a capital, mas isso já no início da década de 1960.

O jornal traz ainda a informação de um carro de luxo da época, o Simca. Carro francês projetado nos Estados Unidos, fez sucesso no Brasil e era, o Simca Chambord, o primeiro carro de luxo produzido em solo nacional. Derivado do Simca Vedette, que provavelmente era o modelo indicado na reportagem, ele trazia um visual que imitava os carros norte-americanos da época, com destaque para o famoso “rabo-de-peixe”, que lhe rendeu apelido de “Cadillac brasileiro”.²⁷ A reportagem escrita no jornal de 01/06/1950, foi titulada como "Um fato curioso no trânsito".

Estando o carro Simca, de chapa 1-14-01, dirigido pela proprietária Sra. Balduino Francisco Santa Cruz, transitando pela estrada de Campinas, num dado momento, foi tocado por uma caminhonete que passou-lhe á frente. A condutora do veiculo não ligou importância ao ocorrido e continuou a caminho de Goiânia. Quando aqui chegou verificou que seu automóvel estava sem grande parte do paralamas traseiro. O seu marido saiu a cata dos pedaços do paralamas encontrando-os pouco depois. O lado pitoresco do acontecimento foi o seguinte: o carro Simca, como todo mundo sabe, é de pequeno tamanho. O motorista da caminhonete, levado pela curiosidade aproximou-se muito do outro e descuidou-se da direção levando no para-choque até certa distância, uma parte do paralamas traseiro do carro-anão. Ao satisfazer sua curiosidade o motorista da caminhonete, cuja identidade é desconhecida, quase leva consigo a lataria do automóvel. (FOLHA DE GOYAZ, 01/06/1950, Sexta Página).

Essas curiosidades estão aqui relatadas porque essas crônicas sociais do Jornal *Folha de Goiaz*, feitas para a sociedade goianiense, seguem o mesmo estilo das crônicas americanas do *gossip columns* de Walter Winchell, citadas por Antônio Tota (2000). Aos moldes dos escritos de Winchell, o jornal coloca o que deve ser o exemplo de sociedade e onde ela se encontra em crítica ou virtude. Na edição 1485 do dia 01/06/1950, aparece uma nota exclusiva ao lado da programação dos cinemas e da coluna “Vida Social” sobre um evento beneficente titulado “Festa das Bolas”. O título da nota foi, notoriamente, “Cidade Educada”:

Decididamente, Goiânia vai-se educando, vai-se fazendo cidade grande, vão-se acabando os mexericos peculiares e aldeolas do interior, inventa-se coisa nova, coisa boa e deslumbrante como a “Festa das Bolas”, afim de beneficiar a Santa Casa de Misericórdia. Assim, as srtas. Newmary Albernaz, Terezinha Magalhães e Iara Alves Lima Jordão estão concorrendo para fazer de nossa jovem capital uma cidade verdadeira, um grande centro em que não falem os bons divertimentos, conjugados com os bons princípios.

E os cavalheiros desta cidade que se previnam para a admirável surpresa que elas lhe preparam.

Para as senhoras e senhoritas, estipulou-se como obrigatório, o traje de bolas a passeio. (FOLHA DE GOIAZ, 01/06/1950, Terceira Página)

²⁷ Fonte: <http://carplace.uol.com.br/carros-para-sempre-simca-chambord/>

Em várias partes do jornal encontramos esse americanismo sendo inserido na sociedade goianiense. Esse mesmo modelo já vinha sendo utilizado nos anúncios dos produtos americanos em outros jornais. Em 1954, encontramos o anúncio do Banco de Goiás, de propriedade do Estado, figurando uma típica família estilizada aos moldes americanos (mãe, pai, um filho e uma filha), como pode ser visto no anúncio veiculado em São Paulo pela norte-americana Walita.

Figura 6 – Dois anúncios de típicas famílias americanas.



Anúncio publicado no Jornal *Folha de Goiás* em 11/04/1954 na edição 2539.
Fonte: Folha de Goiás, 1954



Anúncio veiculado no Jornal *Estadão* - 05/05/1954.
Fonte: Acervo Jornal O Estado de São Paulo.
<<http://acervo.estadao.com.br>> visitado em 20/11/2016.

O modo de fazer o jornal está diretamente ligado à imposição do americanismo no Brasil. A comparação acima vem ao encontro dos fatos detectados anos anteriores, que demonstram o quanto a imprensa nacional foi atingida e a imprensa goianiense também.

As investigações sobre a invasão ianque na imprensa brasileira, ou melhor, sobre o complexo processo de alienação da consciência brasileira, no sentido de nos levar a admitir que "a solução está nos Estados Unidos", chegarão, forçosamente, às seguintes conclusões:

[...]

2 - Depois de dominar praticamente o setor de revistas, os americanos voltam suas vista para os jornais, estações de rádio e televisão.

[...]

4 - A discriminação publicitária, exercida por agências americanas (J. W. Thompson, McCann-Erickson, Grant Advertising, International Advertising Service, Multi Propaganda, etc), compromete a grande imprensa brasileira, quase toda ela constituída de jornais que baseiam mais de 80% de sua receita na publicidade. (RABELO, 1966, p.172-173)

Ainda sobre a comparação dos anúncios, percebemos que o traço do desenho do banco

goiano não tem a mesma riqueza de detalhes do americano do anúncio da Walita. Essa diferença pode ser oriunda do estilo, mas também da falta de profissional disponível para o desenho, do molde possível na impressão do jornal ou até mesmo da falta de estrutura da produção, exigindo uma simplificação do desenho para uma melhor impressão no jornal.

E esses empecilhos ou adaptações técnicas também podem ser encontrados nessa escalada do americanismo nas salas de cinema de Goiânia.

2.3 - As casas de cinema goianas

O Estado de Goiás, desde muito cedo, teve o cinema como parte de sua cultura. Já em 1909, apenas 14 anos após a projeção dos Irmãos Lumière no Salão Indiano do Grand Café em Paris, aconteceu, no dia 13 de maio, a primeira projeção cinematográfica na Cidade de Goiás (na época capital do Estado). Era inaugurado com essa exibição o Cinema Goyano, pelo Major Domingos Gomes de Almeida, no prédio que hoje conhecemos como Teatro São Joaquim. (BENFICA, 1995)

Na programação da primeira exibição,

Os filmes tinham de 10 a 20 minutos de duração. Assim, a programação era composta por várias curtas. Neste contexto, o Cinema Goyano, após um mês de sua inauguração, exibia *As proezas de Dom Quixote*, anunciado como uma verdadeira fábrica de gargalhadas; *Santos Dumont*, documentário sobre as peripécias do Pai da Aviação em Paris; *O Enforcado*, comédia, e *Chegada e Partida de Trens de Ferro*. (LEÃO, 2010, p.14)

Em 1914, foi inaugurado, também na Cidade de Goiás, o Cinema Luzo-Brasileiro, por Joaquim Guedes de Amorim. Como diferencial, esse cinema contava com a primeira orquestra de Goiás criada pela Maestrina Nanhá do Couto. (LEÃO, 2010)

Na época, a “campininha”, hoje conhecida como Setor Campinas, ainda não fazia parte da capital, mas, dada a sua proximidade, seus habitantes faziam parte do cotidiano de Goiânia inclusive do meio cultural cinematográfico. O escritor José Mendonça Teles escreve em suas memórias a representação social do Cine Campinas, inclusive o status da escolha de horário da sessão do filme, apontando para a importância do cinema na vida social da cidade:

O convite para a namoradina geralmente era o mesmo: - Vamos ao cinema domingo? Ela perguntava em que sessão. A gente respondia com certo status: - Na sessão das oito. Para o cidadão campineiro de meu tempo a rotina dominical era quase sempre a mesma: missa das oito na Matriz, futebol à tarde (jogo do Atlético) e sessão das oito no Cine Campinas. (TELES, 1996, p. 124)

Esta nostalgia das salas de cinema de Goiânia, principalmente em prédios próprios, aconteceria rapidamente, porque essas salas, a partir de 1960, perderam lugar para comércios, igrejas e concessionárias.

Somente em Goiânia, da década de 60 pra cá, encerraram as suas atividades originais os cines: Regina, na Vila Nova, hoje supermercado; Fátima, no Setor dos Funcionários, transformado em empresa de transporte coletivo; Helena, em Campinas, loja de utensílios; Rio, em Campinas, transformado em Igreja Universal do Reino de Deus; Goiânia, Centro, hoje apenas, teatro; Goiás, no Centro, loja de tecidos; Campinas, loja de eletrodomésticos; Avenida, Campinas, clube dançante; Eldorado, Campinas, loja de tecidos; Presidente, Centro, restaurante do hotel homônimo; Cinema I, Setor Oeste, transformado em loja; Royal, Setor Pedro Ludovico, que funciona inicialmente com a bitola 16mm, fecha e reabre em 35 mm, com o nome de Cine Cultura, que finalmente fecha em 1979. Hoje funciona ali uma loja de material de construção. (BENFICA, 1995, p.34-35)

O cinema ainda hoje tem sua força em Goiânia, mas a maioria das salas está instalada dentro dos shoppings. No centro, ainda resta, na rua 8, o Cine Ritz, com programação comum aos cinemas de shopping, ou seja, com muita inserção de filmes hollywoodianos. O restante dos pequenos espaços de projeção que sobraram no Setor Central de Goiânia veiculam películas de conteúdo pornográfico.

2.4 - O Cine Campinas e o Cine Goiás



Figura 7 - Cine campinas. Década de 1940. Autor desconhecido. Goiânia – GO. Acervo MIS|GO.



Figura 8 - Cine Goiaz. Década de 1940. Autor desconhecido. Goiânia – GO. Acervo MIS|GO

Segundo Oscar Sabino Júnior, o Cine Campinas foi inaugurado em 13 de junho de 1936 com o nome de Cine Teatro Campinas. Este nome foi escolhido em um concurso que teve como vencedor Antônio Leão Teixeira (SABINO JÚNIOR, 1980).

Tanto o Cine Campinas quanto o Cine Goiaz²⁸ eram propriedade da Empresa Goiana de Cinemas Ltda, que tinha a administração do Sr. Alfredo Farezin (a mesma empresa que, em 1950, assumiria o Cine Teatro Goiânia).

A programação dessas duas casas de projeção era mudada, na maioria das vezes, diariamente, mesmo que apenas por uma inversão de programação, isto é, um filme era projetado no Cine Campinas em um dia e, no dia posterior, era apresentado no Cine Goiaz e vice-versa.

No entanto, mesmo tendo a denominação de “Cine”, tanto o Campinas quanto o Goiaz abrigavam em suas programações espetáculos artísticos. Em março de 1950, o jornal *Folha de Goiaz* veicula a notícia da apresentação de Oscarito em Goiânia, descrevendo que

Oscarito é, incontestavelmente, um dos valores mais positivos do teatro leveiro e do cinema nacionais. No primeiro gênero, o consagrado artista patricio tem-se revelado um grande sucesso de bilheteria, o mesmo acontecendo com as suas apresentações na tela, onde em diversos filmes cujos nomes já são de sobejo conhecimento público, tem tido oportunidade de evidenciar as suas qualidades e os seus recursos como intérprete da sétima arte.

Daí estar sendo recebida com o maior entusiasmo a notícia da visita de Oscarito, um dos grandes artista brasileiros, à nossa jovem capital, onde virá acompanhado de Margot Louro e Matos, o famoso tenor. O gosadíssimo criador de “Tá na Hora”, um

²⁸Apesar de pesquisado em bibliografia impressa, internet e edições do jornal *Folha de Goyaz*, *O Popular* e *Correio Oficial* não foi encontrado a data de inauguração do Cine Goiaz.

dos sucessos do carnaval de 1950, realizará um “show” nos Cines Goiaz e Campinas na noite do dia 27, segunda-feira. O apreciado cômico brasileiro, figura central do filme “Este Mundo é um Pandeiro”, virá mostrar aos goianienses os seus dotes como ator do palco. Será, sem dúvida, um espetáculo digno de ser visto. (FOLHA DE GOIAZ, Terceira Página, 22/03/1950)

Contudo, já na década de 40, o Cine Goiaz tem a maioria das suas projeções estadunidenses, justamente na época em que a propaganda de Hollywood era voltada para o combate aos comunistas.

No final da década de 1940 e início da década seguinte, os EUA vivenciaram uma das maiores afluências anticomunistas de sua história. Apesar das espetaculares mudanças econômicas, os problemas decorrentes da Guerra Fria geraram desconforto e medo não apenas dentro do seu território, mas também influenciaram suas relações exteriores, prolongando certa crise ideológica que surgiu no pós Segunda Guerra Mundial. (VALIM, 2006, p.50)

Essa propaganda chega fortemente ao Brasil principalmente pelo HUAC²⁹, traduzida no Brasil pelo DOPS³⁰.

Em palestra militar proferida em Washington em 1947, a preocupação com o avanço da propaganda comunista estava bastante explícita, indicando a percepção de que o cinema poderia vir a ser um importante campo de batalha entre EUA e URSS. Segundo o documento, que foi traduzido pelo DOPS e distribuído internamente, a propaganda do Partido Comunista deveria ser firmemente combatida, principalmente no meio cinematográfico, onde o Partido esperava “implantar idéias comunistas a uma audiência garantida de 100 milhões de crianças”. (VALIM, 2006, p.53)

A propaganda anticomunista utiliza o cinema com conteúdos relacionados à espionagem dentro dos EUA. E, nesse contexto, foi produzida a primeira película anticomunista de alta qualidade após 1945: *The Iron Curtain* (1948), que, no Brasil, recebeu o título de “Cortina de Ferro”. (VALIM, 2006)

Essa película anticomunista chega a Goiânia, projetada no Cine Goiaz, em junho de 1950. Dirigida por William A. Wellman, o personagem vivido pelo ator Dana Andrews, chamado Igor Gouzenko, trabalha para uma célula soviética no Canadá. No desenvolvimento da trama, ele acaba por desconfiar que o verdadeiro interesse dos seus dirigentes não era passado a ele. Antes de sua volta à Rússia, ele resolve deixar suas descobertas em posse do governo canadense. O filme contava no seu elenco com Gene Tierney, June Havoc e Berry Kroeger.

Segundo o jornal *Folha de Goiaz*, a projeção da película virou caso de polícia, pois manifestantes dados como comunistas depredaram o Cine Goiaz dias antes e o reforço policial foi solicitado. Notícia ainda que os manifestantes, tendo como líder Moacir Belchior,

²⁹ Comitê de Inquérito para Atividades Anti-Americanas (House of Un-American Activities Committee)

³⁰ Delegacia de Ordem Política e Social

tentaram atrapalhar a sessão. Para reforçar a notícia, o jornal veiculou um amplo comunicado do Delegado Pedro Loureiro Maia do DOPS em Goiânia sobre o fato:

Com relação às cenas verificadas no Cine Goiás na noite de 21 do corrente, a 2ª delegacia Auxiliar responsável pela Ordem Política e Social sente-se no dever de esclarecer a opinião pública quanto a provocação levada a efeito por elementos extremistas que procuraram impedir a projeção do filme anti-comunista “Cortina de Ferro”.

A empresa proprietária do Cine Goiás, comunicara-se com a Chefatura de Polícia naquele dia, em ofício, solicitando garantias uma vez que comunistas já haviam depredado aquela casa de diversões, na parte da manhã, com o firme propósito de impedir a passagem daquela película.

Por esse motivo a 2ª Delegacia Auxiliar e a Delegacia Especial providenciaram rigoroso policiamento afim de garantir a Empresa Goiana de Cinemas S.A., bem assim com a projeção do mencionado filme, já o mesmo fora liberado, pelas autoridades competentes de D.F.S.P. constituindo, portanto uma exibição legalizada.

BOLETINS SUBVERSIVOS

Dessa forma, providenciado o reforço do policiamento, dirigiu-se o segundo delegado aquele cinema afim de ali superintender o serviço, tendo logo de início, deparado com o sr. Moacir Belchior que distribuía boletins subversivos. Solicitou então aquela autoridade ao sr. Moacir Belchior sustasse a distribuição afim de evitar exaltação de animo responsabilizando-o pelos distúrbios consequentes daquela provocação.

PROVOCAÇÃO DE GUERRA

Já no interior do cinema e durante a projeção do filme, tentou o sr. Moacir aos gritos contestar o enredo daquela película, dizendo tratar de uma provocação de guerra e uma ofensa ao glorioso povo russo e aos heróis de Stalingrado. Devido a confusão decorrente desse gesto acenderam-se as luzes e os próprios assistentes solicitaram a retirada dos manifestantes do recinto, ao que o 2º delegado advertiu o sr. Moacir Belchior, dizendo ser aquela atitude inconveniente e pedindo-lhe que assistisse o filme sem perturbar o silêncio natural do cinema. Entretanto, rebelou-se contra o pedido daquela autoridade tentando, ainda, reagir com palavras ofensivas a moral das autoridades constituídas, e aos próprios assistentes. Exaltado naquele momento o sr. Moacir foi convidado a retirar-se do interior do cinema, quando rebelou-se contra a ordem que recebera, tendo a autoridade necessidade de usar da força para fazer cumprir a sua determinação. Já ao sair, outros elementos comunistas inclusive senhoras, tentaram desrespeitar a polícia, impedindo violentamente, a prisão de Moacir Belchior. Houve a natural reação da polícia afim de que fosse a ordem mantida, tendo sido presos nove elementos comunistas que serão devidamente processados, de acordo com a lei estando o inquérito em sua fase final.

Após seu termino, será encaminhado à Justiça.

A Delegacia da Ordem Política e Social, com a colaboração da Delegacia Especial e da Polícia Militar, restabeleceu a ordem tão solenemente ameaçada por esses elementos que não hesitaram em provocar a polícia com o objetivo de implantar a desordem e a intranquilidade públicas.

Goiânia, 22 de junho de 1950.

Pedro Loureiro Maia

2º Delegado Auxiliar (FOLHA DE GOIAZ, 25/06/1950, Terceira Página. Sic)

Não encontramos no jornal, nesta edição ou em outras, algum depoimento ou notícia que viesse a dar abertura à defesa do Sr. Moacir Belchior. Nem mesmo o resultado do seu encaminhamento à justiça. Outra questão é que o fato narrado da atitude "inconveniente" leva

como título do parágrafo "PROVOCAÇÃO DE GUERRA". A propaganda anticomunista estadunidense claramente encontra seu reforço no DOPS também em Goiânia.

No mesmo dia (25/06/1950), na terceira página do jornal, aparece pela primeira vez o anúncio de uma sessão matinê às 13 e às 15 horas no Cine Goiás. O filme foi anunciado como O desenho colorido – Far-west: Devastando caminho. Apesar de ser sido mencionado o desenho, apenas foi apresentado o filme de faroeste Devastando caminho³¹ lançado em 1949. O título original é Canadian Pacific. Na história, o funcionário da empresa Canadian Pacific Railroad, vivido pelo ator Randolph Scott, tem que enfrentar os caçadores de pele que se opõem à construção da ferrovia. Na trama, há também uma rebelião indígena e o herói ao final consegue resolver a situação. Tiroteio, roubo e perseguição a cavalo são parte de destaque na ação do filme. Apesar de o anúncio ter chamado de desenho, o filme não é uma animação.

Conforme já dissemos, os cinemas eram o centro da vida de lazer da sociedade goianiense e não se atinham somente à exibição de filmes, mas eram formas de entretenimento que apontavam para os chamados “bons costumes” da época e serviam como veículo de notícias sobre o país também. A sua face era, em princípio, absolutamente lúdica, não fosse todo o aparato ideológico imposto pelo americanismo junto ao veículo, quanto ao modo de vida, comportamento e valores. Um exemplo disso está no Concurso de Miss, importado do modelo americano e exaltador da beleza feminina aos moldes da mulher ocidental: pele clara, rosto simétrico, cabelos penteados, recato, meiguice etc.

2.5 - A Miss Brasil goiana nas telas goianienses

A valorização da beleza feminina tem seus primeiros registros em 1372 a.C. quando as egípcias tomavam banho com uma mistura de água e carbonato de cal, pasta de argila extraída do Rio Nilo e utilizavam pedra-pomes para esfoliações. A beleza era relacionada com a higiene e principalmente demonstrada pelo cuidado com a pele. Na Idade Média, ocorreria uma representação contrária: a formosura do sexo feminino era ligada ao pecado. No Renascimento, os espalhos tornavam a figura feminina uma escultura e, na era barroca, a volumosidade da forma foi valorizada, ligada à condição burguesa de abundância econômica de exageros alimentares. No século XVIII, quadris, bustos e penteado ganham movimento e valorização. No século XIX, com a industrialização, chega a necessidade de educar o corpo. As silhuetas são alteradas e a beleza do corpo feminino passa a ter uma forma semi-atlética.

³¹ O filme pode ser visto pelo endereço <<https://www.youtube.com/watch?v=IVq1UTn5QC8>> visitado em 20/01/2017.

(FLOR, 2010). O corpo então passa a ser objeto de consumo ou produto de propaganda ideológica de consumo. Uma das suas bases seria a padronização, cujo início de consolidação se encontra no início da década de 20.

Nos Estados Unidos, em 1921, ocorre o primeiro concurso de beleza e as *misses* se tornam exemplos de perfeição física, conquista social e econômica. A expansão do cinema norte-americano dissemina o padrão da beleza através das atrizes provocando um desejo para que todas conquistem o mesmo modelo. (FLOR, 2010, p.3)

Com o Miss América de 1921, os EUA mantiveram e disseminaram para uma cultura de massa esse valor padronizado da beleza feminina, que se manteve por meio do Concurso de Miss Universo mesmo nas décadas de 50 e 60. No correr dos anos, várias empresas americanas foram administradoras do concurso, que em 1996 foi comprado pelo empresário (hoje presidente dos EUA) Donald Trump. Em 2015, foi vendido à empresa americana WME/IMG, passando a sua sede para Nova York (EUA).

No entanto, desde 1926, já havia concursos de Miss Universo, mas o *Miss Universe Organization* não os consideravam oficiais. Figura na lista das *misses* não oficiais o nome de Yolanda Pereira como vencedora pelo Brasil em 1930. Somente as edições efetuadas a partir de 1952 eram consideradas oficiais. Na mesma linha, o Miss Brasil também só considerava oficiais os concursos realizados a partir de 1954, cuja vencedora foi Martha Rocha, representando o Estado da Bahia.

De outro lado, percebe-se que ser ou não ser oficial não impede a questão de o concurso se tornar empresarial. Para chegar a ter um investimento organizacional para o lucro tem que ser visto com cultura de massa já valorizada e parte dessa valorização já se encontrava na ligação direta entre o concurso de beleza e Hollywood:

Os concursos de beleza podem conduzir diretamente a eleita às portas dos estúdios, sob o efeito de uma "starletização" imediata - como o concurso organizado por *Cinémonde*, que, de seleção em seleção, desemboca em Hollywood, onde se concedem o título de Miss Universo e simultaneamente um contrato de *starlet*³². (MORIN, 1989, p.35-36)

Essa ideologia do corpo feminino ligada aos concursos de beleza e ao cinema alcançou grande percepção no Estado de Goiás em 1949, principalmente em Goiânia. A eleição de Jussara Marques trouxe à Miss Goiás o status de estrela de cinema.

O jornal paulista *A Noite*, que, assim como o jornal *Folha de Goyaz* fazia parte dos Diários Associados, noticiou em 22/09/1949 a cerimônia que elegeu a goiana Jussara

³² "Foi, inicialmente, a quase-estrela, mas hoje esse termo já é aplicado a todas a jovens que, mesmo não tendo ainda filmado, desejam intensamente tornar-se estrelas e serem fotografadas com a indicação de seu nome." (MORIN, 1989, p.38)

Marques como Miss Brasil.

Concorrerá em Paris, ao título de "Miss Universo" e para ali deverá embarcar, dentro de poucos dias. Ao concurso, deram o brilho de sua presença figuras de todo o interior, inclusive Marina Cunha e Margarida Frussa, eleitas "princesas". Por ocasião da primeira apuração em Quitandinha, Jussara Marques conseguiu expressiva vitória. Vitoriosa no pleito de beleza, Jussara Marques triunfou no segundo e definitivo pleito, sendo ontem coroada a mais bela mulher brasileira, conquistando assim o título de "Miss Brasil" (A NOITE, Edição 13238, p. 3)

Um ponto interessante da nota é que não é citada a cidade de origem (Itumbiara) da nova Miss Brasil nem o Estado de Goiás. Contudo ela chega ovacionada em Goiás e sua fama consegue atrair o público para o cinema.

Não encontramos em nossa pesquisa nenhum filme longa-metragem veiculado nas telas goianienses tendo como estrela Jussara Marques, mas foram veiculadas pequenas gravações de suas aparições em público em forma parecida à dos seriados americanos. E essas aparições serviam de complemento às sessões.

Jussara Souza Marques de Amorim foi lembrada na nomeação de cidades. No Paraná, o “topônimo (nome próprio do lugar) Jussara, surgiu em 1952, por ocasião da escolha de miss Brasil, que recaiu na senhorita Jussara Marques e representou uma homenagem dos fundadores do município àquela bela brasileira”. (MARQUES, 2013, p.59)

Em Goiás,

o município de Jussara surgiu em 1945 pelos fundadores Estevam Fernandes Rebouças, Limírio Neves da Mota, Dionísio Candido da Silva e Antônio Alves de Brito que vieram em busca de terras férteis. Em 1943, chegaram às margens do Rio Água Limpa, do então município de Cidade de Goiás, onde formaram um pequeno povoado, dando origem à Colônia Agrícola do Água Limpa. A fertilidade do solo e as características climáticas da região favoreceram o surgimento de grandes fazendas agropecuárias, causando a expansão do povoado, motivo que fez com que a câmara municipal de Goiás elevar a Colônia do Água Limpa a distrito. Em 1950, o local ganhou o nome de Jussara, em homenagem à Jussara Márquez, primeira goiana eleita Miss Brasil. (Fonte: Sítio Oficial da Prefeitura de Jussara <http://jussara.go.gov.br/?page_id=538> visitado em 12/01/2017)

Nos anúncios do jornal *Folha de Goyaz*, há 12 (doze) exibições sobre Jussara Marques na programação do Cine Goiás e do Cine Campinas:

14/04/1950 – Jussara eleita “Miss Brasil” – Cine Campinas

14/04/1950 – Jussara e as princesas do Paraná – Cine Goiás

15/04/1950 – Jussara e as princesas do Paraná – Cine Goiás

15/04/1950 – Jussara eleita “Miss Brasil” – Cine Campinas

16/04/1950 – Miss Brasil no Paraná – Cine Campinas

16/04/1950 – Miss Brasil no Arpoador – Cine Goiás

18/04/1950 – Miss Brasil no Arpoador – Cine Campinas

18/04/1950 – Miss Brasil em Goiânia – Cine Goiás
03/05/1950 – Miss Brasil em Goiânia – Cine Goiás
04/05/1950 – Churrasco á Miss Brasil – Cine Campinas
05/05/1950 – Miss Brasil em sua Residência – Cine Campinas
06/05/1950 – Miss Brasil em sua Residência – Cine Goiás

Temos ainda uma nota que inclui a fotografia de Jussara Marques durante a comemoração de seu aniversário no Jóquei Clube de Ipameri:

Entre os aniversariantes do dia, encontra-se a senhorita Jussara Marquez, eleita “Miss” Brasil no ano passado num pleito renhido.

Essa representante da beleza feminina foi alvo, há poucos dias, de admiráveis manifestações de homenagem e simpatia nas dependências do Jóquei Clube local. E agora, por ocasião de seu natalício, traduzindo a alegria e admiração do povo goiano, o Joquei Clube de Ipameri, depois de insistentes convites, terá a satisfação maior de acolhê-la no dia de seus anos, promovendo, a propósito, um admirável baile.

De maneira que, em detrimento nosso, os ipamerinos verão concretizado um sonho nababesco, que, dado a sua quase verossimilhança, chegou a ser inadmissível, mas que se realiza. [sic] (FOLHA DE GOIAZ, 03/06/1950, Terceira Página)

O fascínio da *misses* e seu estilo de vida ganhou grandes proporções em Goiânia no ano de 1950. Essa cultura americanizada mostrada por meio do cinema realizava o que afirma Jameson (1995): "a câmera é presença e verdade absolutas: assim, a estética de representação destrói a densidade do acontecimento histórico, e o reduz à condição de ficção." (JAMESON, 1995, p.42)

As viagens perfeitas da Miss Brasil, a vida que sempre a colocava em lugares de esplendor e sua residência eram referências ao público, análogas às atrizes do cinema hollywoodiano.

2.6 - Cine Santa Maria

Em outubro de 1939, foi inaugurado, na rua 24 do setor Central de Goiânia, o Cine Popular, mais tarde denominado Cine Santa Maria. Na descrição inserida na obra de Beto Leão, a pesquisadora e membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás Marilda de Godói descreve que:

Foi uma alegria a notícia do primeiro cinema de Goiânia, que se chamou Santa Maria. Feito em 1939 às pressas e com pouco recurso, constou o cinema de sala enorme, tosca, sem declive algum. Quanto mais atrás se sentava, maior o sofrimento. Parece que para a aquisição de cadeiras, o critério adotado foi o ‘vale

tudo', porque havia cadeiras de tábuas, de palhinhas, de pés lisos, pés retorcidos, encosto alto, encosto mais baixo, de todo jeito enfim. Essas cadeiras eram soltas, independentes, sem ligação que as prendesse umas às outras. E isso, que pode parecer um defeito, para nós foi um benefício. É que podíamos afastá-las caso em nossa frente se sentasse uma pessoa avantajada. E nos dias de chuva é que a coisa funcionava. As goteiras eram muitas e estar dentro do cinema era quase o mesmo que estar do lado de fora. Cada qual procurava então, arrastar sua cadeira para os lugares mais secos e ninguém ouvia bulhufas do filme, porque o barulhão do arrasta-pé não deixava. (LEÃO, 2010, p.17)

Vemos então que o início do primeiro cinema do centro da nova capital tinha características de ambiente de pouca estrutura para servir como sala de projeção. Contudo, onze anos após sua inauguração, já entrava em grande reforma, depois de seu arrendamento para a Empresa Paulista de Cinema, que tinha sede em Ribeirão Preto. Assim, a reportagem feita em janeiro de 1950 informava que

(...) O prédio foi totalmente reformado, ganhando novo aspecto. A aparelhagem foi dotada de grandes melhoramentos, possibilitando projeção perfeita. As instalações sanitárias são as mais modernas. Foram introduzidos jogos de luz, reformadas as poltronas e colocadas tapeçarias no interior do cinema, bem como espelhos na sala de espera. Em conversa mantida com o repórter o sr. Osvaldo Sampaio, diretor-proprietário da empresa e o sr. Francisco Ribeiro, gerente geral afirmaram que o Cine Sta Maria tão logo esperam concluídas as reformas, será uma das mais modernas e confortáveis casas de espetáculos do Brasil Central, nada ficando a dever os demais cinemas desta região.

ESTREIA

Para a estréia daquele cinema em sua nova fase, será escolhida uma película de grande cartaz, com protagonista de renome. Esse filme será em technicolor, reservado especialmente para esse magno espetáculo.

Disse-nos o sr. Osvaldo Sampa, que espera contar com o acatamento e a preferência do público goianiense, para que a nossa jovem capital possa se orgulhar do mais moderna cinema de todo o Estado e quiçá do Brasil Central. (FOLHA DE GOIAZ, 22/01/1950, Terceira página)

A reportagem não cita especificamente o filme de reabertura do cinema, mas informa que será escolhida “uma película de grande cartaz, com protagonistas de renome”. Afirma ainda que será em technicolor, ou seja, havia novos equipamentos de última geração para época. Entretanto, outro jornal de Anápolis, cidade vizinha da capital, informa, por meio de anúncio, que, a reinauguração do Cine Santa Maria teria em sua programação o noticiário Aconteceu na Bahia e o filme Amor e Espada, com Douglas Fairbanks. (O SOCIAL, 18/02/1950). Somente a partir do dia 23/02/1950, começam efetivamente os anúncios na *Folha de Goiaz*.

No primeiro semestre de 1950, conforme os anúncios, o cinema funcionava de terça a domingo, sendo de terça a sábado com três sessões (15h30, 19h30 e 21h30) e, no domingo, com quatro sessões (15h30, 17h30, 19h30 e 21h30). A partir do dia 19/03/1950, passa a ser anunciada a Sessão Vespéral Infantil, às 12h30. No entanto, em sua maioria, os filmes não

eram especialmente infantis. Apenas se repetia um dos filmes que haviam ficado em cartaz nas sessões no meio da semana. Leão (2010) escreve que a programação era composta de filmes românticos, comédias do Gordo e o Magro e dramas épicos sobre a paixão de Cristo. Acrescentem-se ainda mais especificamente filmes de faroeste americano, como O gancho de aço, com Charles Starret, alguns filmes mexicanos, como 5 Rostos de Mulher (21/03/1950) e episódios de seriados, por exemplo, O segredo dos túmulos, que complementavam o programa do filme. Apesar de a programação ser hegemonicamente estrangeira, no primeiro semestre, houve a apresentação, no dia 26/02/1950, do filme Luz dos meus olhos, com Grande Otelo.

2.7 - O início da programação regular no jornal *Folha de Goiaz*

Na edição de 28/02/1950, na *Folha de Goiaz*, aparece pela primeira vez a coluna específica sobre cinema, promovendo o filme *Cristovão Colombo*. Não há editorial sobre a abertura de coluna específica para noticiar a vida cinematográfica, por assim dizer, da cidade. No entanto, a abertura de um espaço especial nesse sentido aponta para o fato de o cinema começar a centralizar definitivamente a vida de entretenimento de Goiânia. Se houve abertura é porque havia demanda e interesse.

Normalmente, as colunas de cinema no início de 1950 eram apresentadas na Terceira Página do jornal. Mesmo sendo de assuntos ligados a cinema, eles eram muito variados: "carta do leitor", onde quem escrevia fazia um elogio ou crítica à casa de espetáculo, funcionários do cinema, reportagens sobre atores e atrizes hollywoodianos, reinaugurações de cinema, reformas e sinopse de filmes. Na mesma página, constam anúncios sobre a programação dos cinemas, a coluna "vida social" e a programação da Rádio Clube de Goiânia.

A primeira reportagem apresenta a sinopse do filme a ser exibido:

“Cristovão Colombo” foi lançado no dia 12 de outubro, data do descobrimento da América em todo o continente ocidental. Focaliza a produção do fato histórico do descobrimento do Novo Mundo, exibindo em todos os seus detalhes o extraordinário feito conseguido pelas três caravelas que cruzaram o Atlântico em busca de novas terras. Em São Paulo, esta fita conseguiu grande sucesso. Seu enredo, num belo technicolor enfeixa cenas dramáticas de luta, sangue, amor e a chama de um grande ideal. “Cristovão Colombo”, possui ainda uma forte entonação religiosa. É bem possível que os reis católicos jamais tivessem ajudado o homem no mar se não estivessem eles certos de que o descobridor possuía um caráter religioso ao extremo. Neste filme, o cunho religioso é preponderante mesmo. Quando Cristovão Colombo mostrou seu projeto ao padre Juan Perez, o famoso prior do Convento da Rábida, sempre amável e cordial, e lhe disse que tinha por objetivo converter os fiéis e trazer outro e relíquias para igreja, o frade respondeu que o primeiro objetivo era mais importante que o outro. A rainha Isabel, por sua vez, também patrocinou sua viagem com esse propósito. (FOLHA DE GOIAZ,

28/02/1950, Terceira página)

A reportagem indicia que o cinema goianiense tinha uma programação de certa forma atualizada com o que se lançava no mundo e expressava também o anseio do goianiense de fazer do cinema um disciplinador social e de se parer aos grandes centros nacionais, como chama a atenção a reportagem sobre São Paulo. O filme em questão foi lançado em 12/10/1949 nos Estados Unidos e, em menos de quatro meses, estava na programação do Cine Santa Maria.

Conforme anúncio veiculado no dia 26/02/1950, os preços dos ingressos eram Poltrona – Cr\$ 5,00, Meia Poltrona – Cr\$3,00, Balcão – Cr\$ 3,00 e Meia Balcão – Cr\$ 2,00.

Na sua programação, nos meses de fevereiro e março de 1950, segundo os anúncios do jornal *Folha de Goyaz*, constaram:

Aconteceu na Bahia (Complemento Nacional)

Amor e espada com DOUGLAS FAIRBANKS JR.

Paixão e sangue com Van Heflin e Susan Hayward -TECHNICOLOR

Entre o amor e o pecado com Linda Darnel e Cornel Wide

Luz dos meus olhos com Grande Otelo

Entre o amor e o pecado com Linda Darnel e Cornel Wide

Cristovão colombo com Frederic March

Alma em suplício com Joan Crawford

Tesouro da Sierra Madre com Humphrey Bogart

Conquista da felicidade com Joan Fontaine, James Stewart e Eddie Albert

5 rostos de mulher com Arturo de Cardova e Pepina Serrador. O melhor filme mexicano desses últimos tempos.

Acordes do Coração com John Garfield e Joan Crawford

Capitão de Castela com Tyrone Power e Cesar Romero

Escrava do Ódio (Tecnicolor) da novela de Zane Grey

Red Canyon com George Brent, Ann Blyth e Howard Duff

Sedução - com Yvone de Carlo

Dos 15 filmes exibidos, como se pode ver, somente dois não eram películas americanas.

2.8 - A matinê no Cine Santa Maria

Quando lemos em um anúncio que se trata de uma sessão Matinê de cinema, fazemos uma referência direta a horários vesperais ou matutinos e, possivelmente, a uma programação mais específica para o público disponível para esses horários.

Os cinemas goianienses, no primeiro semestre de 1950, seguiram essa linha, embora não com essa nomenclatura.

No dia 19/03/1950, em um anúncio específico na terceira página sobre a programação do Cine Santa Maria, anuncia-se a “Sessão Vespéral Infantil: 12,30”. O filme era “Tesouro da Sierra Madre”, com o ator Humphrey Bogart.

O interessante é que, dias antes, o mesmo filme foi apresentado nas sessões das 19:30 e 21:30. Seu tema também, segundo o site AdoroCinema.com, não se parece com um tema para o público ao qual a sessão era destinada nominalmente: infantil. Descreve:

México, 1925. Dobbs (Humphrey Bogart) e Curtin (Tim Holt) foram tentar a sorte no país, mas as coisas não deram tão certo. Howard (Walter Huston), um velho minerador, convence os dois a juntarem-se a ele na procura por ouro. O grupo enfrenta enormes dificuldades, os três não conseguem se entender e são ameaçados por bandidos, mas o principal fator que pode realmente impedir o sucesso da empreitada é a ganância. (Fonte: AdoroCinema.com - <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-7158/> - acessado em 22/10/2016)

Esse filme norte-americano tem duração de 126 minutos, mas também não parece ter sido um equívoco por parte do cinema a sua apresentação na sessão infantil: todo o heroísmo, a justiça sobre a ganância e o comportamento corajoso e de enfrentamento o tornam didático, exemplar para essa faixa de idade.

No dia 26/03/1950, no mesmo Cine Santa Maria, nos anúncios da terceira página do jornal, aparece o filme Acordes do Coração, com John Garfield e Joan Crawford. Para completar a Sessão Vespéral Infantil seriam apresentados os 3º e 4º episódios do seriado “Segredo dos Túmulos”.

Encontramos a sinopse do filme que descreve:

Paul Boray (John Garfield) é um jovem violinista que se envolve com Helen Wright (Joan Crawford), uma mulher rica, mecenas e alcoólatra. Enquanto se aproveita da situação Paul acaba se tornando caprichoso, já Helen se debate em sentimentos de culpa. No entanto Paul precisa descobrir o que é mais importante para ele: a boa vida ou a música. (Fonte: AdoroCinema.com - <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-105262/> - acessado em 22/10/2016)

Esse filme tem como diretor Jean Negulesco e foi produzido em 1946 em preto e branco. Sua classificação de gênero é drama / romance (AdoroCinema.com). E novamente temos nele o papel disciplinador e didático sobre experiências de vida, muito embora o

gênero dramático do filme não seja pertinente ao público infanto-juvenil.

Já o seriado Segredo dos Túmulos, cujo título original é *Federal Agents vs Underworld, inc.*, é uma produção de 12 (doze) episódios totalizando 167 minutos, distribuída pela produtora Republic. Sua sinopse descreve o salvacionismo americano:

Comandada pela ganância, a vilã Nila (Carol Forman) e a sua infame organização conhecida como "Underworld Inc." começam uma jornada de crimes e assassinatos em busca das legendárias Mãos Douradas de Kurigal. Este é um caso para os super-agentes federais Dave Worth (Kirk Alyn) e sua equipe. A gangue de Nila já encontrou uma das Mãos, e não vai parar até encontrar o seu par, conseguindo assim poder e riqueza inigualáveis. Dave e seus agentes agora terão que correr contra o tempo para poder salvar a humanidade... (Filmes Raros em DVD - <http://filmeraroadvd.commercesuite.com.br/o-segredo-dos-tumulos-1949-12-capitulos-pr-86-335966.htm> - Acessado em 22/10/2016)

A Sessão Vespéral Infantil aparece novamente no dia 16/04/1950, no anúncio da programação na terceira página do jornal. O filme era *Legião de Heróis (tecnicolor)*”, com Gary Cooper, Paulett Goddard Robert Preston e Akim Tamiroff. Em seguida, para complemento da sessão, 9º e 10º Capítulos do seriado Segredo dos Túmulos. Sobre o filme encontramos que se trata de um faroeste produzido em 1940 e dirigido por Cecil B. DeMille. Seu enredo:

Em 1885 Dusty Rivers (Gary Cooper), um patrulheiro do Texas, viaja até o Canadá para tentar capturar Jacques Corbeau (George Bancroft), que é procurado por assassinato. Dusty acaba indo parar no meio de uma rebelião. Dusty se apaixona por April Logan (Madeleine Carroll), uma enfermeira, que também é cortejada por Jim Brett (Preston Foster), um polícia montada do Canadá. Ronnie Logan (Robert Preston), irmão de April e também polícia montada, está envolvido com a filha de Jacques Corbeau, Louvette Corbeau (Paulette Goddard). April fica sabendo de uma emboscada para os polícias montadas e pede que Louvette os avise, mas ela simplesmente aprisiona Ronnie, para que ele não seja morto. Jacques Corbeau usa uma metralhadora e mata grande parte dos polícias montadas. Enquanto os sobreviventes acham que Ronnie desertou, April acredita que o irmão esteja morto. Dusty quer descobrir a verdade e está determinado em levar Jacques Corbeau de volta ao Texas e April também, se possível. (AdoroCinema.com - <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2910/> - visitado em 22/10/2016)

Uma particularidade no anúncio deste filme é o destaque de ser colorido. O anúncio cita entre parênteses que é *technicolor*. Segundo a Associação Brasileira de Cinematografia – ABC,

A cor esteve presente no cinema desde suas origens. Os primeiros processos consistiam em colorir à mão - um a um, os fotogramas no positivo preto e branco. Os filmes realizados desta forma são chamados de "colorizados", em contraposição aos "coloridos", onde as cores são captadas pelo processo fotográfico.

Edison experimentou colorizar seus filmes, mas logo abandonou o processo por este utilizar muita mão de obra e render pouco.

Ainda no início do século passado a Pathé francesa colorizava os filmes com a aplicação manual no negativo, quadro a quadro, de stencils coloridos que dotavam as cópias de áreas coloridas. Todos os processos de colorização tinham em comum o fato de serem artesanais, lentos e muito dispendiosos, além de apresentarem cores

inteiramente artificiais.

Kinemacolor, Chronochrome, UFAcolor, Prizma, Multicolor, Magnicolor, Cinecolor, Sennett Color. Muitos foram os processos de cinematografia a cores patenteados na Europa e nos EUA. As tentativas mais bem sucedidas de registrar a cor natural durante a fotografia do filme foram desenvolvidas a partir de 1915 nos EUA pela Technicolor. (ABC - <http://www.abcine.org.br/artigos/?id=114> - visitado em 18/09/2016)

O filme em questão apresenta subrepticiamente a visão do “exército” (no caso a polícia) americano como virtuoso, gentil e portador da verdade.

Em 14/05/1950, a Sessão Vespéral Infantil apresentou um filme já exibido em sessões de horários normais, como em edições anteriores das matinês do Cine Santa Maria. Contudo, a particularidade fica na temática do filme: Jesus de Nazaré – “a maior obra apostólica levada até hoje à tela!” Após o filme católico houve, a exibição do 5º e 6º episódios do seriado O Dragão Negro. O seriado era mais uma produção da Republic sobre “Agentes secretos americanos, britânicos e chineses combatendo a Sociedade Japonesa chamada Dragão Negro, uma aliança secreta que contrabandeia agentes inimigos para os Estados Unidos da América disfarçados de múmias.” (Site IMDB - <http://www.imdb.com/title/tt0035913/> - visitado em 19/09/2016 – tradução nossa)

No dia 21/05/1950, aparece o filme Luz que se apaga e, em complemento, os 7º e 8º capítulos da série O Dragão Negro.

No dia 28/05/1950, temos o filme Jerônimo, com Preston Foster e Andy Devine. O filme foi escrito e dirigido por Paul H. Sloane, gravado em 1939 e lançado em 1940. A história gira em torno do conflito entre pai e filho, ambos oficiais do exército Americano. Eles estão em busca de captura do chefe apache Jerônimo. (Site IMDB - <http://www.imdb.com/title/tt0031365/> - visitado em 19/09/2016). O título original foi escrito com a letra “G”, mas o filme chega ao Brasil com a letra “J”. Em complemento da sessão temos os 9º e 10º capítulos do seriado O Dragão Negro.

O filme A Lei da força³³ foi a atração da Sessão Vespéral Infantil do dia 04/06/1950, mais um faroeste americano. Nele o ator Charles Starret interpreta o legendário personagem de cinema Durango Kid. O título original em inglês é Six Gun Law”e foi lançado em 1948. No filme “Decker usa uma arma descarregada e faz parecer que Steve Norris matou o xerife. Então, ele o faz de Xerife e ele é obrigado a manter a ordem. As coisas parecem ruins para Steve, por isso é tempo para o Durango Kid aparecer.” (Site IMDB - <http://www.imdb.com/title/tt0040796/> - visitado em 19/09/2016 – tradução nossa). Na

³³ O filme pode ser assistido em uma postagem online pelo endereço <https://www.youtube.com/watch?v=Y2GofMYkQIU> (visitado em 25/10/2016).

sequência da sessão, os 11º e 12º episódio do seriado O Dragão Negro.

O ator Charles Starret aparece novamente na Sessão Vespéral Infantil no dia 18/06/1950, interpretando outra vez o personagem de faroeste Durango Kid no filme O Cavaleiro da Lei³⁴. Em sequência, o final do seriado O Dragão Negro. Durango Kid era a expressão típica da ousadia, destemor e coragem a ser inculcada principalmente na juventude.

Em nossas pesquisas, a última Sessão Vespéral Infantil do primeiro semestre de 1950 foi no dia 25/06/1950, com o filme Tesouro Escondido. Novamente um faroeste com Charles Starret interpretando Durango Kid. Em seguida foi apresentado o seriado Novas Aventuras de Dick Tracy.

Os faroestes americanos, sobretudo os que exaltam figuras ou personagens que se repetem de filmes a filmes, louvam sempre o personagem que luta pelo seu meio e que coloca a honra acima da lei ou do direito, a partir de um estilo de vida muito simples, mas viril. Há sempre nele uma generosidade que cria dependência. Em certo sentido, reproduz bastante os laços de uma família tradicional, mesmo que esses laços familiares sejam, nos filmes, substituídos pelo companheirismo. O seu moralismo é sempre muito simplista e, por isso, se comunica facilmente com a audiência.

A prática de incluir seriados complementares aos filmes era uma estratégia de conquista de público, aberta nos EUA quando da depressão que o país enfrentou desde 1929: uma espécie de programa duplo, com um filme principal e outro de orçamento mais modesto. Mesmo com histórias diferentes a cada episódio, ou seguindo uma única história em capítulos (como nos folhetins), as séries conservavam o mesmo personagem, com o mesmo caráter heroico e épico, e a mesma ambientação geral, pelo menos no que diz respeito ao personagem, e faziam muito sucesso até porque, repetindo-se muito, eram por isso mesmo muito bem assimiladas.

2.9 - Cine Teatro Goiânia

A construção do Cine Teatro Goiânia foi incluída desde o início no planejamento da nova capital. Por meio do decreto-lei nº 673, de 02 de maio de 1938, foi aberta a concorrência pública para a construção do prédio. Sobre isso encontramos que "José Neddermeyer, arquiteto e apaixonado pelo futebol, graduado pela Universidade Mackenzie, de São Paulo, especializado em Bruxelas, na Bélgica, é autor do projeto de edificação do Cine Teatro

³⁴ Disponível para ser visto no endereço <<https://www.youtube.com/watch?v=vi6PING3tQc>> (visitado em 25/10/1950)

Goiânia." (GALLI, 2007, p.36)

E também que "o projeto do Teatro foi feito pelo engenheiro e arquiteto Jorge Félix de Souza, que nasceu na cidade de Goiás, estado de Goiás, no dia 15 de Janeiro de 1908, e faleceu em Goiânia, em 06 de julho de 1983." (BORGES, 2007, p.13) O mesmo se confirma pelo sítio oficial na internet da cidade de Goiânia³⁵.

Sua arquitetura em *art déco*, em voga na época em Goiânia, teve em sua parte externa, sua arquitetura simboliza um navio belo e imponente. Uma fina coluna mais alta que o edifício, localizada na entrada principal do prédio, relaciona-se a proa de uma embarcação. As janelas como escotilhas compoem a grande obra arquitetônica em *art deco*. (GODINHO, 2013)

A parte interna é descrita em relatório feito ao presidente Getúlio Vargas pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, onde descreve que seu aparelhamento é o mais moderno existente na época, com um grupo de promoção movietone "Enferman" e dotado de aparelho de renovação de ar. Ainda com iluminação externa de gás neon e letreiros luminosos. (BORGES, 2007)



Figura 9 - Cine Teatro Goiânia. Década de 50. Sílvio Berto. Goiânia – GO. Acervo MIS|GO

Apesar de ser uma obra pública, mesmo antes de sua inauguração sua exploração já previa a possibilidade de arrendamento a particulares. O Decreto-lei nº 5.797 de 30 de maio de 1942, que "Fixa as bases para exploração industrial do Cine-Teatro-Goiânia", versa que:

"Art. 1º - O Cine-Teatro-Goiânia, de propriedade do Governo do Estado, enquanto não for dado a arrendamento a particulares, funcionará como parte integrante da administração pública, debaixo do código 3.11 e subordinado diretamente à diretoria Geral da Fazenda."

³⁵ Link <<http://cultura.seduc.go.gov.br/unidade/teatro-goiania/>> visitado em 24/01/2017.

(GOIÁS, 1942)

Pelo decreto nº 5.868, de 15 de junho de 1942, institui sua atividade principal: o cinema.

Art. 2º - O Cine-Teatro Goiânia destina-se à exploração da exibição de filmes cinematográficos, em sessões diárias, e, mais, à exploração de representações teatrais e artísticas.

Parágrafo 1º - A exibição de filmes cinematográficos constituirá o elemento de maior atividade do Cine-Teatro Goiânia.

Parágrafo 2º - A exploração de representações teatrais e artísticas estabelece atividade secundária do Cine-Teatro Goiânia e, como tal, serão realizadas quando houver conveniência para o Governo e juízo deste.

(BORGES, 2007, p.13)

Ainda antes do batismo cultural, no Cine Teatro Goiânia (Teatro Goiânia a partir de 2006) houve, no dia 21 de junho de 1942, a apresentação da companhia de comédias da atriz Eva Todor (seu verdadeiro nome era Eva Fodor). A peça intitulada "Colégio Interno" havia sido escrita por Ladislau Fodor, seu tio paterno. (BORGES, 2007)

E ainda entre os dias 18 e 27 de junho de 1942, recebeu o VIII Congresso Brasileiro de Educação. (GALLI, 2007) No mês de julho do mesmo ano ainda recebe mais dois espetáculos com Eva Todor, "Chuvas de Verão" (02/07/1942), de Luiz Iglezias, e "Sol de Primavera" (03/07/1942). (BORGES, 2007)

Grupos teatrais goianos também se apresentaram no dia 04 de julho de 1942. A peça tinha o nome da cidade: "Goiânia" e foi escrita por Vasco dos Reis Gonçalves e dirigida por Walfredo Maia. A peça abordava a mudança da capital e a figura do Sr. Pedro Ludovico Teixeira. (BORGES, 2007)

Como vimos, a casa de espetáculos foi projetada principalmente para apresentação de filmes e, assim, antes do batismo cultural de Goiânia, em 5 de julho de 1942, houve também o primeiro filme apresentado.

No dia 14 de julho de 1942, faltando 21 dias para a grande noite de 5 de julho, quando seria celebrado o momento maior do Batismo Cultural, as portas do Cine Teatro Goiânia foram abertas com pompas à população goianiense, para a exibição do filme norte-americano *Divino Tormento*, protagonizado pela dupla Jeanette MacDonald e Nelson Eddy. (GALLI, 2007, p.36)

O filme norte-americano foi produzido pela Metro Goldwin-Mayer com direção de W.S. Van Dyke. Produzido em 1940, ou seja, apenas dois anos antes, o filme recebeu o título de *Divino Tormento* no Brasil. Trazia dois astros hollywoodianos mundialmente conhecidos na época: Jeanette MacDonald e Nelson Eddy. Seu título original era *Bitter Sweet*.

Tanto o *Correio Oficial* quanto o jornal *O Popular* de 12 de julho de 1942 publicaram

os destaques da primeira³⁶ exibição cinematográfica do Cine Teatro Goiânia. Entre eles, os aparelhos moderníssimos da Zeiss-Ikon, as acomodações confortabilíssimas e higiênicas e os aparelhos de renovação de ar. (BORGES, 2007)

Sobre o filme *Divino Tormento*, temos:

A fim de evitar um casamento arranjado, a jovem aprendiz de canto Sarah Millick (Jeanette MacDonald) foge para Viena ao lado do professor de música vienense Carl Linden (Nelson Eddy), o qual ela realmente ama. Os dois acabam se casando e tentam ganhar a vida com a música. Carl escreve uma opereta e tenta produzir um espetáculo com a ajuda de um Barão milionário que tem intenções nada honrosas. (Sítio E-pipoca < <http://www.epipoca.com.br/filmes/ficha/14736/divino-tormento>> visitado em 12/01/2017)

O Cine Teatro Goiânia passou por diversos altos e baixos durante a década de 40. Foram pensadas muitas maneiras de aumentar seu público. Dança e música antes das sessões eram alguns destes artifícios.

Este não foi, no entanto, o único artifício utilizado para aumentar o público do Cine-Teatro. Outro tipo de atração foi utilizado no ano de 1944: 'A partir de 30 do corrente e prolongando-se até 6 de outubro, serão exibidos, com as sessões cinematográficas do Cine-Teatro Goiânia, interessantes espetáculos de ilusionismo, prestidigitação, manipulação, cartomancia e quiromancia pelo faquir Chazaman, Miss D'Olimbherts e seu conjunto de artistas. (BORGES, 2007, p.31)

Chegando em 1949, com as condições precárias do prédio, circula a notícia que o Cine Teatro Goiânia seria vendido. Houve protestos escritos contra o ato de venda e a edificação continuou sendo do Governo Estadual. (BORGES, 2007)

Apesar das notícias de falta de conservação e manutenção do prédio, temos anúncios de eventos internacionais que aconteceram em 1950. Às vezes, sua programação levava projeções cinematográficas e apresentações artísticas em uma mesma noite. Um exemplo está em 08/02/1950, na terceira página do jornal *Folha de Goyaz*, que traz a manchete: NOITE DE GALA NO CINE GOIÂNIA. Logo abaixo, detalha um pouco mais o conteúdo da matéria: “Hoje á noite a grande apresentação dos cantores Fernand Rosel e “Hermanas Flores”. Em seu corpo a notícia traz a suntuosa grandiosidade do evento e descreve os artistas.

(...) Dono de uma voz máscula Fernando Rosel domina perfeitamente as mais difíceis composições francesas em canções populares. Irá deleitar á plateia que comparecerá ao Cine Goiânia, com as interessantes canções parisienses, entre as quais a popularíssima “La Mer”, e muitas outras já conhecidas do público brasileiro. As “Hermanas Flores” duas flores de carne cheias de beleza e

³⁶ Temos o filme como primeira exibição a partir do ano do batismo cultural em Goiânia. Temos em nossas pesquisas no Correio Oficial anúncios tanto de projeções quanto de espetáculos teatrais em períodos anteriores. Temos por exemplo no dia 21/12/1941, na capa do jornal Correio Oficial, o anúncio da programação de filmes durante toda a semana no Cine-Teatro-Goiânia. No dia 04/03/1942, na capa do Correio Oficial o anúncio “Haverá hoje um espetáculo de gala no Cine-Teatro Goiânia”

entusiasmo, trazem no sangue toda a vida estuante das ensolaradas praias de Xoximilco e Acapulco. Proporcionarão aos assistentes a apreciação de lindos números de bailado folclórico, vestindo trajes típicos de sua terra. Será, sem dúvida, uma exibição rica de emoções a que se anuncia para esta noite no Cine Teatro Goiânia.

O festival será patrocinado pelo governo mexicano que procura incrementar um intercâmbio cultural e artístico com os filhos deste país.

Antes da apresentação dos cantores referidos será projetado o filme *A garota de Nova Iorque*, com Doroty Lamour. (FOLHA DE GOIAZ, 08/02/1950, Terceira página).

Os dramas românticos americanos seguem o mesmo maniqueísmo dos faroestes e filmes de gangsteres, mas, normalmente, por seguirem a norma hollywoodiana dos filmes de gênero (não autorais), dividem-se usualmente em dois grandes blocos, em que a separação e a volta do par amoroso são a tônica do filme. Obstáculos vencidos a despeito de embates que os protagonistas têm de lutar contra, sempre vence o bom costume do “home, sweet home”, do final feliz e da família bem constituída em termos socioeconômicos e psicologicamente harmônica.

Sobre o filme estadunidense apresentado na noite, tratava-se de drama / romance com pequenas pitadas de comédia. Lançado em 1948, seu título original é *The Girl from Manhattan*, com duração de 81 minutos. Em seu enredo:

Tom Walker, ex-zagueiro All-American, que desistiu de futebol para entrar no ministério, retorna à sua cidade e sua velha casa. E Carol Maynard, uma garota local que se tornou a modelo mais famosa de Nova York, chega em casa para visitar seu tio, Homer Purdy, em uma pensão. Ela se espanta ao saber que o dinheiro que ela tinha enviado para pagar seus 3.000 dólares de hipoteca havia sido enviado para um grupo de clientes não-pagantes, entre eles Aaror Goss, um fanático artista de rádio, e uma atriz quebrada, a senhora Brooke. Tom e Carol retomam seu romance, interrompido quando ele foi para a faculdade e ela para Nova York. O Sr. Birch detém a hipoteca sobre a casa de embarque de Purdy e vai fechar a pensão, e doar a propriedade para a igreja de Tom para um novo edifício. Tom, claramente, tem uma situação de conflito de interesse em suas mãos. (Site IMDB - <http://www.imdb.com/title/tt0040388/> - visitado em 19/09/2016 – tradução nossa)

Em uma mesma noite, apresentaram-se, portanto, corroborando o aspecto lúdico, mas insidioso do cinema ao início da década de 50 em Goiânia: um filme americano, um cantor francês e cantoras folclóricas mexicanas.

Ainda em 1950, foi aberta uma concorrência pública para a exploração do Cine Teatro Goiânia. A vencedora foi a Empresa Goiana de Cinemas. Em reportagem, os diretores da empresa, o Sr. Alfredo Farezin e Sr. Fulgencio Alves de Oliveira, descrevem a reforma estrutural de que necessitava o prédio:

será atacado o serviço de reparos no prédio com substituição do telhado defeituoso, vidros quebrados, instalações elétricas e sanitárias, colocada nova tapeçaria, reformas nas poltronas, etc, dando a essa magnífica casa de diversão novamente o aspecto de grandeza, importância e conforto, com uma programação selecionada de filmes de classe. (FOLHA DE GOIAZ, 29/03/1950, Capa)

Havia na época uma apreensão por parte dos encenadores de teatro, principalmente pela AGT – Associação Goiana de Teatro, que, a partir dessa terceirização, fosse dificultada a entrada de espetáculos goianos no Cine Teatro Goiânia. Assim, na mesma reportagem, os diretores informam que, periodicamente, seriam contratados artistas avulsos ou companhias teatrais para realizar espetáculos, assim como concederiam à AGT a oportunidade de levar à cena as suas peças teatrais, cooperando com o ânimo cada vez maior do teatro goiano. (FOLHA DE GOIAZ, 29/03/1950, Capa)

Mesmo em reforma, o *Folha de Goiaz* noticiou, no dia 29/04/1950, o evento “Festival Artístico e Esportivo dos Escoteiros” do dia 26/04/1950:

[...] Assim, a noite do dia 26, mercê da variada programação dos escoteiros, em colaboração com a Radio Clube e FOLHA DE GOIAZ, viu-se povoada dos mais finos acordes de música, além dos mais ritmados movimentos dos participantes do festival que constou de cantos, bailados, execução de música e uma comédia. [...] (FOLHA DE GOIAZ, 29/04/1950, Sexta Página)

Nossas pesquisas se limitaram ao primeiro semestre de 1950 e não houve mais apresentações anunciadas no jornal neste período.

2.10 - A modernidade conservadora americanizada em Goiânia

Como se viu, o cinema, que teve seus inícios na Goiânia dos anos 40, ainda de forma incipiente, mas, sobretudo, central à vida dos goianienses em termos de entretenimento e lazer, ao início da década de 50 já se consolidava como um dos espaços privilegiados de disciplina e vida social. Tanto é que ganha espaço privilegiado no jornal local *Folha de Goiaz*. Um dos intuitos do apoio ao cinema a esse tempo era o da modernidade ou, pelo menos, a possibilidade de a capital se “mostrar” como partícipe do processo maior de modernização nacional – uma capital que havia sido criada já com essa finalidade.

Essa modernidade, no entanto, pode ser chamada, até certo ponto, de uma modernidade conservadora, dados os seus aspectos políticos e econômicos e, principalmente, o seu propósito à época.

Barrington Moore Junior (1975) foi o primeiro sociólogo a utilizar o termo “modernização conservadora” em análise das revoluções burguesas na Alemanha e no Japão, na passagem da economia pré-industrial para economia capitalista e industrial. Mas o termo se aplica a outros momentos analisados pelo autor.

Em termos sumários, o conceito pode ser resumido a revoluções ou transformações

vindas de cima, isto é, das elites ou do Estado, mas que conservam a estrutura social conservadora de poder político (e econômico).

A construção de Goiânia deveu-se a decisões do Estado brasileiro e locais. A isso se somam os objetivos de se afastar do coronelismo que dominava a antiga capital e a ânsia de nossa classe política e elite de participar como modernos na sociedade nacional (e não como estado periférico). Também o surto da construção da nova capital como a capital moderna do país é outro fator que pode ser trazido à pauta.

Essa quebra para o novo, diretamente ligada a uma ruptura com o passado, também está ligada às raízes da cultura americana.

Desde os tempos da colonização inglesa, os habitantes da América do Norte, chegados da Europa por motivo principalmente das perseguições políticas e religiosas dos séculos XVI e XVII, se caracterizaram pelo que se poderia chamar o "sonho do Novo Mundo", a crença de que, com a ajuda de Deus, ali construiriam uma nação que nada teria a dever às tradições do continente que tinham deixado, para o qual olhavam com mal-disfarçado rancor. (DE CICCIO, 1979, p.39)

O ingresso de capital estrangeiro no governo JK e o seu desenvolvimentismo, somados à política de boa vizinhança dos EUA para com o Brasil, implantaram o *Way of Life* norte-americano como o principal modelo de vida social a ser tomado, fazendo com que as salas de exibições cinematográficas do país ficassem reféns do cinema de gênero americano, excluindo fundamentalmente dessas salas a apresentação de um cinema europeu mais reflexivo e autoral, como o neorrealismo, por exemplo.

Sem dúvida, a programação cinematográfica goianiense foi de plena influência hollywoodiana. Kemp (2011) descreve que a década de 1950 foi um período agitado no cinema francês. Diretores como François Truffaut (1932-1984), Claude Autant-Lara (1901-2000) e Yves Allégret (1907-1987) faziam a grande revolução do cinema francês, até mesmo em contraponto aos seus antecessores. Filmes como *Amores de Apache* (Casque d'or - 1952) de Jacques Becker (1906-1960), *O salário do medo* (Le salaire de la peur - 1953) de Henri-Georges Clouzot (1907-1977) foram destaques da produção francesa da época e não chegaram aos cinemas goianienses.

Pior ainda a produção asiática. Segundo Kemp (2010), o Japão já produzia filmes desde o cinema mudo e a Índia teve seu primeiro filme titulado *O rei de Harishchandra* em 1913. Nomes como Akira Kurosawa (1910-1988), apesar de sua intensa produção, não tiveram seus filmes inseridos na programação goianiense.

Por outro lado, os musicais hollywoodianos tiveram destaque nesta década. O trabalho dos atores e atrizes como Judy Garland, Margaret O'Brien, Gene Kelly, Donald O'Connor e

Frank Sinatra foram massificados em Goiânia. Além disso, Hollywood impôs aos dominados sua programação pós-guerra, com sua ideologia algumas vezes disfarçada de romances ilusórios. No final da década de 50, ainda aparece fortemente a figura de Marilyn Monroe, que insere um toque de sensualidade na cinematografia americana. Um exemplo é o filme Quanto mais quente melhor (Some like It Hot-1959) de Billy Wilder (1906-2002), em que a atriz participa da trama transgênera. Artistas como James Dean e Elvis Presley também inseriram um modo de vida amplamente divulgado nos cinemas goianienses e com sucesso absoluto.

O cinema goianiense aderiu ao cinema de gênero. O cinema de gênero se caracteriza pela repetição de fórmulas que dão certo, tanto para o público quanto para a produção, a montagem, a ideologia e os valores repassados.

Os cinemas de Goiânia, se já se iniciaram nesse sentido e temas, na década de 50 se consolidarão como um cinema voltado ao lúdico, à vida social conservadora (embora “moderna”), transmitindo essencialmente uma programação regular e diária de filmes de gênero norte-americanos: faroestes, dramas familiares românticos, comédias românticas, aventuras etc. É o que veremos no próximo capítulo, exemplificando com a análise e o levantamento da programação cinematográfica dos primeiros 06 (seis) meses da década de 50.

CAPÍTULO 3 – A programação cinematográfica goianiense

3.1 - A hegemonia do cinema americano em Goiânia

A década de 40 foi marcada pela vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial. Nesse cenário,

a opinião pública mundial aprendeu a identificar os soldados americanos como "os arautos da liberdade e os paladinos da justiça", sempre vitoriosos, enquanto esta não tinha sido a sorte de outros povos, sedentos igualmente de expelir de sua terra os invasores, mas nem sempre bem sucedidos. Os americanos apareciam como os que tornavam esse sonho uma gloriosa realidade. (DE CICCIO, 1979, p.31)

O Brasil fez sua participação na Força Expedicionária Brasileira nos campos de batalha da Itália e laços mais fortes foram feitos com os norte-americanos. Soldados estadunidenses e brasileiros se fundiam na imagem de heróis. Cada vez mais, o que era dos Estados Unidos era considerado brasileiro. Os países da América, sem grande tradição europeia, foram logo colocados na posição de povos liderados pelos norte-americanos para assim demonstrar que o modo de vida americano era melhor do que aquele do Velho Mundo. (DE CICCIO, 1979)

Nesse contexto, o cinema será a grande arma ideológica a serviço dos Estados Unidos. Os temas de guerra foram

uma temática bastante atraente para películas, cada vez mais acentuando os valores americanos e ao mesmo tempo dando vazão a todos os anseios de identificação com o sonho americano através do cinema. Os possíveis concorrentes estavam com as dificuldades financeiras de um rude pós-guerra. [...] O mercado cinematográfico era constituído, acima de tudo, por filmes americanos. (DE CICCIO, 1979, p.37)

Assim, para corroborar a hegemonia do cinema americano nas casas de projeção em Goiânia, coletamos como amostra o quantitativo de filmes exibidos no Cine Santa Maria, Cine Goiaz e Cine Campinas no primeiro semestre de 1950, no jornal *Folha de Goiaz* e jornal *O Social*. Esse quantitativo leva em conta apenas uma exibição, excluindo sua re-exibição na mesma casa. Do Cine Teatro Goiânia não há amostragem, pois estava em reforma no período.

Quadro 1 - Classificação dos Filmes exibidos – nacionalidade		
Cine Santa Maria - Fevereiro a Junho / 1950		
Nacionalidade	Quantidade	Porcentagem
EUA	41	87,24 %
Reino Unido	2	4,26 %
Brasil	2	4,26 %

Espanha	1	2.12 %
México	1	2.12 %
Somas Totais	47	100%
Fonte: Jornal <i>Folha de Goiaz</i> (23/02/1950 - 27/06/1950) e Jornal <i>O Social</i> (18/02/1950)		

Quadro 2 - Classificação dos Filmes exibidos - nacionalidade		
Cine Campinas - Março a Junho / 1950		
Nacionalidade	Quantidade	Porcentagem
EUA	44	88 %
Reino Unido / Itália	1	2 %
Reino Unido / EUA	1	2 %
Argentina	2	4 %
Suécia	1	2 %
França / Reino Unido	1	2 %
Somas Totais	50	100%
Fonte: Jornal <i>Folha de Goiaz</i> (22/03/1950 - 27/06/1950)		

Quadro 3 - Classificação dos Filmes exibidos - nacionalidade		
Cine Goiaz - Março a Junho / 1950		
Nacionalidade	Quantidade	Porcentagem
EUA	55	83,4 %
Reino Unido	4	6,1 %
Suiça / EUA	1	1,5 %
Argentina	1	1,5 %
Itália / Reino Unido	1	1,5 %
México	1	1,5 %
Itália	1	1,5 %
Brasil	1	1,5 %

França / Reino Unido	1	1,5 %
Somas Totais	66	100%
Fonte: Jornal <i>Folha de Goiaz</i> (29/03/1950 - 27/06/1950)		

Como verificado, há um quantitativo maior que 80% (oitenta por cento) de filmes norte-americanos nas casas de exibição, confirmando a hegemonia da distribuição hollywoodiana. Outro fato é que alguns filmes, apesar de não produzidos nos estúdios de Hollywood, foram filmados em outros países, mas por estúdios estadunidenses e tendo como idioma o inglês.

Com esses números, temos a possibilidade de confirmar a força do cinema americano em Goiânia no pós-guerra. Temos a inserção de filmes produzidos na Itália e na França, mas em produções divididas com o Reino Unido.

Outro ponto é o cinema latino. A Argentina tinha baixa inserção de filmes em Goiânia, assim como o Brasil, devido também à baixa produção cinematográfica e de investimentos que esses países tinham ao tempo. No caso específico do cinema brasileiro, mesmo a Companhia Cinematográfica Vera Cruz conseguiu apenas 3 inserções no total da amostra coletada.

Nos números, inclusive, não estão inseridas as exibições de séries norte-americanas para complementação das sessões de cinema. No Cine Santa Maria, tivemos, no período da amostra, os seriados "O Segredo dos Túmulos" (Federal Agents versus Underworld, inc.) , "O Dragão Negro" (G-Men vs. The Black Dragon) e "Novas aventuras de Dick Tracy" (Dick Tracy returns). No Cine Goiaz, tivemos os seriados "Contra a Quinta Coluna" (King of the Texas Rangers) , o "Chicote do Zorro" (Zorro's Black Whip) e "Aranha mortal" (The black Window). No Cine Campinas, o "Chicote do Zorro" (Zorro's Black Whip) e "Aranha mortal" (The black Window).

Um caso específico, anunciado também como complementação do programa (sessão), aconteceu no Cine Goiaz e Cine Campinas, com a apresentação dos pequenos filmes da Miss Brasil goiana Jussara Marques, de que já tratamos.

Apenas o filme anunciado em 15/04/1950 na programação do Cine Goiaz, chamado "Código do Norte", não consta no quadro levantado, pois não encontramos o seu nome original e as demais informações para que entrasse na tabela de classificação.

3.2 - Gêneros cinematográficos exibidos nos cinemas goianienses

O cinema americano, como vimos nos estudos até aqui, tornou-se uma força importante no processo de americanização do Brasil, por conseguinte da cidade de Goiânia, na década de 50. E, conforme já dissemos também, o cinema goianiense aderiu ao cinema de gênero, que se caracteriza pela repetição de fórmulas que dão certo, tanto para o público quanto para a produção, na montagem, na ideologia e nos valores repassados. E essa repetição se efetiva principalmente através da sedução.

Essa sedução tem alguns aspectos diretamente identificáveis: “Não se trata apenas de contar uma história que deve ser boa o suficiente para prender a atenção, mas de seduzir o público de todas as maneiras possíveis, desde a exploração dos corpos até a beleza das locações e cenários, acrescentando, quando possível, efeitos especiais”. (SILVA, 2005, p.52)

Para conseguir essa sedução, o cinema estadunidense se aprimorou no *melodrama*, um gênero já identificado em outras áreas, como no teatro, e expansor de recursos:

Na altura em que a proteção dos mecenas começava a ceder espaço para as iniciativas empresariais, o melodrama se impõe como uma alternativa de arte que é viável economicamente. Empreendimento autônomo, extrai a viabilidade da recepção positiva que suscita junto ao público. Paralelamente ao que deve acontecer com o cliente de um negócio, a satisfação que cada espetáculo proporciona garante o retorno ao estabelecimento. (HUPPES, 2000, p.12)

Mesmo sendo amplamente utilizado por Hollywood, sua origem foi distante dos norte-americanos.

Na Itália, onde era de fato sinônimo de ópera; também se ligou à opereta popular, que junta texto e canção, sendo conhecido desde o século XVII. Daí passou à França, atingindo então o estágio composicional que veio a conquistar o prestígio e a aceitação que reconhecemos.

[...]

Charles Guilbert de Pixérécourt foi o escritor francês que formulou as bases do melodrama principalmente a partir das próprias composições. (HUPPES, 2000, p.21-22)

Sobre sua estrutura, temos que

o melodrama é uma composição muito simples. Bipolar, estabelece contrastes em nível horizontal e vertical. Horizontalmente, opõe personagens representativas de valores opostos: vício e virtude. No plano vertical, alterna momento de extrema desolação e desespero, com outros de serenidade ou de euforia, fazendo a mudança com espantosa velocidade. Em geral o pólo negativo é mais dinâmico, na medida que oprime e amordaça o bem. Mas, no final, graças à reação violenta, que inclui duelos, batalhas, explosões etc., a virtude é restabelecida e o mal conhece exemplar punição. O movimento representa uma confirmação da boa ordem: aquela que deve permanecer de agora para sempre. (HUPPES, 2000, p.27)

Daí que o melodrama se afirma como representação da moralidade, da justiça,

apontando definitivamente quem são os bons e quem são os maus.

São os maus que agem com maior ímpeto. Eles têm papel mais ativo, protagonizam a perseguição propriamente dita. Tomam a iniciativa. Aos bons incumbe em geral a guarda ou, no máximo, o esforço para restabelecer valores positivos. Vão ao encalço do bem, impelidos pelos ditames da honra. São os perseguidores do bem, digamos assim. Cabe destacar que o alvo de perseguição é distinto. Os maus têm em mira a satisfação dos próprios desejos; os bons sublimam os impulsos, porque colocam interesses coletivos sobre aqueles particulares. Mas a principal diferença entre as vertentes temáticas dominantes liga-se com o desfecho. No primeiro dos casos - quando versa o restabelecimento do direito violado - a história costuma desembocar no final feliz, o que coloca implicitamente a mensagem moralizante. Na segunda hipótese - a procura da felicidade sentimental - o infortúnio pode ser esperado. (HUPPES, 2000, p.34-35)

Nessa linha, o melodrama, que figura reviravoltas e desenlaces inesperados, tem como principal vertente a moralidade, sempre apresentada como certa mesmo que não seja vencedora no desfecho. O espectador acaba sendo influenciado a acompanhar a história de maneira ativa e, em certos casos, espera uma próxima oportunidade, no caso do cinema uma continuação, para o final de base moral.

O espectador aciona grande dose de energia para acompanhar uma história que o excita de forma múltipla. A frustração que sobrevém com o desfecho mantém por mais tempo e mantém mais vivas as emoções deflagradas. Quer dizer, se o espectador resulta frustrado no desejo de testemunhar a felicidade, a peça soma pontos. O seu desenrolar exacerbou a impressão despertada pelo enredo: além de revolver amplo repertório de emoções, ativou a imaginação da platéia na busca de alternativas para o impasse. Manteve o público mobilizado. O descalabro do final, ao contrariar a expectativa, produz impacto maior e mais duradouro. Quando sai da sala, pode acontecer de o público manter-se rememorando a história na busca do ponto em que a tragédia poderia ter sido contornada. (HUPPES, 2000, p.41-42)

Nos seus desenvolvimentos, o melodrama sempre teve “vistas no público, irrompeu nos meios de comunicação contemporâneos, valendo-se de traços pré-moldados”. (SILVA, 2005, p.53)

Huppés (2000), já no título de seu livro, insere o melodrama como gênero especialmente querido nos meios hollywoodianos e, nos seus estudos sobre o melodrama diretamente ligado ao cinema, descreve:

Na história do cinema, um sub-gênero dramático característico do período clássico de Hollywood ganha especial relevância. Trata-se do melodrama. Em termos formais e narrativos podemos dizer que constitui o exemplo mais depurado da codificação discursiva do dramatismo. Da música à fotografia, da narrativa à cenografia, dos atores ao cromatismo, todos os elementos são integrados com um propósito bem específico: a mais arrasadora comoção do espectador. (NOGUEIRA, 2010, p.25)

Como "sub-gênero", entendemos então que o melodrama é um gênero infiltrado nos diversos tipos de gêneros clássicos e que normalmente o encontramos nos filmes de ação,

comédia, drama, fantástico, ficção científica, musical, terror, *western*, animação, entre outros.

Antes de fazermos a melhor descrição de alguns desses gêneros, temos que lembrar da importância da criação desses tipos de catalogação no cinema, principalmente se os relacionarmos com a atualidade. Pois,

contudo, o importante para nós é que, com o advento da sociedade da mídia e da televisão (às quais equivalem inovações cinematográficas tão características quanto a chegada da tela ampla), até mesmo a possibilidade do próprio filme de gênero tradicional desaparece. Esse final da idade de ouro do filme de gênero tradicional (musicais, *westerns*, *film noir*, a farsa ou comédia clássica hollywoodiana) coincide então, previsivelmente, com sua codificação e sistematização na assim chamada teoria do *auteur*, em que as várias produções de padrão médio ou de categoria B são agora valorizadas como fragmentos e janelas que dão para um mundo genérico, a um só tempo característico e esclarecedor. (JAMESON, 1995, p.85)

Vejamos, então, as características específicas de alguns desses gêneros, iniciando pelos filmes de *ação*, que exploram

sofisticados efeitos especiais capazes de funcionar como façanha inédita e atração espetacular; cenários suntuosos, exóticos ou grandiosos que favorecem o encantamento e o escapismo.

Do ponto de vista narrativo, uma série de situações são trabalhadas recorrentemente, sobretudo as cenas e sequências de intensa ação, entre as quais se contam perseguições vertiginosas, batalhas grandiosas, duelos contundentes ou explosões exuberantes.

Os heróis e os vilões são claramente caracterizados e contrapostos, recorrendo muitas vezes a soluções de fácil descodificação semiótica, como a indumentária ou a própria fisionomia. (NOGUEIRA, 2010, p.18)

A *comédia* tem como finalidade suscitar o riso e tende a ressaltar as fragilidades do ser humano. Entre seus recursos, comparecem o exagero, o equívoco, o absurdo, o insólito, o escatológico, o anacrônico, o agravamento, o recrudescimento, a descontextualização e o imprevisto. Pode se desdobrar em várias modalidades, como a paródia, a sátira, a ironia, o escárnio, o sarcasmo, o ridículo, o cáustico, o espirituoso, o gozo, a caricatura e o gracejo. (NOGUEIRA, 2010)

No gênero *musical*,

A música é assumida não apenas como um complemento dramático das situações ou da caracterização das personagens, mas como um dispositivo narrativo em si mesmo - a música não se sobrepõe à trama a partir do seu exterior, mas surge a partir da própria vivência das personagens e determina os seus comportamentos. Quer isto dizer que a própria música detém um papel singular na morfologia da narrativa. Se existe aspecto que nitidamente distingue o musical clássico dos outros gêneros é precisamente a utilização que faz da banda sonora, de algum modo integrando a música no próprio universo diegético, desafiando a própria verosimilhança da história que se conta quando os personagens começam o canto e a dança de modo inusitado. (NOGUEIRA, 2010, p.34)

No gênero *terror*, o público encontra fascínio justamente no incômodo e no desconforto

que o filme provoca. O espectador experimenta o sofrimento de forma que comunga com a personagem suas dificuldades, mas sem ter que viver seus padecimentos. Estúdios hollywoodianos inseriram filmes como Drácula e Frankenstein. O gênero possibilita uma variedade de situações, inclusive se confundindo com o gênero fantástico. (NOGUEIRA, 2010)

Para concluir, importa destacar dois outros aspectos importantes do filme de terror. Por um lado, a centralidade narrativa e dramática da vítima, com a qual o espectador é convidado a identificar-se, muitas vezes através de assumir seu ponto de vista. [...] Por outro lado, a tendência de muitos filmes para a apresentação explícita e muitas vezes exagerada dos efeitos físicos e psíquicos dessa mesma violência sobre as vítimas. (NOGUEIRA, 2010, p.38)

De todos esses gêneros citados temos, em especial para este estudo, as características do gênero *Western*, que se popularizou no Brasil com o nome de Faroeste e que, como vimos, se sobrepunha aos outros gêneros nas casas cinematográficas de Goiânia:

Ao contrário da maior parte dos outros gêneros, o *western* é uma criação explicitamente cinematográfica. E a forma como se impôs na cultura popular é tão mais notável quanto enformou o imaginário de diversas gerações de espectadores, nas mais diversas partes do mundo, ajudando a criar a ideia de uma identidade americana que, na realidade, está longe de corresponder à sua verdade histórica.

O *Western* é, aliás, não mais que um retrato efabulado do Oeste americano, da expansão da fronteira da civilização, da instauração da lei e da ordem, muitas vezes à custa das populações indígenas, tantas vezes deturpadamente retratadas. Esta oposição múltipla entre a ordem e o caos, entre a lei e a bandidagem, tem na contraposição entre a cidade e o campo, entre o jardim e a selva, um claro eco simbólico, como se a imposição da ordem ao nível social fosse acompanhada por uma mesma imposição ao nível territorial. (NOGUEIRA, 2010, p.42)

Num estudo das mesmas amostras da pesquisa que identificou as nacionalidades dos filmes apresentados no primeiro semestre de 1950, mas agora voltado ao gênero, temos:

Quadro 4 - Classificação dos Filmes exibidos – Gênero		
Cine Santa Maria - Fevereiro a Junho / 1950		
Gênero	Quantidade	Porcentagem
Ação / Aventura	2	4,25 %
Ação / Drama	3	6,39 %
Ação / Suspense	1	2,13 %
Aventura	2	4,25 %
Comédia	1	2,13 %
Comédia / Drama	1	2,13 %
Comédia / Romance	3	6,39 %

Drama	4	8,51 %
Drama / Aventura	2	4,25 %
Drama / Histórico	1	2,13 %
Drama / Romance	4	8,51 %
Drama / Épico	3	6,39 %
Drama / Film Noir	2	4,25 %
Drama / Suspense	2	4,25 %
Drama / Thriller	1	2,13 %
Faroeste / Aventura	1	2,13 %
Faroeste / Romance	2	4,25 %
Faroeste	10	21,27 %
Musical / Romance	1	2,13 %
Noticiário	1	2,13 %
Somas Totais	47	100%
Fonte: Jornal <i>Folha de Goiaz</i> (23/02/1950 - 27/06/1950) e Jornal <i>O Social</i> (18/02/1950)		

Quadro 5 - Classificação dos Filmes exibidos - Gênero		
Cine Campinas - Março a Junho / 1950		
Gênero	Quantidade	Porcentagem
Ação / Aventura	1	2 %
Ação / Drama	2	4 %
Aventura	1	2 %
Comédia	3	6 %
Comédia / Drama	1	2 %
Comédia / Musical	2	4 %
Comédia / Romance	3	6 %
Drama	11	22 %
Drama / Aventura	1	2 %
Drama / Histórico	2	4 %
Drama / Romance	3	6 %
Drama / Film Noir	3	6 %

Drama / Thriller	1	2 %
Faroeste	9	18 %
Musical	1	2 %
Musical / Fantasia	1	2 %
Suspense	3	6 %
Suspense / Thriller	1	2 %
Terror	1	2 %
Somas Totais	50	100%
Fonte: Jornal <i>Folha de Goiaz</i> (22/03/1950 - 27/06/1950)		

Quadro 6 - Classificação dos Filmes exibidos - Gênero		
Cine Goiaz - Março a Junho / 1950		
Gênero	Quantidade	Porcentagem
Ação / Aventura	1	1,51 %
Ação / Drama	5	7,58 %
Aventura / Romance	1	1,51 %
Aventura / Thriller	1	1,51 %
Comédia	1	1,51 %
Comédia / Musical	5	7,58 %
Comédia / Romance	5	7,58 %
Drama	10	15,16 %
Drama / Aventura	2	3,04 %
Drama / Histórico	2	3,04 %
Drama / Romance	6	9,10 %
Drama / Film Noir	4	6,06 %
Drama / Suspense	1	1,51 %
Drama / Épico	1	1,51 %
Faroeste	13	19,70 %
Musical	3	4,55 %
Musical / Romance	1	1,51 %

Suspense	1	1,51 %
Suspense / Thriller	1	1,51 %
Terror	1	1,51 %
Thriller	1	1,51 %
Somas Totais	66	100%
Fonte: Jornal <i>Folha de Goiaz</i> (29/03/1950 - 27/06/1950)		

O gênero Faroeste teve, pois, predominância na programação estudada tanto do Cine Santa Maria quanto do Cine Goiaz. O drama, no Cine Campinas, obteve maior número de projeções, mas em segundo lugar ficou o Faroeste. Mais especificamente no cinema, os gêneros tiveram uma função importante na americanização em Goiânia.

A seguir, falaremos brevemente da apresentação em Goiânia de alguns desses gêneros para, após, centralizarmos o estudo no Faroeste.

Na tela do Cine Goiaz no dia 23/03/1950, foi apresentado o romance "A mundana" (A foreign affair, 1948). Vejamos sua sinopse:

Após o término da 2ª Guerra Mundial, um grupo de congressistas americanos viaja até a Berlim ocupada para analisar o comportamento das tropas americanas. Lá Phoebe Frost (Jean Arthur), uma congressista, descobre que Erika von Schluetow (Marlene Dietrich), uma cantora de cabaré que foi amante de um militar nazista de prestígio, é atualmente protegida por um oficial americano. Assim, ela pede ajuda a John Pringle (John Lund), um capitão, para ajudá-la a descobrir quem é o militar envolvido, sem imaginar que o capitão é amante da cantora. (Sítio AdoroCinema.com <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2957/>> visitado em 20/01/2017)

O romance, nesse caso, tem a função de propaganda sobre o bem e o mal, mas fundamentalmente ensina valores cívicos de lealdade à pátria e de proteção de valores, mesmo que o histórico da personagem perca um pouco de sua importância devido à ação que o filme desenvolve.

Sobre os filmes românticos:

Em 1944, Michael Curtiz realiza *Casablanca* em que um homem do mundo do jogo (Humphrey Bogart) revela uma nobreza de caráter inesperada, salvando da morte sua amada (Ingrid Bergman) perseguida pela Gestapo, e o homem com quem esta se casara, após muitos anos de separação (Paul Henreid), patriota checo, de quem naturalmente tudo o deveria levar a se desinteressar.

Todos esses filmes podem ser englobados sob a rubrica de películas que espelham bastante a tendência do povo americano a não querer julgar as pessoas pela família, pela situação, etc., preferindo ver o testemunho do procedimento de cada um, perante a realidade da vida. (DE CICCIO, 1979, p. 51)

De outro lado, vimos que as complementações de programa (sessões) no Cine Goiaz e Cine Campinas eram feitas com a apresentação de seriados. Um desses seriados tem como herói o personagem "Zorro", ainda uma herança da Segunda Guerra.

A década de 40 se destacou pelas adaptações de romances de "capa e espada", em que Errol Flynn e Tyrone Power, bem como Louis Hayward e Douglas Fairbanks Junior, viveram respectivamente o *Capitão Blood*, o *Zorro*, o *Máscara de Ferro* e os *Irmãos Corsos*. [...] As épocas são retratadas como períodos sombrios da história da humanidade. A luta do herói se identifica com a luta pela democracia dos americanos na segunda guerra pois os filmes são projetados nos anos da década em que os Estados Unidos já estavam seriamente empenhados no conflito. (DE CICCO, 1979, p. 52)

Entre as comédias musicais, temos, no dia 16/04/1950, no Cine Goiaz, o filme "A escola de sereias" (*Bathing Beauty*, 1944). Mesmo não sendo uma realidade americana em plena Guerra, o romance, a dança e principalmente a alegria de viver ao modo americano são mostrados.

Também expressam o modo alegre de encarar a vida os musicais de Gene Kelly e de Frank Sinatra bem como os "shows" de Esther Williams em que as piadas são entremeadas de espetáculos de dança, natação etc. Podemos citar como exemplo *Escola de Sereias* (1944) e *Marujos do Amor* (1945), obra prima de coreografia de Gene Kelly. (DE CICCO, 1979, p. 59)

E, finalmente, os filmes *Western*, Faroestes ou filmes de cowboy, que tiveram maciça exibição na programação do cinemas estudados. Vejamos as suas bases:

alguns dos mais importantes elementos que forjam a saga do oeste, configurando o que se convencionou denominar *opera horse*, aqui se plasmam, mesmo quando não chamados ao primeiro plano: o heroísmo, o destemor, o acerto de contas mais do que simples ato de vingança, a ameaça do índio rebelado, seu ataque, a corrida vertiginosa dos cavalos, o clássico perfil da diligência cercada pela fúria indígena em desabalada carreira pela planície, tão correta, essa fúria, no atacado quanto cruel no varejo quando a revolta geral desce ao nível individual. (BILHARINHO, 2001, p.18)

A ambientação também tem grande importância. Nela está nitidamente cravada a localização do *Western* dos Estados Unidos. E a trama também exige uma estrutura característica.

[...] linearmente narrada a saga do oeste no embate entre civilização e barbárie, lei crime, honra e despudor, convívio e violência, honestidade-idealismo e desonestidade-brutalidade, bondade e maldade. Tudo, como é próprio da idealização cinematográfica dessa fase histórico-geográfica dos Estados Unidos, maniqueísta e nitidamente exposta. (BILHARINHO, 2001, p.29)

A linearidade da história pode sofrer algumas alterações na dimensão psicológica das personagens, mas estas não afetam a importância da trama. Amizade, amor, ambição, lutas coletivas entre brancos e índios e até lutas individuais entre brancos estão nas características do gênero. A história do faroeste deixa bem claro o antagonismo entre o bem e o mal.

(BILHARINHO, 2001). Com a ênfase no bem e no mal, o *western* torna empolgante a figura do herói e suas características:

[...] quando a população se manifesta o faz a reboque do protagonista e apenas para lhe render homenagem, reforçando o modelo individualista salvacionista. A cultura estadunidense dominante escamoteia geralmente o conteúdo da História, deturpando seu sentido com a entronização de heróis solitários. (BILHARINHO, 2001, p.59)

Como na maioria dos filmes de faroeste, a manutenção da lei é dada como certa e defendida com autoridade pelo cidadão americano comum. O justiceiro, na maioria desses filmes, faz sua lei baseada na ética e moral. Sua vingança tem razões dadas como verdadeiras e importantes e, além disso, valoriza a juventude. O cowboy jovem sempre é o herói.

Além do fato de que o público era sobretudo jovem e a ele tais películas se dirigiam havia algo de mais profundo que era a valorização do jovem na cultura americana. A juventude borbulhante de Errol Flynn e de Louis Hayward deram uma imagem diversa e mais próxima da adolescência do *Capitão Blood* ou de Luís XIV. (DE CICCIO, 1979, p. 52)

Como exemplo, temos o filme veiculado no Cine Santa Maria no dia 06/05/1950, titulado "Suprema decisão" (*The Virginian*, 1946). Sua sinopse:

Joel McCrea estrela como um rancheiro que arrisca perder seu melhor amigo e a mulher que ama quando é forçado a um confronto com impiedosos ladrões de gado. Quando Molly Wood chega para ser a nova professora, o rancheiro e seu melhor amigo Steve são atraídos por ela e disputam seu afeto. Com o intuito de fazer dinheiro rápido, Steve se envolve com a gangue de um poderoso corrupto. O rancheiro tem que escolher entre salvar ou entregar o amigo. Quando é ferido, ao perseguir o cruel líder do bando, ele arrisca perder Molly, que está dividida entre fugir da selvageria do Oeste e o amor de seu cowboy. (Fonte: Sítio Filmes de Faroeste <<http://www.filmesdefaroeste.com.br/suprema-decisao-p699>> visitado em 21/01/2017)

Se, além da sinopse, visualizarmos o *trailer*³⁷ promocional do filme, percebemos todas as características do *western* apresentadas ao público. Primeiramente, o *trailer* já cita o filme a partir de suas três grandes estrelas (Joel McCrea, Brian Donlevy e Sonny Tufts) . Homens com seus cavalos passam em um rio raso, o que nos informa sobre um lugar totalmente habitável, ou seja, não será o ambiente físico o culpado do que vai acontecer. Via caracteres, informa que se trata de uma saga, uma aventura nas fronteiras da América. O personagem *Virginian* (Joel McCrea) entra em um bar (*saloon*) sozinho e destemido, pois já se vê que são foras da lei que frequentam o lugar e é mostrado a seguir o embate entre o herói e o anti-herói. Logo após, apresenta o personagem principal: um homem bom que quer ganhar a vida honestamente criando gado e que tem a perspectiva de um grande amor.

³⁷ Pode ser visto em <<https://www.youtube.com/watch?v=gPguc0m9XUM>> visitado em 24/01/2017.

Mostra-se então o anti-herói, o matador que sempre anda em bando. Apesar dos avisos de quão perigosa está a situação para Virginian, ele se coloca como o que, sendo correto, não se intimidará frente aos bandidos que o rondam. No fim, pelos caracteres, o *trailer* informa que o filme tem grande ação e é espetacular. Novamente são veiculados os nomes dos atores principais, que nos mostram a importância das estrelas do cinema.

Ou seja, estão colocados em apenas 2 minutos todos os elementos que um admirador do Faroeste e, conseqüentemente, dos americanos precisa: a história linear e simples, de fácil assimilação, o herói e o anti-herói e seu bando, a beleza estética do lugar, que passa por córregos, por homens trabalhando na fazenda, Mesmo morando em ambientes quentes e empoeirados, os personagens estão sempre limpos, vestidos, com seus cavalos bem cuidados.

"E nada há mais de estadunidense do que o *western*, o que não impede sua ocorrência na cinematografia de inúmeros países, entre os quais, Brasil, México, etc., porém, com temática e ambientação específica." (BILHARINHO, 2001, p.114)

O Faroeste teve seu auge nos anos 60, o que ultrapassa a pesquisa aqui proposta. No entanto, por esta mesma pesquisa, já se pode ver o processo de iniciação do público brasileiro e goianiense no gênero e nos valores que ele impunha. E mesmo que Hollywood tenha deixado de se dedicar expressivamente a ele após esse período de sucesso, o western ainda encontrou fôlego no chamado *western-spaghetti* realizado na Itália. Um dos ícones dessa fase, que depois migra para outros gêneros hollywoodianos, foi (é) o ator, diretor e produtor Clint Eastwood, um dos diretores mais premiados da Academia Norte-Americana de Cinema.

Considerações Finais

O cinema vem mudando desde sua invenção. Poderíamos até pensar que uma junção de invenções encontraram no cinema um campo profícuo, um campo para que fossem disseminadas e se tornassem um produto de cultura de massa. O caso é que o cinema fatalmente evoluiu, a ponto de o cinema antigo ser totalmente suplantado pelo atual. Claro que o modo do cinema antigo ainda encontra seus adeptos e fãs. Mas, a partir do momento em que os Lumières apresentaram o trem chegando à estação e os americanos, com Thomas Edison, roubaram esse mesmo tema com "O grande roubo do trem"³⁸, anunciando o cinema narrativo, o que conta histórias, o cinema já não poderia ser o mesmo. Invenções anteriores já não causavam no público o interesse que o cinema narrativo tinha cativado.

As histórias ficaram mais elaboradas, as mágicas de Méliès e os efeitos especiais vieram à tona, o cinema virou épico e foi encontrando meios de produção em outros países. A plateia se tornou mundial. A era industrial chegou e o cinema também se adaptou a ela como uma grande indústria. Uma grande máquina de produzir ídolos de vidas perfeitas ou nem tanto, mas que cativou o imaginário do público. Esse imaginário produziu a identificação e depois o consumo de produtos que aproximaram o fã do artista, que passou a seguir seus ideais já não podendo decifrar se era o ideal do ídolo ou dos seus personagens que ele seguia, mas que já faziam parte de uma ideologia que ele assimilava.

Encontra-se a arma: o pensamento ideológico que o cinema pode passar. Esse ideal terá no capitalismo e no seu consequente consumo um suporte que chega a negar épocas anteriores contraditórias às atuais. Homens e mulheres estiveram no Cine Campinas para ver a novidade, o primeiro cinema da região. Mais tarde foram também a outros, como o Cine Santa Maria e o Cine Goiás. Compareceram à inauguração do representante da inserção cultural na cidade: o Cine Teatro Goiânia, que foi projetado principalmente para ser uma sala de cinema.

Essa mágica foi levada aos goianienses na fórmula da ilusão possível, como o cinema pode fazer. A diversão tornou-se imposição subliminar. Penteados, roupas e modo do consumo acabaram tendo como referência os filmes ou as estrelas que nele figuravam.

No primeiro capítulo vimos a cultura estadunidense se infiltrar na cultura brasileira como bons vizinhos: o personagem tipicamente brasileiro, criado pela Disney, o Zé Carioca, tem seu verde amarelo em destaque e suas penas do rabo em azul e vermelho americano.

No segundo capítulo vimos como a imprensa, principalmente pela revista *Seleções*,

³⁸ The Great Train Robbery, 1903

teve seu sucesso na propagação do estilo de vida americano. Os concursos de Miss, iniciados com o Miss América, tiveram sua representante goiana em 1949, que o cinema goianiense apresentou como estrela. Essa estrela deu nome a cidades e teve seu próprio seriado, ou seja, a exibição de sua vida nas salas de cinema da capital. A vida e o luxo dos famosos que aparecem na tela são imitados e produtos são vendidos com anúncios que estampam os rostos conhecidos de Hollywood.

No último capítulo acontece a confirmação da hegemonia do cinema estadunidenses na programação dos cinemas em Goiânia. O faroeste americano esteve na programação tanto dos adultos quanto nas sessões direcionadas ao público infantil. O herói solitário que leva a lei e a ordem a um povo sem lei, implicitamente a única lei correta, é americana: a lei dos arautos da civilização democrática.

A cultura goianiense foi impactada pelo cinema ao ponto de até hoje ele servir de referência para a vida cultural da cidade. Se o setor central já não conta com tantas salas para esse entretenimento, os mais antigos ainda se lembram que tem um cinema na rua 8. O Setor Campinas, que foi a cidade antes da cidade, já não tem mais seu cinema e acabou perdendo espaço de lazer.

As salas de exibição estão hoje concentradas nos Centro de Compras, ou melhor, nos *Shopping Centers*. Neles, os goianienses, que antes passeavam e se sentavam nos bancos da avenida Goiás, se sentem mais seguros e pagam estacionamento para seus carros da Chevrolet, da Ford e de outros que seguem os modelos americanos. Para uma sessão de cinema, na maioria das vezes de um filme hollywoodiano, vestimos nosso *blue jeans*, lanchamos antes ou depois no *Burger King*, lembrando que temos sempre a possibilidade de comprar uma *coca-cola*.

O cinema evoluiu. Se o público de 1950 via seu galã ou sua musa e ia à pé ao cinema com cuidado para não sujar tanto sua roupa com a poeira, hoje o fã pode comprar a sua pipoca com a estampa do seu herói ou mesmo ter, coincidentemente, o mesmo carro do ator principal na perseguição do filme.

Se analisarmos a atualidade, vamos perceber que o maior sucesso cinematográfico foi a inserção do americanismo no Brasil e em Goiânia. Trânsito, congestionamento pela quantidade imensa de veículos, pressa e falta de tempo, consumo, modo de vida, valores familiares.

Tudo isso me lembra que meu tempo acabou, pois *Time is money!* Vou agora mandar um *e-mail* e depois sair para comer um *fast-food*.

Bye, bye!!

Referências

- A NOITE. *Coroada, ontem, "Miss Brasil"*. Página 3. Edição 13238 de 22/07/1949. Digitalizado pela Biblioteca Nacional e disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=58878&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader# - Acessado em 22/08/2016.
- AGI, Associação Goiana de Imprensa. *Imprensa goiana, depoimentos para a sua história*. Goiânia: Associação Goiana de Imprensa, 1980.
- ALENCAR, Francisco. *História da sociedade brasileira: 2º edição*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- ALENCAR, Miriam. *O cinema em festivais e os caminhos do curta-metragem no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1978.
- ABREU, Alzira Alves. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- ARRUDA, Márcia Bomfim de. Considerações acerca do uso de máquinas elétricas no ambiente doméstico. *Revista Projeto História*, n. 35. São Paulo: PUC, 2007. 397-412.
- ASLAN, Odette. *O ator no século XX*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.
- BENFICA, Eduardo; LEÃO, Beto. *Goiás no Século do Cinema*. Goiânia: Gráfica e Editora Kelps, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNADET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1993.
- BORGES, Gilson P. *Teatro Goiânia: história e estórias*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.
- CARNEIRO, Glauco. BRASIL, P. *História dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.
- CHAUL, Nars Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.
- _____. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 3ª ed. Goiânia: Editora da UFG, 2010.
- CRISTOVAM, Buarque. *A revolução das prioridades: da modernidade técnica à modernidade ética*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- DE CICCIO, Cláudio. *Hollywood na cultura brasileira: o cinema americano na mudança da cultura brasileira na década de 40*. São Paulo: Convívio, 1979.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1994.

FLOR, Gisele. Beleza à venda: o corpo como mercadoria. *Comtempo* - Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. Vol. 2, Ano 2 - Dez. 2010. <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7493/6914>> acessada em 25/01/2017.

FOIRET, Jacques; BROCHARD, Philippe. *Os Irmãos Lumière e o cinema*. São Paulo: Augustus, 1995.

FOLHA DE GOIAZ. *Totalmente reformado o Cine Santa Maria*. Goiânia, Terceira Página, 22/01/1950. ANO XI. Edição nº 1390.

FOLHA DE GOIAZ. *Noite de gala no Cine Goiânia*. Goiânia, Terceira Página, 08/02/1950. ANO XI. Edição nº 1404.

FOLHA DE GOIAZ. *Cristovão Colombo – Hoje no Santa Maria*. Goiânia, Terceira Página, 28/02/1950. ANO XI. Edição nº 1419.

FOLHA DE GOIAZ. *Oscarito em Goiânia*. Goiânia, Terceira Página, 22/03/1950. ANO XI. Edição nº 1429.

FOLHA DE GOIAZ. *Nova Fase do Cine Teatro Goiânia*. Goiânia, Capa, 29/03/1950. ANO XI. Edição nº 1434.

FOLHA DE GOIAZ. *Cinema*. Goiânia, Terceira Página, 01/04/1950. ANO XI. Edição nº 1437.

FOLHA DE GOIAZ. *Festival Artístico e Esportivo dos Escoteiros*. Goiânia, Sexta Página, 29/04/1950. ANO XI. Edição nº 1458.

FOLHA DE GOIAZ. *Cineasta Francez em Goiânia*. Goiânia, Sexta Página, 29/04/1950. ANO XI. Edição nº 1458.

FOLHA DE GOIAZ. *Em Goiânia um cinegrafista francês*. Goiânia, Capa, 04/05/1950. ANO XI. Edição nº 1461.

FOLHA DE GOIAZ. *Em Goiânia um técnico cinematográfico*. Goiânia, Capa, 05/05/1950. ANO XI. Edição nº 1462.

FOLHA DE GOIAZ. *"FOLHA DE GOIAZ"*. Goiânia, Capa, 09/05/1950. ANO XI. Edição nº 1465.

FOLHA DE GOIAZ. *Cidade Educada*. Goiânia, Terceira Página, 01/06/1950. ANO XI. Edição nº 1485.

FOLHA DE GOIAZ. *Um fato curioso no trânsito*. Goiânia, Sexta Página, 01/06/1950. ANO XI. Edição nº 1485.

FOLHA DE GOIAZ. *Jussara Marquez*. Goiânia, Terceira Página, 03/06/1950. ANO XI. Edição nº 1487.

FOLHA DE GOIAZ. *José Mojica Virá a Goiaz*. Goiânia, Terceira Página, 08/06/1950. ANO XI. Edição nº 1491.

FOLHA DE GOIAZ. *De Goiaz para a Copa do Mundo*. Goiânia, Capa, 22/06/1950. ANO XI. Edição nº 1503.

FOLHA DE GOIAZ. *Associação Goiana no Rio*. Goiânia, Terceira Página, 24/06/1950. ANO XI. Edição nº 1505.

FOLHA DE GOIAZ. *Como agiu a Polícia no Cine Goiaz*. Goiânia, Terceira Página, 25/06/1950. ANO XI. Edição nº 1506.

FRIEDRICH, Otto. *A cidade das redes: Hollywood nos anos 40*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GALLI, Ubirajara. *A história do batismo cultural de Goiânia*. Goiânia: Editora da UCG / Contato Comunicações, 2007.

GARDIES, René (org). *Compreender o cinema e as imagens*. Lisboa: Edições Texto & Grafia Ltda, 2011.

GODINHO, Iúri Rincon. *A construção: cimento, ciúme e caos nos primeiros anos de Goiânia*. Goiânia: Contato Comunicação, 2013.

GOIÁS. Decreto-lei nº 5.797, de 30 de maio de 1942. Fixa as bases para a exploração industrial do Cine-Teatro-Goiânia. Acessado pelo link <http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/decreto_lei/1942/decreto_lei_5797.pdf> em 25/01/2017.

GOMIDE, C. H. (1999). *Centralismo Político e Tradição Histórica: cidade de Goiás (1930-1978)*. Dissertação de Mestrado em História das Sociedades Agrárias. Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

HAGEMMEYER, Rafael Rosa. *História e Audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUPPES, Ivete. *Melodrama: o gênero e sua permanência*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

JAMESON, Fredric. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

KEMP, Philip. *Tudo sobre cinema*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

KLOCK, Umberto. et al. *Manual didático, polpa e papel*. 3ª ed. revisada. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013.

LEÃO, Beto. *Centenário do Cinema em Goiás (1909-2009)*. Goiânia: Kelps, 2010.

MARQUES, Edmilson Ferreira. *A história do Rádio em Goiás (1942-1947)*. Dissertação de

Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 1999.

MARQUES, Wagner Luiz. *História de Cianorte - Sua regionalização*. Vol. 3. Cianorte: Clube dos autores, 2013.

MARTINS, André Reis Martins (2004). *A Luz no Cinema*. Dissertação de Mestrado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. Petróleo e "Nacionalismo" no segundo governo Vargas: o debate em torno da criação da Petrobrás. *Revista Historiae*, vol.6 n.2, Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande, 2015.

MASCARELLO, Fernando (org.). *História do cinema mundial*. Campinas: Papyrus, 2006.

MATTA, João Paulo Rodrigues. Marcos históricos-estruturais da indústria cinematográfica: hegemonia norte-americana e convergência audiovisual. IV ENECULT - *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Faculdade de Comunicação / UFBA, 2008.

MEDEIROS, Enderson. Folha de Goiaz: o jornal e o seu tempo. Alcar 2015 - *10º Encontro Nacional de História da Mídia*. UFRGS, 2015.

MONSERRAT FILHO, José; SALIN, A. Patrício. O Direito Espacial e as hegemonias mundiais. *Revista Estudos Avançados*. Vol. 17 n. 47. São Paulo: Scielo, 2003. Acessado em 21/09/2016 em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n47/a16v1747.pdf>

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORENO, Ricardo Alberto; MORENO, Doris Hupfeld; SOARES, Márcia Britto de Macedo. Psicofarmacologia de antidepressivos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. vol.21 ISSN 1516-4446. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Psiquiatria, 1999. 24-40

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. *Rev. Bras. Hist.*, vol.18, n.35, São Paulo, 1998.

MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NATAL E SILVA, Colemar. *Goiânia: origem, projetos, concretização*. Goiânia: Edição do autor, 1993.

NETTO, Accioly. *O império de papel - os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NOGUEIRA, Lisandro. *O autor na televisão*. Goiânia: Editora da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

NOGUEIRA, Luís. *Gêneros Cinematográficos*. Manuais de Cinema II. Covilhã: Livros LabCom, 2010.

OLIVEIRA, Fabiana Lazzari de; BELTRAME, Valmor (Nini). A luz - elemento primordial no Teatro de Sombras. *Revista Urdimento*. v.2, n.23, p. 17-30, dezembro - 2014.

PALACIN, Luiz. *Fundação de Goiânia e desenvolvimento de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1976.

PINTO, Edmundo Barreto. *Requerimento para cancelamento do registro do PCB*. Acessado pelo [link](http://www.tse.jus.br/hotSites/registro_partidario/pcb/arquivos/PETICAO_INICIAL_CANCELAMENTO.pdf) <http://www.tse.jus.br/hotSites/registro_partidario/pcb/arquivos/PETICAO_INICIAL_CANCELAMENTO.pdf> em 27/12/2016.

RABELO, Genival. *O capital estrangeiro na imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

RIZZINI, Carlos. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil, 1500-1822: com um breve estudo geral sobre a informação*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

ROCHA, Hélio. *Goiânia 75*. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

ROLLO, Maria Fernanda. Portugal e o Plano Marshall: história de uma adesão a contragosto (1947-1952). *Revista Análise Social*, vol. XXIX (128), 1994, pág. 841-869.

ROMITI, Marco. O Cinema e o movimento aparente. *Revista Comunicare*. Volume 15 - nº2 - 2º Semestre de 2015.

SABINO JÚNIOR, Oscar. *Goiânia Global*. Goiânia: Editora Oriente, 1980.

SANTOS, Fabio Saito dos. As funções da Harmonia e da melodia na Bossa Nova e no Jazz. *Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para Estuda da Música Popular*. 2004.

SILVA, Flávio Luiz Porto e. Melodrama, folhetim e telenovela: anotações para um estudo comparativo. *FACOM*, nº15 - 2º semestre de 2005.

SILVA, Patricia Alves do Rego. *TV Tupi, a pioneira na América do Sul*. Rio de Janeiro : Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro : Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004.

SILVA, Marcos Antonio da. *Cuba e a eterna guerra fria: isolamento ou reinserção?*; Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Armênia Pinto de. *Goiânia: a Saga dos Pioneiros*. 2ª Ed. Goiânia: Grafopel, 1997.

TELES, José Mendonça. *Crônicas da Campininha*. Goiânia: Editora Kelps, 1996.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização no Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VALIM, Alexandre Busko. *Imagens vigiadas: uma História Social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954*. Tese de doutorado: Universidade Federal Fluminense - Departamento de História, 2006.

ANEXO 1 - Programação do Cine Santa Maria

Programação Cine Santa Maria

Data do Jornal	Data da exibição	Tipo	Nome do filme / atração	Título Original	Gênero	Nac.	OBS	JORNAL	LOCAL
18/02/1950	18/02/1950	Anúncio	Aconteceu na Bahia (Complemento Nacional)		Noticiário	Brasil	Reinauguração do Cinema	Anúncio do Jornal "O SOCIAL" de Anápolis	Capa
18/02/1950	18/02/1950	Anúncio	AMOR E ESPADA com DOUGLAS FAIRBANKS JR.	The Fighting O'Flynn	Ação/aventura	EUA	Reinauguração do Cinema	Anúncio do Jornal "O SOCIAL" de Anápolis	Capa
18/02/1950	21-22-23/02/1950	Anúncio	PAIXAO E SANGUE - TECHNICOLOR	Tap Roots	Drama	EUA	Terça, quarta e quinta 3 sessões às 15,30 - 19,30 - 21,30	Anúncio do Jornal "O SOCIAL" de Anápolis	Capa
23/02/1950	23/02/1950	Anúncio	PAIXAO E SANGUE com Van Heflin e Susan Hayward - TECHNICOLOR	Tap Roots	Drama	EUA	3 sessões às 15,30 - 19,30 - 21,30	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)
23/02/1950	24/02/1950	Anúncio	ENTRE O AMOR E O PECADO com Linda Darnel e Cornel Wide	Forever Amber	Drama romântico	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)
24/02/1950	25/02/1950	Anúncio	ENTRE O AMOR E O PECADO com Linda Darnel e Cornel Wide	Forever Amber	Drama romântico	EUA	3 sessões às 15,30 - 19,30 - 21,30	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)
24/02/1950	26/02/1950	Anúncio	LUZ DOS MEUS OLHOS COM GRANDE OTELO	O MESMO	Drama romântico	Brasil	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)
25/02/1950	26/02/1950	Anúncio	LUZ DOS MEUS OLHOS COM GRANDE OTELO E CELSO GUIMARÃES	O MESMO	Drama romântico	Brasil	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas PREÇOS - Poltrona Cr\$5,00 - Meia Polt. Cr\$3,00 — Balcão Cr\$3,00 e Meia Balcão Cr\$2,00	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)

25/02/1950	25/02/1950	Anúncio	ENTRE O AMOR E O PECADO com Linda Darnel e Cornel Wide	Forever Amber	Drama romântico	EUA	3 sessões às 15,30 - 19,30 - 21,30	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCap a)
25/02/1950	28/02-01-02/03/1950	Anúncio	CRISTOVÃO COLOMBO com Frederic March	Christopher Columbus	Drama / Épico	Reino Unido	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCap a)
26/02/1950	26/02/1950	Anúncio	LUZ DOS MEUS OLHOS COM GRANDE OTELO	o mesmo	Drama romântico	Brasil	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Oitava página (contraCap a)
26/02/1950	28/02-01-02/03/1950	Anúncio	CRISTOVÃO COLOMBO com Frederic March	Christopher Columbus	Drama / Épico	Reino Unido	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Oitava página (contraCap a)
26/02/1950	3-4/03/1950	Anúncio	ALMA EM SUPPLICIO com Joan Crawford	Mildred Pierce	Drama / Film Noir	EUA		Folha de Goiaz	Oitava página (contraCap a)
28/02/1950	28/02/1950	Anúncio	CRISTOVÃO COLOMBO com Frederic March	Christopher Columbus	Drama / Épico	Reino Unido	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
29/02/1950	29/02/1950	COLUNA VIDA SOCIAL	CRISTOVÃO COLOMBO com Frederic March	Christopher Columbus	Drama / Épico	Reino Unido	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
02/03/1950	02/03/1950	Anúncio	CRISTOVÃO COLOMBO com Frederic March	Christopher Columbus	Drama / Épico	Reino Unido	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
03/03/1950	03/03/1950	Anúncio	ALMA EM SUPPLICIO com Joan Crawford	Mildred Pierce	Drama / Film Noir	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
04/03/1950	04/03/1950	Anúncio	ALMA EM SUPPLICIO com Joan Crawford	Mildred Pierce	Drama / Film Noir	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
17/03/1950	17/03/1950	Anúncio	TESOURO DA SIERRA MADRE com Humphrey Bogart	The Treasure of the Sierra Madre	Aventura / Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Oitava página (contraCap a)

17/03/1950	17/03/1950	Anúncio	Início do seriado o Segredo dos Tumulos	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Oitava página (contraCapa)
18/03/1950	18/03/1950	Anúncio	TESOURO DA SIERRA MADRE com Humphrey Bogart	The Treasure of the Sierra Madre	Aventura / Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Oitava página (contraCapa)
18/03/1950	18/03/1950	Anúncio	Início do seriado o Segredo dos Tumulos	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Oitava página (contraCapa)
19/03/1950	19/03/1950	Anúncio	TESOURO DA SIERRA MADRE com Humphrey Bogart	The Treasure of the Sierra Madre	Aventura / Faroeste	EUA	Sessão vespertal infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
19/03/1950	19/03/1950	Anúncio	seriado Segredo dos Tumulos	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	Sessão 15,30; 17,30; 19,30	Folha de Goiaz	Terceira página
19/03/1950	19/03/1950	Anúncio	CONQUISTA DA FELICIDADE com Joan Fontaine, James Stewart e Eddie Albert	You gotta Stay Happy	Comédia / Romance	EUA	21,3	Folha de Goiaz	Terceira página
21/03/1950	21/03/1950	Anúncio	5 ROSTOS DE MULHER com Arturo de Cardova e Pepina Serrador. O melhor filme mexicano desses últimos tempos.	Cinco rostros de Mujer	Drama romântico	ESPANHA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

22/03/1950	22/03/1950	Anúncio	5 ROSTOS DE MULHER com Arturo de Cardova e Pepina Serrador. O melhor filme mexicano desses últimos tempos.	Cinco rostros de Mujer	Drama romântico	ESPANHA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
24/03/1950	24/03/1950	Anúncio	Acordes do Coração com John Garfield e Joan Crawford a seguir o 3º e 4º episódio do eletrizante seriado "Segredo dos Tumulos"	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
24/03/1950	24/03/1950	Anúncio	3º e 4º episódio do eletrizante seriado "Segredo dos Tumulos"	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
25/03/1950	25/03/1950	Anúncio	Acordes do Coração com John Garfield e Joan Crawford	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
25/03/1950	25/03/1950	Anúncio	3º e 4º episódio do eletrizante seriado "Segredo dos Tumulos"	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
26/03/1950	26/03/1950	Anúncio	Acordes do Coração com John Garfield e Joan Crawford	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	Sessão vespertina infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
26/03/1950	26/03/1950	Anúncio	3º e 4º episódio do eletrizante seriado "Segredo dos Tumulos"	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	Sessão vespertina infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página

26/03/1950	26/03/1950	Anúncio	Capitão de Castela com Tyrone Power e Cesar Romero	Captain from Castile	Drama / Épico	EUA	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
28/03/1950	28/03/1950	Anúncio	Escrava do Ódio (Tecnicolor) da novela de Zane Grey — “RED CANYON” com George Brent, Ann Blyth e Howard Duff	Red Canyon	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
29/03/1950	29/03/1950	Anúncio	Escrava do Ódio (Tecnicolor) da novela de Zane Grey — “RED CANYON” com George Brent, Ann Blyth e Howard Duff	Red Canyon	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
30/03/1950	30/03/1950	Anúncio	Escrava do Ódio (Tecnicolor) da novela de Zane Grey — “RED CANYON” com George Brent, Ann Blyth e Howard Duff	Red Canyon	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
31/03/1950	31/03/1950	Anúncio	Sedução - com Yvone de Carlo	Song of Scheherazade	Musical / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
31/03/1950	31/03/1950	Anúncio	continuação do Seriado - Segredo dos Túmulos	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
01/04/1950	01/04/1950	Anúncio	Sedução - com Yvone de Carlo	Song of Scheherazade	Musical / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

01/04/1950	01/04/1950	Anúncio	continuação do Seriado - Segredo dos Túmulos	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
05/04/1950	05/04/1950	Anúncio	Festim Diabolico com James Stewart, John Dall e Farley Granger	Rope	Drama / Thriller	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
11/04/1950	11/04/1950	Anúncio	SANGUE E PRATA com Errol Flyn e Ann Sheridan	Silver River	Romance / Faroeste	EUA	3 sessões às 15,30 - 19,30 - 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
12/04/1950	12/04/1950	Anúncio	SANGUE E PRATA com Errol Flyn e Ann Sheridan	Silver River	Romance / Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
13/04/1950	13/04/1950	Anúncio	SANGUE E PRATA com Errol Flyn e Ann Sheridan	Silver River	Romance / Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
14/04/1950	14/04/1950	Anúncio	Legião de Herois (tecnicolor) com Gary Cooper, Paulett Goddard Robert Preston e Akim Tamiroff	North West Mounted Police	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
14/04/1950	14/04/1950	Anúncio	9º e 10º episódios do seriado SEGREDO DOS TUMULOS	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
15/04/1950	15/04/1950	Anúncio	Legião de Herois (tecnicolor) com Gary Cooper, Paulett Goddard Robert Preston e Akim Tamiroff	North West Mounted Police	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
15/04/1950	15/04/1950	Anúncio	9º e 10º episódios do seriado SEGREDO DOS TUMULOS	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

16/04/1950	16/04/1950	Anúncio	Legião de Herois (tecnicolor) com Gary Cooper, Paulett Goddard Robert Preston e Akim Tamiroff	North West Mounted Police	Faroeste	EUA	Sessão vespéral infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
16/04/1950	16/04/1950	Anúncio	9º e 10º episódios do seriado SEGREDO DOS TUMULOS	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	Sessão vespéral infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
16/04/1950	16/04/1950	Anúncio	Era seu Destino — Tecnicolor — com Yvone de Carlo e Red Cameron	Frontier Gal	Ação / Romance / Faroeste	EUA	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
18/04/1950	18/04/1950	Anúncio	Escandalosa — Tecnicolor — Acochado pelo amor das mulheres ... Perseguido pelo ódio dos homens! — Yvone de Carlo — Howard Duff e Dorothy Hart	Calamity Jane and Sam Bass	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
22/04/1950	22/04/1950	Anúncio	UMA NOITE NO PARAISO — encantador e sedutor romance em tecnicolor — com Merle Oberon, Turhan Bey e Sabú	Night in Paradise	Comédia / Drama	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
22/04/1950	22/04/1950	Anúncio	Final do seriado SEGREDO DOS TUMULOS	Federal Agents versus Underworld, inc.	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

26/04/1950	26/04/1950	Anúncio	Legião Sinistra — A Legião Estrangeira! ... Refúgio de soldados da fortuna que buscam esquecer o passado! Dick Powell, Marta Toren e Vincent Price	Rogue's Regiment	Ação / Suspense	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
28/04/1950	28/04/1950	Anúncio	A VOZ DA HONRA — Traição ... Selvageria... Vingança ... com Victor Mature Coleen Grey e Reginald Gardiner	Fury at Furnace Creek	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
28/04/1950	28/04/1950	Anúncio	1º e 2º episódio do seriado: "O DRAGÃO NEGRO"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
29/04/1950	29/04/1950	Anúncio	A VOZ DA HONRA — Traição ... Selvageria... Vingança ... com Victor Mature Coleen Grey e Reginald Gardiner	Fury at Furnace Creek	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
29/04/1950	29/04/1950	Anúncio	1º e 2º episódio do seriado: "O DRAGÃO NEGRO"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
04/05/1950	04/05/1950	Anúncio	Sangue, suor e lágrimas - Uma verdadeira epopéia no ar — Edmund O'Brien — Robert Stak — John Rodney	Fighter Squadron	Ação / Drama	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

03/05/1950	03/05/1950	Anúncio	Sangue, suor e lágrimas - Uma verdadeira epopéia no ar — Edmund O'Brien — Robert Stak — John Rodney	Fighter Squadron	Ação / Drama	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
05/05/1950	05/05/1950	Anúncio	Suprema Decisão com Joel Mac Crea e Brian Donlevy	The Virginian	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
05/05/1950	05/05/1950	Anúncio	3º e 4º episódios do seriado "Dragão Negro"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
06/05/1950	06/05/1950	Anúncio	Suprema Decisão com Joel Mac Crea e Brian Donlevy	The Virginian	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
06/05/1950	06/05/1950	Anúncio	3º e 4º episódios do seriado "Dragão Negro"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
09/05/1950	09/05/1950	Anúncio	LAGO AZUL — com Jean Simmons e Donald Houston — Veja o tropico em seu esplendor Exuberante	The blue lagoon	Drama / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
10/05/1950	10/05/1950	Anúncio	LAGO AZUL — com Jean Simmons e Donald Houston — Veja o tropico em seu esplendor Exuberante	The blue lagoon	Drama / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
11/05/1950	11/05/1950	Anúncio	LAGO AZUL — com Jean Simmons e Donald Houston — Veja o tropico em seu esplendor Exuberante	The blue lagoon	Drama / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

12/05/1950	12/05/1950	Anúncio	JESUS DE NAZARÉ — a maior obra apostólica levada até hoje a tela!	Jesus of Nazareth	Drama / Épico	MEXICO	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
12/05/1950	12/05/1950	Anúncio	5º e 6º capítulos da série "O DRAGÃO NEGRO"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
13/05/1950	13/05/1950	Anúncio	JESUS DE NAZARÉ — a maior obra apostólica levada até hoje a tela!	Jesus of Nazareth	Drama / Épico	MEXICO	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
13/05/1950	13/05/1950	Anúncio	5º e 6º capítulos da série "O DRAGÃO NEGRO"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
14/05/1950	14/05/1950	Anúncio	JESUS DE NAZARÉ — com José Cibrian e Carmem Collado — a maior obra apostólica levada até hoje a tela! 5º e 6º capítulos da série "O DRAGÃO NEGRO"	Jesus of Nazareth	Drama / Épico	MEXICO	Sessão vespertina infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
14/05/1950	14/05/1950	Anúncio	O Poder da Inocência — com Alexis Smith e Robert Douglas	The Decision of Christopher Blake	Drama	EUA	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
16/05/1950	16/05/1950	Anúncio	A morte me Persegue — Um choque entre assassinos! Interpretação de James Cagney e George Raft	Each Dawn I Die	Drama / Suspense	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

17/05/1950	17/05/1950	Anúncio	A morte me Persegue — Um choque entre assassinos! Interpretação de James Cagney e George Raft	Each Dawn I Die	Drama / Suspense	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
18/05/1950	18/05/1950	Anúncio	A morte me Persegue — Um choque entre assassinos! Interpretação de James Cagney e George Raft	Each Dawn I Die	Drama / Suspense	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
19/05/1950	19/05/1950	Anúncio	Ronald Colman e Walter Houston em — LUZ QUE SE APAGA	The light that failed	Drama	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
19/05/1950	19/05/1950	Anúncio	7º E 8º capítulos do seriado O DRAGÃO NEGRO	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
20/05/1950	20/05/1950	Anúncio	Ronald Colman e Walter Houston em — LUZ QUE SE APAGA	The light that failed	Drama	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
20/05/1950	20/05/1950	Anúncio	7º E 8º capítulos do seriado O DRAGÃO NEGRO	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
21/05/1950	21/05/1950	Anúncio	Ronald Colman e Walter Houston em — LUZ QUE SE APAGA	The light that failed	Drama	EUA	Sessão vespertina infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)
21/05/1950	21/05/1950	Anúncio	7º E 8º capítulos do seriado O DRAGÃO NEGRO	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	Sessão vespertina infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)

21/05/1950	21/05/1950	Anúncio	Howard Duff, Marta Toren e George Brent em CLANDESTINO S. Seus lábios eram um convite à felicidade ... ou um passaporte para o além...	Illegal Entry	Ação / Drama	EUA	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)
23/05/1950	23/05/1950	Anúncio	Errol Flynn e Olivia de Havilland em ESTRADA DE SANTA FÉ — Uma epopéia heróica em Tecnicolor	Santa Fé Trail	Drama / Histórico	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
24/05/1950	24/05/1950	Anúncio	Errol Flynn e Olivia de Havilland em ESTRADA DE SANTA FÉ — Uma epopéia heróica em Tecnicolor	Santa Fé Trail	Drama / Histórico	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
25/05/1950	25/05/1950	Anúncio	Errol Flynn e Olivia de Havilland em ESTRADA DE SANTA FÉ — Uma epopéia heróica em Tecnicolor	Santa Fé Trail	Drama / Histórico	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
26/05/1950	26/05/1950	Anúncio	Preston Foster e Andy Devine no colossal filme JERONIMO	Geronimo	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
26/05/1950	26/05/1950	Anúncio	9º e 10º capítulos da série O DRAGÃO NEGRO	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

27/05/1950	27/05/1950	Anúncio	Preston Foster e Andy Devine no colossal filme JERONIMO	Geronimo	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
27/05/1950	27/05/1950	Anúncio	9º e 10º capítulos da série O DRAGÃO NEGRO	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
28/05/1950	28/05/1950	Anúncio	Preston Foster e Andy Devine no colossal filme JERONIMO	Geronimo	Faroeste	EUA	Sessão vespertina infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
28/05/1950	28/05/1950	Anúncio	9º e 10º capítulos da série O DRAGÃO NEGRO	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	Sessão vespertina infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
28/05/1950	28/05/1950	Anúncio	Ingrid Bergman e Gary Cooper em MULHER EXÓTICA	Satatoga Trunk	Drama	EUA	4 sessões: 15,30 — 17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
30/05/1950	30/05/1950	Anúncio	ADAGAS DOS DESERTO — Uma realidade da história da fundação de Israel	Sword in the Desert	Ação / Drama	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
31/05/1950	31/05/1950	Anúncio	ADAGAS DOS DESERTO — Uma realidade da história da fundação de Israel	Sword in the Desert	Ação / Drama	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
01/06/1950	01/06/1950	Anúncio	ADAGAS DOS DESERTO — Uma realidade da história da fundação de Israel	Sword in the Desert	Ação / Drama	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
03/06/1950	03/06/1950	Anúncio	Charles Starret no filme — A LEI DA FORÇA	Six-Gun Law	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
03/06/1950	03/06/1950	Anúncio	11º e 12º ep. do seriado O DRAGÃO NEGRO	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

04/06/1950	04/06/1950	Anúncio	Charles Starret no filme — A LEI DA FORÇA	Six-Gun Law	Faroeste	EUA	Sessão vespertal infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
04/06/1950	04/06/1950	Anúncio	11° e 12° ep. do seriado O DRAGÃO NEGRO	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	Sessão vespertal infantil - 12,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
04/06/1950	04/06/1950	Anúncio	John Gaufield e Ann Sheridan no filme — TORNARAM-ME UM CRIMINOSO	They made me a criminal	Drama / Aventura	EUA	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
08/06/1950	08/06/1950	Anúncio	Cornel Wild, Patricio Knight e John Baragrey em APAIXONADOS — uma pujante história de amor cheia de dramaticidade e intriga!	Shockproof	Drama / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
09/06/1950	09/06/1950	Anúncio	Eric Portman e Bárbara Mullen no sensacional filme inglês. Magníficos cenários! Dramáticos episódios que emocionam! ESCRAVO DO PASSADO	Corridor of Mirrors	Drama / Suspense	Reino Unido	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
10/06/1950	10/06/1950	Anúncio	Charles Starret no Far-West — O GANCHO DE AÇO	West of Sonora	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
10/06/1950	10/06/1950	Anúncio	13° e 14° cap. da série "O DRAGÃO NEGRO"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

13/06/1950	13/06/1950	Anúncio	Bud Abbott e Lou Costello na comédia PATUSCADA Uma gargalhada por minuto! A mais estrondosa comédias da dupla Bud Abbott e Lou Costello	Mexican Hayride	Comédia / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
14/06/1950	14/06/1950	Anúncio	Bud Abbott e Lou Costello na comédia PATUSCADA Uma gargalhada por minuto! A mais estrondosa comédias da dupla Bud Abbott e Lou Costello	Mexican Hayride	Comédia / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
15/06/1950	15/06/1950	Anúncio	Bud Abbott e Lou Costello na comédia PATUSCADA Uma gargalhada por minuto! A mais estrondosa comédias da dupla Bud Abbott e Lou Costello	Mexican Hayride	Comédia / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
16/06/1950	16/06/1950	Anúncio	Mikel Conrad e Carol Thurston no filme CAÇADA HUMANA — um filme que reproduz com fidelidade os costumes pitorescos dos esquimáus!	Arctic Manhunt	Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

17/06/1950	17/06/1950	Anúncio	Charles Starret na produção de aventuras CAVALEIRO DA LEI	Whirlwind Raiders	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
17/06/1950	17/06/1950	Anúncio	final do seriado "O DRAGÃO NEGRO"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
18/06/1950	18/06/1950	Anúncio	Charles Starret na produção de aventuras CAVALEIRO DA LEI	Whirlwind Raiders	Faroeste	EUA	Vesperal Infantil às 12,30 hs	Folha de Goiaz	Terceira página
18/06/1950	18/06/1950	Anúncio	final do seriado "O DRAGÃO NEGRO"	G-Men vs. The Black Dragon	Ação / Aventura	EUA	Vesperal Infantil às 12,30 hs	Folha de Goiaz	Terceira página
21/06/1950	21/06/1950	Anúncio	Amor glorioso ... intrigante! — Columbia Pictures apresenta O ESPADACHIM — Tecnicolor — Com Larry Parks e Ellen Drew	The Swordsman	Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
22/06/1950	22/06/1950	Anúncio	Amor glorioso ... intrigante! — Columbia Pictures apresenta O ESPADACHIM — Tecnicolor — Com Larry Parks e Ellen Drew	The Swordsman	Aventura	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
23/06/1950	23/06/1950	Anúncio	Donald O'Connor e Marjorie Main na comédia O GRANDE PRÊMIO Uma comédia divertidíssima e cheia de ação!	Feudin', Fussin' and A-Fightin'	Comédia	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

24/06/1950	24/06/1950	Anúncio	Charles Starret no filme TESOURO ESCONDIDO	Last days of Boot Hill	Faroeste	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
24/06/1950	24/06/1950	Anúncio	e início do sensacional seriado NOVAS AVENTURAS DE DICK TRACY	Dick Tracy Returns	Policial	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página
25/06/1950	25/06/1950	Anúncio	Charles Starret no filme TESOURO ESCONDIDO	Last days of Boot Hill	Faroeste	EUA	Vesperal Infantil às 12,30 hs	Folha de Goiaz	Terceira página
25/06/1950	25/06/1950	Anúncio	e início do sensacional seriado NOVAS AVENTURAS DE DICK TRACY	Dick Tracy Returns	Policial	EUA	Vesperal Infantil às 12,30 hs	Folha de Goiaz	Terceira página
25/06/1950	25/06/1950	Anúncio	Barbara Stanwyck — Robert Preston e Stephen McNally no filme VICIADA Arrastada ao abismo por uma paixão indomável!	The Lady Gambles	Drama / Film Noir	EUA	4 sessões: 15,30 —17,30 — 19,30 — 21,30 horas	Folha de Goiaz	Terceira página
27/06/1950	27/06/1950	Anúncio	Betty Davis e Robert Montgomery em NOIVA DA PRIMAVERA Ela queria que ele a esquecesse como mulher... Mas depois foi ela mesmo que começou a vê-lo como homem!	June Bride	Comédia / Romance	EUA	2 sessões: 19,30 e 21,30	Folha de Goiaz	Terceira página

ANEXO 2 - Programação do Cine Goiaz

Programação Cine Goiaz

Data do Jornal	Data da exibição do evento	Tipo	Nome do filme / atração	Título Original	Gênero	Nacionalidade	OBS	JORNAL	LOCAL
29/03/1950	29/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	A MUNDANA - com Jean Arthur, Marlene Dietrich e John Lund — Um filme da Paramount	A Foreign Affair	Comédia / Romance	EUA	Foi a primeira vez que o cine Goiaz é citado	Folha de Goiaz	Terceira página
02/03/1950	02/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“San Quentin” — com Lawrence Tierney e Barton Mac Lane — um filme da RKO	San Quentin	Drama / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
03/03/1950	03/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“Aventura Arriscada” — com Edmund O’Brien, Ella Raines e Willian Bendix — Um drama da Universal	The Web	Drama / Film Noir	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
04/03/1950	04/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“Criminoso Sem Quartel” — com Buster Crabbe e a sua turma — um far-west da CADEF	Frontier Outlaws	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
04/03/1950	04/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“Contra a Quinta Coluna”, seriado	King of the Texas Rangers	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

18/03/1950	18/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“O condenado” —com James Mason e Robert Newton — Um filme da “Universal International”	Odd Man out	Drama / Film Noir	Reino Unido		Folha de Goiaz	Terceira página
18/03/1950	18/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“Contra a Quinta Coluna” — seriado	King of the Texas Rangers	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
19/03/1950	19/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“Lar... Meu Tormento” — com Gary Grant, Mirna Loy e Melvin Douglas — uma comédia romântica da RKO	Mr. Blandings Builds his dream House	Comédia / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
22/03/1950	22/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“Codigo de Honra” — com Alan Ladd e Donna Reed — Uma dramática produção da Paramount	Beyond Glory	Drama	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
22/03/1950	27/03/1950	Reportagem	Show do Oscarito		Musical ao vivo			Folha de Goiaz	Terceira página
23/03/1950	27/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	Show do Oscarito		Musical ao vivo			Folha de Goiaz	Terceira página
23/03/1950	23/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“Fantasma Apaixonado” — com Gene Tierney, Rex Harrison e George Sanders — Uma comédia original da FOX	The Ghost and Mrs. Muir	Aventura / Thriller	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

24/03/1950	24/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“Além do Horizonte Azul”— com Dorothy Labour e Richar Denning — Um filme de aventura nas selvas da Paramount	Beyond the Blue Horizon	Drama / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
25/03/1950	25/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	“No coração do Oeste” — com Dick Powell e Jane Creer — Um filme RKO.	Station West	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	QUINTA PÁGINA
25/03/1950	25/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	Seriado “Contra a Quinta Coluna”	King of the Texas Rangers	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	QUINTA PÁGINA
26/03/1950	26/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	"A chama do Pecado" - com John Carron, Vera Ralston e Robert Paige — Um drama romantico da “Republic”	The Flame	Thriller	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
29/03/1950	29/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	"A queda da Bastilha”, — com Ronald Colman, Elisabeth Allan e Basil Rathbone - Um grandioso filme histórico da "Metro"	A Tale of two Cities	Drama / Épico / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

30/03/1950	30/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	"O Diabo disse... Não" — com Gene Tierney e Don Ameche — Uma comédia romântica da "FOX"	Heaven can wait	Comédia / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
01/04/1950	01/04/1950	coluna VIDA SOCIAL	"Desmascarando Criminosos" com Gene Autry e sua turma — um drama de aventuras na "Republic"	Saddle Pals	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
01/04/1950	01/04/1950	coluna VIDA SOCIAL	"Contra a Quinta Coluna" — Novos Episódios	King of the Texas Rangers	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
05/04/1950	05/04/1950	coluna VIDA SOCIAL	Capitão Boycott - com Stewart Granger, Kachenn Ryan e Cecil Parker.	Captain Boycott	Drama / Ficção histórica	Reino Unido		Folha de Goiaz	Terceira página
11/04/1950	11/04/1950	Anúncio	ANJO SEM ASAS - Uma comédia alegre e romantica. — com Van Johnson, June Alison e o menino prodigio Butch Jenkins.	The Bride Goes Wild	Comédia / Romance	EUA	*** PRIMEIRA VEZ QUE APARECE UM Anúncio	Folha de Goiaz	Terceira página

12/04/1950	12/04/1950	Anúncio	"IOLANDA E O LADRÃO" — com Fred Astaire, Lucille Bremer. Comédia romântica, em technicolor.	Yolanda and the Thief	Musical / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
13/04/1950	13/04/1950	Anúncio	"Uma Noite de Horror" com Eduardo Cianelli e Onslow Stevens — Um drama policial de aventuras eletrizantes!	The Creeper	Terror	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
14/04/1950	25/04/1950	Reportagem	"O casaco Encantado", a peça fantástica de Lucia Benedetti		Teatro Infantil		*** Teatro da AGT, consta apenas nas colunas da AGT e não tem nos anúncios oficiais do cinema Sessão as 21h	Folha de Goiaz	Terceira página
14/04/1950	14/04/1950	Anúncio	Castelo do Homem sem Alma — com James Mason, Deborah Keer. Drama impressionante.	Hatter's Castle	Drama / Film Noir	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
14/04/1950	14/04/1950	Anúncio	No programa: Jussara e as princesas do Paraná			BRASIL		Folha de Goiaz	Terceira página

15/04/1950	15/04/1950	Anúncio	“Codigo do Norte”.					Folha de Goiaz	Terceira página
15/04/1950	15/04/1950	Anúncio	No mesmo programa o sensacional seriado O CHICOTE DO ZORRO.	Zorro’s Black Whip	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
15/04/1950	15/04/1950	Anúncio	No programa: Jussara e as princesas do Paraná					Folha de Goiaz	Terceira página
16/04/1950	16/04/1950	Anúncio	“ESCOLA DE SEREIAS” — Technicolor — Esther Williams, Red Skelton, Basil Rathbone, Carlos Ramirez e Chavier Cugat e sua afamada orquestra.	Bathing Beauty	Comédia / Musical	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
16/04/1950	16/04/1950	Anúncio	No programa: “Miss” Brasil no arpoador					Folha de Goiaz	Terceira página
18/04/1950	18/04/1950	Anúncio	Interessante filme de aventuras! ENTRE CAVALHEIROS — Jimmy Lyndon e Charles Russell. Um romance notável, emocionante e dramático!	Henry Aldrich Gets Glamour	Aventura / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

18/04/1950	18/04/1950	Anúncio	No programa "Miss" Brasil em Goiânia					Folha de Goiaz	Terceira página
21/04/1950	21/04/1950	Anúncio	A Republic apresentará o movimentado drama! ROMANCE NO INVERNO — Lynne Roberts e Charles Drake. Um romance tempestuoso de ódio e amor que emociona desde o início! Um drama sensacional	Winter Wonderland	Drama	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
22/04/1950	22/04/1950	Anúncio	A Republic apresentará o eletrizante drama em Technicolor — NA VELHA SENDA — com Roy Rogers, Tito Guizar e a turma do barulho. Um filme encantador pela sua beleza natural e pelas suas canções melodiosas de Tito Guizar!	On the old Spanish Trail	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
22/04/1950	22/04/1950	Anúncio	No mesmo programa o seriado: O CHICOTE DO ZORRO	Zorro's Black Whip	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

26/04/1950	26/04/1950	Anúncio	PERDIDOS NA TORMENTA com Montgomery Clift, Aline Mar Maon e Jornlila Novolna — A história de uma criança que teve seu lar desfeito na cidade arrasada.	The search	Drama	SUÍÇA / EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
28/04/1950	28/04/1950	Anúncio	A maravilhosa produção de 1950! — “Ninguém Crê em mim” com Bobby Driscoll, Barbara Hale e Artur Kennedy	The window	Drama / Film Noir	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
29/04/1950	29/04/1950	Anúncio	“Na Jaula dos Leões” com Richard Denning, Sheila Ryan e Buster Clabbe, “o homem leão”. Arrepiante filme de aventuras. No mesmo programa o seriado “O CHICOTE DO ZORRO”	Caged Fury	Drama	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
29/04/1950	29/04/1950	Anúncio	No mesmo programa o seriado “O CHICOTE DO ZORRO”	Zorro’s Black Whip	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

04/05/1950	04/05/1950	Anúncio	"América" um super filme da Metro com Brian Donlevy	The beginning or the end	Drama / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
04/05/1950	04/05/1950	Anúncio	No programa Miss Brasil em Goiânia					Folha de Goiaz	Terceira página
03/05/1950	03/05/1950	Anúncio	Rosalind Russell em "Ultima noite de Gloria" — Aquelas mãos acariciavam! Elas também poderiam matar! — Colossal filme que deixará uma indelével lembrança no coração de todos.	The Velvet Touch	Drama / Suspense	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
05/05/1950	05/05/1950	Anúncio	Em duas sessões hoje, o magnífico filme em Tecnicolor BILL E LU — Um filme novo, diferente, lindo — feito para crianças e adultos.	Bill and Co	Musical	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
06/05/1950	06/05/1950	Anúncio	Hoje a Metro oferece VIDA À LARGA — Gene Kelly — uma comedia cheia de aventuras.	Living in a Big Way	Comédia / Musical	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
06/05/1950	06/05/1950	Anúncio	E mais "O CHICOTE DO ZORRO"	Zorro's Black Whip	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

06/05/1950	06/05/1950	Anúncio	No programa "Miss" Brasil em sua residência.					Folha de Goiaz	Terceira página
09/05/1950	09/05/1950	Anúncio	MASCOTE DA CIDADE com Margaret O'Brien e Robert Preston. Todos a reclamavam ... todos a desejavam ... Tres rapazes que queriam ser o pai da Mascote da Cidade, como resolver o problema?	Big City	Drama	EUA		Folha de Goiaz	SEXTA PAGINA
10/05/1950	10/05/1950	Anúncio	IDILIO PARA TODOS — Mickey Roney, Walter Huston e Glória Haven. Uma deliciosa comédia romântica com música ... —Grandioso Technicolor da METRO	Summer Holiday	Comédia / Musical	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
11/05/1950	11/05/1950	Anúncio	HARA KIRÍ — com Carles Boyer, Merle Oberon, e Jon Loder. Um romance de grandes emoções e aventuras.	The Battle	Drama / Romance	França / Reino Unido		Folha de Goiaz	Terceira página

12/05/1950	12/05/1950	Anúncio	Um filme da RKO, com Phillips Terry e Jacqueline White — A CASA MALDITA — Um filme policial de aventuras e mistério! Um romance turbulento de paixão e ódio!	Seven Keys to Baldpate	Suspense / Thriller	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
13/05/1950	13/05/1950	Anúncio	Stephanie Bachelard e Michael Browue no colossal filme da Republic O CRIME DO SÉCULO. O mistério rondava em torno da jovem que fôra proibida de entrar no quarto de seu pai moribundo!	Crime of the Century	Drama / Ação	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
13/05/1950	13/05/1950	Anúncio	No mesmo programa o seriado O CHICOTE DO ZORRO.	Zorro's Black Whip	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

14/05/1950	14/05/1950	Anúncio	Charles Beyer, Ingrid Bergman e Charles Laughton no colossal filme da METRO — ARCO DO TRIUNFO. O filme jamais visto e igualado!... Uma grande história de amor e renúncia vivida por grandes figuras da tela!	Arch of Triumph	Drama / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
16/05/1950	16/05/1950	Anúncio	SOL DA MANHA — em Tecnicolor — Uma delícia neste filme. Ouçam Janette nos mais belos trechos da Opera Madame Butterfly.	The sun comes up	Drama / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
17/05/1950	17/05/1950	Anúncio	ALVORADA DE UMA NAÇÃO — (Argentina) Henrique Muino, Ángel Magaña e Norma Castillo. Filme premiado em Canes.	His best Student (EUA) Su mejor alumno	Drama	Argentina		Folha de Goiaz	Terceira página

18/05/1950	18/05/1950	Anúncio	SEU PROPRIO VERDUGO — BURGES MEREDITH. Um filme para todos os que gostam de emoções! Filme da FOX	Mine Own Executioner	Drama	Reino Unido	Estúdio 20° Century Fox	Folha de Goiaz	Terceira página
19/05/1950	19/05/1950	Anúncio	ACONTECEU À MEIA NOITE — WILLIAN GARGAN. Passava sobre ele terrível acusação de haver assassinado seu próprio irmão. Uma produção da Paramount.	Waterfront at Midnight	Drama / Ação	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
20/05/1950	20/05/1950	Anúncio	PROCESSAMOS O ASSASSINO - (Republic) — RED RIDERS. Farwest cheio de emoções e aventuras!		Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
20/05/1950	20/05/1950	Anúncio	E inicio do seriado — ARANHA MORTAL	The black window	Drama / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

21/05/1950	21/05/1950	Anúncio	O filme da Metro em technicolor — DESFILE DE PÁSCOA com Judy Garland, Fred Astaire, Peter Lawford e Ann Miller. Um filme digno de ser visto! Encantamento! Musicais de Irving Berlin.	Easter Parade	Comédia / Musical	EUA		Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)
23/05/1950	23/05/1950	Anúncio	ABSOLVIDA (R.K.O.) — Ton Conway e Martha O'Driscó — Sensacional e emocionante! Um drama que prende o espectador do começo ao fim.	Criminal Court	Drama / Ação	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
24/05/1950	24/05/1950	Anúncio	O HOMEM QUE EU AMO. Loretta Young, Robert Mitchum e William Holden. Ela devia escolher entre o homem que a desposara por bondade e outro que lhe oferecia amor. Ele comprava aquela mulher a peso de ouro...	Rachel and the Stranger	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

25/05/1950	25/05/1950	Anúncio	CAVALHEIRO POR UMA NOITE (UNIVERSAL) — Don Duryea, Ella Raynes e William Dendex. A casaca pertence a outro ... e a garota também! É notável!	The Swindlers	Drama	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
26/05/1950	26/05/1950	Anúncio	DEMONIO DOURADO (METRO) — Wallace Beery, Tom Drake e Dorothy Patrick — Engraçadíssimo filme como só Wallace poderia fazer — gosadíssimo!	Alias a Gentleman	Comédia / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
27/05/1950	27/05/1950	Anúncio	PISANDO EM BRASAS (Metro) Red Skelton e Brian Douley. Neste filme o Red confirma sua arte para fazer rir, dentro de um drama de elevado teor. No programa o seriado.	A Southern Yankee	Comédia / Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

28/05/1950	28/05/1950	Anúncio	SAUDADES DE TEUS LÁBIOS (METRO) — em technicolor — Esther Williams, Jimmy Durante, e Xavier Cugat e sua orquestra. Uma maravilha de cores o encanto de Esther Williams juntadas à música de Xavier Cugat.	This time for keeps	Musical	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
30/05/1950	30/05/1950	Anúncio	A VOLTA DOS HOMENS MAUS — Randolph Scott e Ann Jeffries. Aventuras! Romance! Ação! — Revólveres fumegantes escreviam a história e lábios sequiosos tornavam as noites inesquecíveis — Eles voltaram para a vingança!	Return of the Bad Men	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

31/05/1950	31/05/1950	Anúncio	A VOLTA DOS HOMENS MAUS — Randolph Scott e Ann Jefryes. Aventuras! Romance! Ação! — Revólveres fumegantes escreviam a história e lábios sequiosos tornavam as noites inesquecíveis — Eles voltaram para a vingança!	Return of the Bad Men	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
01/06/1950	01/06/1950	Anúncio	O CÉU MANDOU ALGUÉM — John Wayne, Pedro Armendariz e Mac Marsh. Um romance enternecedor e maravilhoso, que nos mostra a história de um grande amor!	3 godfathers	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
03/06/1950	03/06/1950	Anúncio	A REPUBLIC apresenta o emocionante filme POVOAÇÃO VAZIA com o valente cow-boy Red Riders e outros! A luta dos bandidos do Oeste, numa grande apresentação!	Wagon Wheels Westward	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

03/06/1950	03/06/1950	Anúncio	mesmo programa o seriado ARANHA MORTAL	The black window	Drama / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
04/06/1950	04/06/1950	Anúncio	A Universal Internacional apresenta uma das suas obras primas destes últimos anos! TAÇA DE AMARGURA — James Mason, Rosamund Jon e Pamel Kelino — As mulheres o amavam, porém, somente a uma pertencia seu coração ... História de amor e intriga ... de vingança e crime! — DUAS SESSÕES	The upturned glass	Drama / Ação	Reino Unido		Folha de Goiaz	Oitava página
08/06/1950	08/06/1950	Anúncio	A PARAMOUNT a marca das estrelas apresenta em Sessão das Moças o lindo filme LEVANTA-TE MEU AMOR - Ray Milland e Claudete Colbert — um drama de mil aventuras românticas que encanta e seduz	Arise my love	Drama / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

09/06/1950	09/06/1950	Anúncio	A CASA DA COBIÇA — Kieron Moore e Margaret Johnson — O demônio da ambição! O cinema novelesco não fixou nenhum mais cinico, nem mais insensível criminoso!	A man about the house	Drama	Itália / Reino Unido		Folha de Goiaz	Terceira página
10/06/1950	10/06/1950	Anúncio	SENDA DOS COVARDES Um super Western com a mais sensacional aventura do Oeste americano.	The Navajo Trail	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
10/06/1950	10/06/1950	Anúncio	No programa o seriado ARANHA MORTAL	The black window	Drama / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
13/06/1950	13/06/1950	Anúncio	A "Republic" apresenta o sensacional drama! PAIXÃO SANGRENTA Com John Carroll, W. Elliot e Catarine Mc Leod — Dois valentes que lutam por suas terras e amam a mesma mulher!	The Fabulous Texan	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

14/06/1950	14/06/1950	Anúncio	A RKO apresenta o lindo filme mexicano em 2 sessões A PÉROLA com Pedro Arrendaria e Maria Elena Marques. — Aventura dolorosa de três seres lutando contra a ambição, a maldade e o ódio dos homens! É dramático!	La perla	Drama	MÉXICO		Folha de Goiaz	Terceira página
15/06/1950	15/06/1950	Anúncio	NEM TUDO É ILUSÃO Com Betty Hustten, Mac Donald Carey e Virginia Field.	Dream Girl	Drama / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
16/06/1950	16/06/1950	Anúncio	QUERIDINHA DO VOVÔ Uma bela produção da FOX com a queridinha de todos! SHIRLEY TEMPLE! Um filme que tem de tudo para todos!	Wee Willie Winkie	Drama / Ação	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

17/06/1950	17/06/1950	Anúncio	A FOX apresenta o encantador filme! TERNURA DE INFÂNCIA Joe E. Brown (Boca Larga) e William Norris. — Uma comédia de mil encantos e emoções!		Comédia	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
18/06/1950	18/06/1950	Anúncio	A PARAMOUNT se orgulha em apresentar a grande produção histórica por todos aplaudida! O VENENO DOS BORGHIAS Paulette Godard, John Bund e MacDonald Carey — A noiva mais famosa do mundo! Ela jurou amar honrar e matar o homem com quem se casou! Aventuras flamejantes! Espetáculo arrebatador!	Bride of Vengeance	Drama histórico	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

21/06/1950	21/06/1950	Anúncio	CORTINA DE FERRO Gienny Tierney e Dana Andrews — Uma história empolgante de um homem que tudo fez 4 lutou para conquista da liberdadee de um povo! (Filme FOX)	The Iron Curtain	Suspense	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
22/06/1950	22/06/1950	Anúncio	A BARCA DO JOGO DALE EVANS, ALIN HOWLINS E ROY ROGERS. — Um romance de lutas e emoções que empolga desde o início! Filme Tricolor (Republic Films)	Apache Rose	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
23/06/1950	23/06/1950	Anúncio	A FOX apresenta o emocionante drama de aventuras! Em maravilhoso CINECOLOR! DEVASTANDO CAMINHO Randolph Scott, Jane Wyatt e J. Carroll Nash. Um romance tenebroso de amor e ódio do Oeste americano, cheio de aventuras!	Canadian Pacific	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

24/06/1950	24/06/1950	Anúncio	A RKO apresenta um filme policial DICK TRACY EM LUTA Um drama de aventuras policiais de grandes emoções!		Ação / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
24/06/1950	24/06/1950	Anúncio	No programa o seriado: ARANHA MORTAL	The black window	Drama / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
25/06/1950	25/06/1950	Anúncio	POEIRA DE ESTRELAS Lourdinha Bittencourt, Emilinha Borba, Celeste Aida, Enio Santos Ciro Monteiro e outros. Uma produção Nacional distribuída para U.C.B. — Uma comédia musical encantadora, cheia de romance, bailados e musicas nossas! — duas sessões		Musical	Brasil		Folha de Goiaz	Terceira página
25/06/1950	25/06/1950	Anúncio	UM DESENHO COLORIDO — FAR- WEST: DEVASTANDO O CAMINHO (colorido)	Canadian Pacific	Faroeste	EUA	*** primeira vez que aparece a matinê nestes anúncios MATINE 13 E 15 HORAS	Folha de Goiaz	Terceira página

27/06/1950	27/06/1950	Anúncio	BARBEIRO DE SEVILHA Ferruccio Tagliavini, Tito Gobbi, Nelly Corradi, e outros — A encantadora opera cômica de Rossini apresentada integralmente na tela, em todas as suas lindas árias, coros e magnífico romance! — Um filme italiano, distribuído pela FOX.	The Barber of Seville	Comédia / Musical	Itália		Folha de Goiaz	Terceira página
-------------------	------------	---------	--	-----------------------	-------------------	--------	--	----------------	-----------------

ANEXO 3 - Programação do Cine Campinas

Programação Cine Campinas

Data do Jornal	Data da exibição do evento	Tipo	Nome do filme / atração	Título Original	Gênero	Nacionalidade	OBS	JORNAL	LOCAL
22/03/1950	27/03/1950	reportagem	Show do Oscarito		musical		É a primeira vez que o jornal cita o Cine Campinas	Folha de Goiás	Terceira página
23/03/1950	27/03/1950	coluna VIDA SOCIAL	Show do Oscarito		Musical ao vivo			Folha de Goiás	Terceira página
11/04/1950	11/04/1950	Anúncio	UMA NOITE DE HORROR com Eduardo Cianellie e Oslan Stevens — Um drama policial de aventuras eletrizantes	The Creeper	Terror	EUA	*** PRIMEIRA VEZ QUE APARECE UM Anúncio	Folha de Goiás	Terceira página
12/04/1950	12/04/1950	Anúncio	“BECO DAS ALMAS PERDIDAS” — com Tyrone Power, Joan Brondel e Helen Walker. Romance forte e realista. Historia dolorosa! Drama empolgante.	Nightmare Alley	Drama / Film Noir	EUA		Folha de Goiás	Terceira página

13/04/1950	13/04/1950	Anúncio	“Anjo Sem Asas” (Sessão das Moças) Com Van Johnson, June Alison e o menino prodígio Butch Jenkins - Uma comédia romântica interessante	The Bride Goes Wild	Comédia / Romance	EUA	*** SESSÃO DAS MOÇAS	Folha de Goiás	Terceira página
14/04/1950	14/04/1950	Anúncio	“Codigo da Morte” de Paul Kelly		Drama	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
14/04/1950	14/04/1950	Anúncio	Continuação do Seriado “Chicote do Zorro”	Zorro’s Black Whip	Faroeste	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
14/04/1950	14/04/1950	Anúncio	No programa: Jussara eleita “Miss Brasil”					Folha de Goiás	Terceira página
15/04/1950	15/04/1950	Anúncio	Castelo do Homem sem Alma — com James Mason, Deborah Keer. Drama impressionante.	Hatter’s Castle	Drama / Film Noir / Mistério	EUA	*** cines goiaz e campinas apenas mudaram os cartazes do dia anterior	Folha de Goiás	Terceira página
15/04/1950	15/04/1950	Anúncio	No programa: Jussara eleita “Miss Brasil”				*** cines goiaz e campinas apenas mudaram os cartazes do dia anterior	Folha de Goiás	Terceira página

16/04/1950	16/04/1950	Anúncio	O sentimental drama de uma família “OS FILHOS MANDAM”— Um monumental filme argentino, que obteve a classificação máxima no Rio e São Paulo — Estrelado por Pepita Serrador	Los chicos crecen	Drama	Argentina	20h	Folha de Goiás	Terceira página
16/04/1950	16/04/1950	Anúncio	No programa: “Miss” Brasil no Paraná				20h	Folha de Goiás	Terceira página
18/04/1950	18/04/1950	Anúncio	“A ABRAZADORA” — Joel Mc Crea, Veronica Lake Preston — Foster e Donald Crisp. O diabo soltou aquela mulher naquela terra até então feliz. Uma história de amor e de muito ódio.	Ramrod	Faroeste	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
18/04/1950	18/04/1950	Anúncio	No programa: “Miss” Brasil no arpoador					Folha de Goiás	Terceira página

21/04/1950	21/04/1950	Anúncio	A Republic apresentará o eletrizante drama em Tecnicolor — NA VELHA SENDA — com Roy Rogers, Tito Guizar e a turma do barulho. Um filme encantador pela sua beleza natural e pelas suas canções melodiosas de Tito Guizar! No mesmo programa o seriado: O CHICOTE DO ZORRO	On the old Spanish Trail	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
22/04/1950	22/04/1950	Anúncio	A Republic apresentará o movimentado drama! ROMANCE NO INVERNO — Lynn Roberts e Charles Drak. Um romance tempestuoso de ódio e amor que emociona desde o inicio! Um drama sensacional	Winter Wonderland	Drama	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

26/04/1950	26/04/1950	Anúncio	A maravilhosa produção de 1950! — “Ninguém Crê em mim” com Bobby Driscoll, Barbara Hale e Artur Kennedy	The window	Drama / Film Noir	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
28/04/1950	28/04/1950	Anúncio	“Na Jaula dos Leões” com Richard Denning, Sheila Ryan e Buster Clabbe, “o homem leão”. Arrepiante filme de aventuras.	Caged Fury	Drama	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
28/04/1950	28/04/1950	Anúncio	No mesmo programa o seriado “O CHICOTE DO ZORRO”	Zorro’s Black Whip	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
29/04/1950	29/04/1950	Anúncio	A Universal International apresenta a maravilhosa película. “Galante Rendição” com Margaret Lockwood, Stewart Granger e Patricia Roe.	Love Story	Drama / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

04/05/1950	04/05/1950	Anúncio	Travessura de Julia - Greer Garson, Walter Pidgeon e Elisabeth Scott. Julia era estouvada, era mesmo um demônio, mas quando chegou o momento de ver em jogo a felicidade de um ente querido agiu ...	Julia misbehaves	Comédia	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
04/05/1950	04/05/1950	Anúncio	No programa — Churrasco à “Miss” Brasil					Folha de Goiás	Terceira página
03/05/1950	03/05/1950	Anúncio	A METRO apresentará a comédia — granfina — Travessura de Julia - Greer Garson, Walter Pidgeon e Elisabeth Scott. Julia era estouvada, era mesmo um demônio, mas quando chegou o momento de ver em jogo a felicidade de um ente querido agiu ...	Julia misbehaves	Comédia	EUA		Folha de Goiás	Terceira página

05/05/1950	05/05/1950	Anúncio	Hoje a Metro oferece VIDA A LARGA — Gene Kelly — uma comedia cheia de aventuras.	Living in a Big Way	Comédia / Musical	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
05/05/1950	05/05/1950	Anúncio	E mais “O CHICOTE DO ZORRO”	Zorro’s Black Whip	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
05/05/1950	05/05/1950	Anúncio	No programa “Miss” Brasil em sua residência.					Folha de Goiaz	Terceira página
06/05/1950	06/05/1950	Anúncio	Em duas sessões hoje, o magnífico filme em Technicolor BILL E LU — Um filme novo, diferente, lindo — feito para crianças e adultos.	Bill and Co	Musical	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
09/05/1950	09/05/1950	Anúncio	HARA KIRÍ — com Carles Boyer, Merle Oberon, e Jon Loder. Um romance de grandes emoções e aventuras.	The Battle	Drama / Romance	França / Reino Unido		Folha de Goiaz	SEXTA PAGINA

10/05/1950	10/05/1950	Anúncio	FURIA NO CÉU — Ingrid Bergman, Robert Montgomery e G. Sanders — Emocionante! Romântico! Violento! — É um filme da METRO.	Rage in Heaven	Drama / Thriller	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
11/05/1950	11/05/1950	Anúncio	MASCOTE DA CIDADE com Margaret O'Brien e Robert Preston. Todos a reclamavam ... todos a desejavam... Tres rapazes queriam ser o pai da Mascote da Cidade, como resolver o problema?	Big City	Drama	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
12/05/1950	12/05/1950	Anúncio	Stephanie Bachelor e Michael Browne no colossal filme da Republic O CRIME DO SÉCULO. O mistério rondava em torno da jovem que fôra proibida de entrar no quarto de seu pai moribundo! No mesmo programa o seriado O CHICOTE DO ZORRO.	Crime of the Century	Drama	EUA		Folha de Goiás	Terceira página

13/05/1950	13/05/1950	Anúncio	Um filme da RKO, com Phillips Terry e Jacqueline White — A CASA MALDITA — Um filme policial de aventuras e mistério! Um romance turbulento de paixão e ódio!	Seven Keys to Baldpate	Suspense / Thriller	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
14/05/1950	14/05/1950	Anúncio	ALVORADA DE UMA NAÇÃO — (Argentina) Henrique Muino, Angela Maganã e Norma Cartillo. Filme premiado em Canes.	His best Student (EUA) Su mejor alumno	Drama	Argentina		Folha de Goiaz	Terceira página
16/05/1950	16/05/1950	Anúncio	ALVORADA DE UMA NAÇÃO — (Argentina) Henrique Muino, Angela Maganã e Norma Cartillo. Filme premiado em Canes.	His best Student (EUA) Su mejor alumno	Drama	Argentina		Folha de Goiaz	Terceira página

17/05/1950	17/05/1950	Anúncio	Charles Beyer, Ingrid Bergman e Charles Laughton no colossal filme da METRO — ARCO DO TRIUNFO. O filme jamais visto e igualado!... Uma grande história de amor e renúncia vivida por grandes figuras da tela!	Arch of Triumph	Drama / Romance	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
18/05/1950	18/05/1950	Anúncio	SOL DA MANHA — em Tecnicolor — Uma delícia neste filme. Ouçam Janette nos mais belos trechos da Opera Madame Butterfly.	The sun comes up	Drama / Aventura	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
19/05/1950	19/05/1950	Anúncio	PROCESSAMOS O ASSASINO - (Republic) — RED RIDERS. Farwest cheio de emoções e aventuras! — E início do seriado — ARANHA MORTAL		Faroeste	EUA		Folha de Goiás	Terceira página

20/05/1950	20/05/1950	Anúncio	ACONTECEU À MEIA NOITE — WILLIAN GORGAN. Passava sobre ele terrível acusação de haver assassinado seu próprio irmão. Uma produção da Paramount.	Waterfront at Midnight	Drama / Ação	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
21/05/1950	21/05/1950	Anúncio	O HOMEM QUE EU AMO. Loretta Young, Robert Mitchum e William Holden. Ela devia escolher entre o homem que a desposara por bondade e outro que lhe oferecia amor. Ele comprava aquela mulher a peso de ouro...	Rachel and the Stranger	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Sexta página (contraCapa)
23/05/1950	23/05/1950	Anúncio	CAVALHEIRO POR UMA NOITE (UNIVERSAL) — Don Duryea, Ella Raynes e William Dendex. A casaca pertence a outro ... e a garota também! É notável!	The Swindlers	Drama	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

24/05/1950	24/05/1950	Anúncio	O filme da Metro em technicolor — DESFILE DE PÁSCOA com Judy Garland, Fred Astaire, Peter Lawford e Ann Miller. Um filme digno de ser visto! Encantamento! Musicais de Irving Berlin.	Easter Parade	Comédia / Musical	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
25/05/1950	25/05/1950	Anúncio	PISANDO EM BRASAS (Metro) Red Skelton e Brian Douley. Neste filme o Red confirma sua arte para fazer rir, dentro de um drama de elevado teor. No programa o seriado.	A Southern Yankee	Faroeste	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
26/05/1950	26/05/1950	Anúncio	PISANDO EM BRASAS (Metro) Red Skelton e Brian Douley. Neste filme o Red confirma sua arte para fazer rir, dentro de um drama de elevado teor. No programa o seriado.	A Southern Yankee	Faroeste	EUA		Folha de Goiás	Terceira página

27/05/1950	27/05/1950	Anúncio	DEMONIO DOURADO (METRO) — Wallace Berry, Tom Crake e Dorothy Patrick — Engraçadíssimo filme como só Wallace poderia fazer — gosadissimo!	Alias a Gentleman	Comédia / Romance	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
28/05/1950	28/05/1950	Anúncio	A VOLTA DOS HOMENS MAUS — Randolph Scott e Ann Jefryes. Aventuras! Romance! Ação! — Revólveres fumegantes escreviam a história e lábios sequiosos tornavam as noites inesquecíveis — Eles voltaram para a vingança!	Return of the Bad Men	Faroeste	EUA		Folha de Goiás	Terceira página

30/05/1950	30/05/1950	Anúncio	SAUDADES DE TEUS LÁBIOS (METRO) — em technicolor — Esther Williams, Jimmy Durante, e Xavier Cugat e sua orquestra. Uma maravilha de cores e encanto de Esther Williams juntadas à música de Xavier Cugat.	This time for keeps	Musical	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
31/05/1950	31/05/1950	Anúncio	SAUDADES DE TEUS LÁBIOS (METRO) — em technicolor — Esther Williams, Jimmy Durante, e Xavier Cugat e sua orquestra. Uma maravilha de cores e encanto de Esther Williams juntadas à música de Xavier Cugat.	This time for keeps	Musical	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
01/06/1950	01/06/1950	Anúncio	13 SOLDADINHOS DE CHUMBO (FOX) — com Tom Gouway (Buldoc Drummond) Maria Polver e outros. Um filme de aventuras vocambolescas!	13 Lead Soldiers	Suspense	EUA		Folha de Goiás	Terceira página

03/06/1950	03/06/1950	Anúncio	A FOX, sempre na vanguarda, apresenta HOMEM EM FUGA — Rex Harrison e Peggy Cumings. A injustiça dos homens levou-o ao desespero, o amor de uma mulher restituiu-lhe a esperança!	Escape	Suspense	Reino Unido / EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
04/06/1950	04/06/1950	Anúncio	A R K O tem o prazer de apresentar o sobreo filme em technicolor! O HOMEM DE 8 VIDAS — Danny Kaye, Virginia Maio e Boris Karlofs. Que bom é sonhar! Na sua imaginação, ele fazia cousa que jamais teria realizado na vida real... Oito vidas diferentes, mas sempre a mesma garota povoara os seus sonhos ... — DUAS SESSÕES	The secret life of Walter Mitty	Drama / Comédia	EUA		Folha de Goiaz	Oitava página

08/06/1950	08/06/1950	Anúncio	A PARAMOUNT oferece ao publico de Goiânia, um dos seus maiores espetáculos de emoções! LAFITE, O CORSÁRIO Francisca Gaal, Frederich March e Akim Tamiroff. — O pirata indomito, vencedor de cem encarniçadas lutas pelos sete mares das aventuras! A mais genial realização de Cecill B. Mille	The Buccaneer	Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
09/06/1950	09/06/1950	Anúncio	SENDA DOS COVARDES Um super Western com a mais sensacional aventura do Oeste americano.	The Navajo Trail	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
09/06/1950	09/06/1950	Anúncio	No programa o seriado ARANHA MORTAL					Folha de Goiaz	Terceira página

10/06/1950	10/06/1950	Anúncio	A CASA DA COBIÇA — Kieron Moore e Margaret Johnson — O demônio da ambição! O cinema novelesco não fixou nenhum mais cinico, nem mais insensível criminoso!	A man about the house	Drama	Itália / Reino Unido		Folha de Goiaz	Terceira página
13/06/1950	13/06/1950	Anúncio	SESSÃO DAS MOÇAS outro grande filme NEM TUDO É ILUSÃO Com Betty Hustten, Mac Donald Carey e Virginia Field.	Dream Girl	Drama / Romance	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
14/06/1950	14/06/1950	Anúncio	A REPUBLIC apresenta o sensacional drama do ano! MACBETH, REINADO DE SANGUE Orson Welles e Jeanethe Nolan — A tragédia de um reinado sangrento! Um filme violento e emocionante! Um grandioso filme.	Macbeth	Drama / História	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

15/06/1950	15/06/1950	Anúncio	A "Republic" apresenta o sensacional drama! PAIXÃO SANGRENTA Com John Carroll, W. Elliot e Catarine Mc Leod — Dois valentes que lutam por suas terras e amam a mesma mulher!	The Fabulous Texan	Faroeste	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
16/06/1950	16/06/1950	Anúncio	A FOX apresenta o encantador filme! TERNURA DE INFÂNCIA Joe E. Brown (Boca Larga) e William Norris. — Uma comédia de mil encantos e emoções!		Comédia	EUA		Folha de Goiás	Terceira página
17/06/1950	17/06/1950	Anúncio	QUERIDINHA DO VOVÔ Uma bela produção da FOX com a queridinha de todos! SHIRLEY TEMPLE! Um filme que tem de tudo para todos!	Wee Willie Winkie	Drama / Ação	EUA		Folha de Goiás	Terceira página

18/06/1950	18/06/1950	Anúncio	CORTINA DE FERRO Gienny Tierney e Dana Andrews — Uma história empolgante de um homem que tudo fez 4 lutou para conquista da liberdade de um povo! (Filme FOX)	The Iron Curtain	Suspense	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
21/06/1950	21/06/1950	Anúncio	A PARAMOUNT se orgulha em apresentar a grande produção histórica por todos aplaudida! O VENENO DOS BORGIAS Paulette Godard, John Bund e MacDonald Carey — A noiva mais famosa do mundo! Ela jurou amar honrar e matar o homem com quem se casou! Aventuras flamejantes! Espetáculo arrebatador!	Bride of Vengeance	Drama histórico	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

22/06/1950	22/06/1950	Anúncio	TORTURAS DE UM DESEJO ESTI JARRET, ZETLELING E ALFKJELLTN — Drama psicológico que focaliza corajosamente as paixões humanas! — Um a impelia ao vicio e outro queria redmi-la com seu amor! Um filme forte e impróprio até 18 anos! — DUAS SESSÕES	HETS	Drama	Suécia		Folha de Goiaz	Terceira página
23/06/1950	23/06/1950	Anúncio	A RKO apresenta o filme policial DICK TRACY EM LUTA Um drama de aventuras policiais de grandes emoções!		Ação / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
23/06/1950	23/06/1950	Anúncio	No programa o seriado: ARANHA MORTAL	The black window	Drama / Aventura	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

24/06/1950	24/06/1950	Anúncio	A FOX apresenta o emocionante drama de aventuras! Em maravilhoso CINECOLOR! DEVASTANDO CAMINHO Randolph Scott, Jane Wyatt e J. Carroll Nash. Um romance tenebroso de amor e ódio do Oeste americano, cheio de aventuras!	Canadian Pacific	Faroeste	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página
25/06/1950	25/06/1950	Anúncio	ENQUANTO A MORTE ESPERA Ray Milland e Florence Marly! Sua consciência mandava punir... mas os lábios daquela mulher murmuravam que o réu era inocente! Um drama inflamável! Intriga!... Ódio! ... Crime! ... (Produção da Paramount) — DUAS SESSÕES	Sealed Verdict	Drama	EUA		Folha de Goiaz	Terceira página

25/06/1950	25/06/1950	Anúncio	UM DESENHO COLORIDO — FAR-WEST: DEVASTANDO O CAMINHO (colorido)	Canadian Pacific	Faroeste	EUA	*** primeira vez que aparece a matinê nestes anúncios Matinê 13 e 15 horas	Folha de Goiás	Terceira página
27/06/1950	27/06/1950	Anúncio	A BOMBA (Em sessão das moças) a maior comédia feita pelos maiores comicos de todos os tempos — O GORDO E O MAGRO! Outra grande produção da FOX	The big noise	Comédia	EUA		Folha de Goiás	Terceira página